

O TERROR

VOL 2 DE 2

DAN SIMMONS

Tradução de Ester Cortegano

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Passe direto para o próximo capítulo

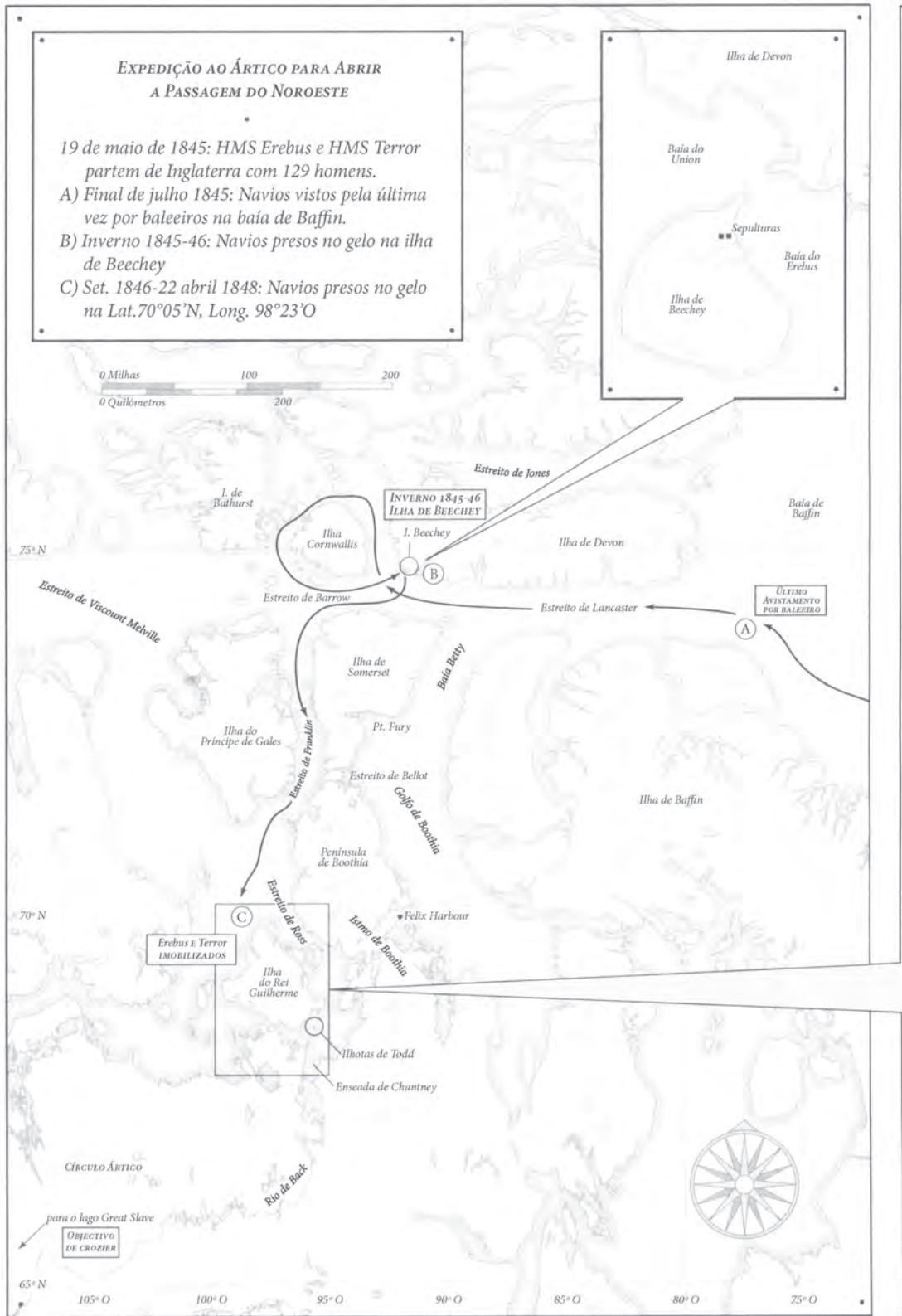
EXPEDIÇÃO AO ÁRTICO PARA ABRIR
A PASSAGEM DO NOROESTE

19 de maio de 1845: HMS Erebus e HMS Terror
partem de Inglaterra com 129 homens.

A) Final de julho 1845: Navios vistos pela última
vez por baleeiros na baía de Baffin.

B) Inverno 1845-46: Navios presos no gelo na ilha
de Beechey

C) Set. 1846-22 abril 1848: Navios presos no gelo
na Lat. 70°05'N, Long. 98°23'O



PORMENOR DA TERRA (ILHA) DO REI GUILHERME



LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DOS NAVIOS 1846-1848





*Lat. 70-05'N, Long. 98-23'W.
11 de janeiro de 1848*

Não vai acabar.
A dor não vai acabar. A náusea não vai acabar. Os arrepios não vão acabar. O terror não vai acabar.

Crozier contorce-se entre os cobertores gelados do beliche e tem vontade de morrer.

Durante os seus momentos de lucidez naquela semana, que foram poucos, Crozier lamenta a ação mais sensata que levou a cabo antes de recolher aos seus demónios; dera a pistola ao tenente Little sem qualquer explicação para além de dizer a Edward que não a devolvesse a não ser que ele, o comandante, lha pedisse quando estivesse no convés e completamente fardado.

Agora, Crozier pagaria qualquer coisa para ter na mão a sua arma carregada. Aquele nível de dor era insuportável. Aqueles *pensamentos* eram insuportáveis.

Memo Moira, a sua avó pelo lado do pai falecido e pouco lamentado, era a pária da família; ninguém falava a seu respeito, não se mencionava o seu nome. Com oitenta anos, quando Crozier ainda nem chegara à adolescência, Memo vivia a duas aldeias de distância — uma distância imensa, inestimável e intransponível para um rapazinho — e a família da mãe dele não a incluía nos eventos familiares nem mencionava a sua existência.

Ela era uma papista. Era uma bruxa.

Quando tinha dez anos, Crozier começou a escapular-se para a aldeia dela, pedinchando boleias aos carroceiros. Passado um ano, estava a acom-

panhar a mulher àquela estranha igreja papista da sua aldeia. A sua mãe, e a tia, e a avó materna teriam morrido, se soubessem. Ele teria sido repudiado, e exilado, e olhado com tanto desprezo pelo decente lado irlandês-inglês presbiteriano da sua família como a Junta Naval e o Conselho Ártico o tinham olhado durante todos aqueles anos só por ele ser irlandês. E plebeu.

Memo Moira julgara-o especial. Dissera-lhe que ele tinha a Clarividência.

A ideia não assustara o jovem Francis Rawdon Moira Crozier. Ele adorava a escuridão e o mistério da cerimónia católica — o padre enorme a andar pomposamente como uma gralha-preta e a proferir magia numa língua morta, a magia imediata da Eucaristia a fazer ressuscitar um morto para que os fiéis O pudessem devorar e transformar-se n'Ele, o cheiro do incenso e os cânticos místicos. Uma vez, tinha ele doze anos, pouco antes de fugir para o mar, disse a Memo que queria ser padre, e a senhora idosa soltara aquela sua gargalhada louca e rouca e dissera-lhe que era melhor esquecer aquele disparate.

— Ser padre é tão vulgar e inútil como ser um irlandês bêbado. Use antes a Clarividência, jovem Francis — dissera ela. — Use a Clarividência que a minha família conhece há tantas gerações. Vai ajudá-lo a ir a sítios e ver coisas que mais ninguém nesta triste terra alguma vez viu.

O jovem Francis não acreditava em Clarividências. Isso fora mais ou menos pela mesma altura em que percebera que não acreditava em Deus. Foi para o mar. Acreditou em tudo o que ali aprendeu e viu, e algumas dessas visões e lições eram verdadeiramente estranhas.

Crozier cavalga as cristas de dor que se revolvem por ondas de náusea. Acorda apenas para vomitar para o balde que Jopson, o seu camareiro, lhe deixou e que vai substituir a cada hora. Crozier sofre até àquela cavidade no centro de si mesmo onde tem a certeza que residia a sua alma, até ter sido afogada num mar de uísque, ao longo das décadas. Durante aqueles dias e noites de suores frios sobre lençóis congelados, ele sabe que daria o seu posto, as suas honras, a sua mãe, as suas irmãs, o nome do seu pai e a própria memória de Memo Moira por mais um copo de uísque.

O navio geme à medida que continua a ser inexoravelmente comprimido pelo gelo implacável. Crozier geme à medida que os seus demónios continuam a comprimi-lo inexoravelmente através de arrepios, febre, dor, náusea e arrependimento. Está agarrado a uma tira de quinze centímetros cortada de um cinto velho, e morde-a para se impedir de gemer alto no meio da escuridão. Mas geme na mesma.

Consegue imaginar tudo. Consegue *ver* tudo.

A senhora Jane Franklin está no seu elemento. Agora, sem ter uma palavra do marido há dois anos e meio, está no seu elemento. A senhora

Franklin, a Indómita. A senhora Franklin, a Viúva Que se Recusava a Ser Viúva. A senhora Franklin, a Patrona e Santa do Ártico que matou o seu marido... A senhora Franklin, que nunca aceitará esse facto.

Crozier consegue vê-la tão claramente como se possuísse mesmo a Clarividência. Jane Franklin nunca pareceu mais bela do que agora, na sua obstinação, na sua recusa em fazer o luto, na sua determinação em acreditar que o marido está vivo e que a expedição de Sir John tem de ser encontrada e salva.

Mais de dois anos e meio se passaram. A Marinha sabe que Sir John abasteceu o *Erebus* e o *Terror* para três anos com rações normais, mas que esperava emergir para além do Alasca no verão de 1846, e, certamente, nunca depois de agosto de 1847.

Por esta altura, a senhora Jane já terá obrigado a letárgica Marinha e o Parlamento a tomarem uma medida. Crozier consegue vê-la a escrever cartas ao almirantado, cartas ao Conselho Ártico, cartas aos seus amigos e antigos pretendentes no Parlamento, cartas à rainha e, claro, cartas ao seu marido morto, todos os dias, escrevendo com a sua letra perfeita e prática e dizendo ao querido falecido Sir John que sabe que o seu querido está vivo e que ela está ansiosa pelo inevitável re-encontro entre os dois. Consegue vê-la a contar ao mundo inteiro que faz isto mesmo. Vai mandar maços e volumes de cartas para ele com os primeiros navios de resgate... navios da Marinha, decerto, mas também muito provavelmente navios privados, contratados ou com o decrescente dinheiro da fortuna pessoal da senhora Jane ou por subscrições de amigos ricos e preocupados.

Emergindo das suas visões, Crozier tenta sentar-se no beliche e sorri. Os arrepios fazem-no tremer como o mastaréu do joanete no meio de uma tempestade. Vomita para o balde quase cheio. Volta a deixar-se cair sobre a almofada encharcada de suor e a cheirar a bÍlis e fecha os olhos para, de novo, viajar nas vagas das suas visões.

Quem enviariam eles para salvar o *Erebus* e o *Terror*? Quem teriam já enviado?

Crozier sabia que Sir John Ross estaria mais do que ansioso por liderar qualquer grupo de resgate no gelo, mas também vê que a senhora Jane Franklin ignorará o velho — que considera vulgar — e escolherá o sobrinho dele, James Clark Ross, com quem Crozier explorou os mares em volta da Antártida.

O Ross mais novo tinha prometido à sua jovem esposa que nunca mais voltaria a fazer nenhuma exploração marítima, mas Crozier vê que ele não conseguiria recusar um tal pedido da senhora Franklin. Ross quereria levar dois navios. Crozier vê-os partir naquele próximo verão de 1848. Vê os dois navios passarem a norte da ilha de Baffin, depois virarem a oeste pelo

estreito de Lancaster, onde Sir John passou com o *Terror* e o *Erebus* três anos antes — quase consegue ver os nomes nas proas dos navios de Ross — mas, para além da enseada do Príncipe Regente, talvez para além da ilha de Devon, Sir James encontra a mesma banquisa implacável que está a escravizar os navios de Crozier. No verão seguinte não haverá degelo completo nos estreitos e enseadas por onde os mestres do gelo Reid e Blanky os conduziram. Sir James Clark Ross não chegará nem a trezentas milhas do *Terror* e do *Erebus*.

Crozier vê que voltam para Inglaterra no gelado início do outono de 1848.

Ele chora, ao mesmo tempo que geme e morde com força a sua tira de couro. Tem os ossos gelados. A carne a arder. Formigas passeiam-se por todo o lado, por cima da pele, debaixo da pele.

A sua Clarividência vê que enviariam outros navios, outras expedições de resgate naquele ano do Nosso Senhor de 1848, alguns, muito provavelmente, enviados ao mesmo tempo ou antes mesmo do grupo de buscas de Ross. A Marinha Real era lenta — uma indolência marítima — mas Crozier sabe que, uma vez em ação, ela tendia a exagerar em tudo o que fazia. Um deplorável excesso depois do adiamento interminável: era este o procedimento padrão na Marinha que Francis Crozier conhecia há quatro décadas.

Na mente dorida, Crozier viu pelo menos uma outra expedição naval a partir para a baía de Baffin em busca dos Franklins perdidos no próximo verão e, muito provavelmente, até um terceiro esquadrão naval enviado em volta do cabo Horn para se encontrar, teoricamente, com os outros navios de busca perto do estreito de Bering, procurando-nos no ártico ocidental, de onde o *Erebus* e o *Terror* nunca se tinham aproximado. Tais laboriosas operações estender-se-iam até 1849 e mais ainda.

E ainda estamos no início da segunda semana de 1848. Crozier duvida que os seus homens consigam sobreviver até ao verão.

Haveria alguma expedição terrestre enviada desde o Canadá para seguir o rio Mackenzie até à linha costeira ártica, depois virando a sul para as terras de Wollaston e Victoria em busca dos seus navios, enalhados algures ao longo da fugidia Passagem de Noroeste? Crozier tem a certeza que sim. As hipóteses de uma tal expedição terrestre os descobrir a vinte e cinco milhas no interior do mar, a noroeste da ilha do Rei Guilherme, são nulas. Um tal grupo nem sequer saberia que a ilha do Rei Guilherme *era* uma ilha.

Anunciaria o primeiro lorde do almirantado, na Câmara dos Comuns, uma recompensa pelo salvamento de Sir John e dos seus homens? Crozier pensa que sim. Mas quanto? Mil libras? Cinco mil libras? Dez mil? Crozier fecha os olhos com força e vê, como que num pergaminho aberto na sua

frente, a soma de vinte mil libras oferecidas a quem quer que «possa oferecer assistência eficaz no salvamento das vidas de Sir John Franklin e a sua esquadra».

Crozier ri-se novamente, o que faz com que volte a vomitar. Está a tremer de frio, e de dor, e do nítido absurdo das imagens na cabeça. À sua volta, o navio range com a pressão do gelo. O comandante já não consegue distinguir o ranger do navio dos seus próprios gemidos.

Vê uma imagem de oito navios — seis britânicos, dois americanos — aglomerados a poucas milhas uns dos outros, em ancoradouros praticamente congelados que Crozier pensa reconhecer como a ilha de Devon, perto de Beechey, ou talvez a ilha de Cornwallis. É, obviamente, um dia no final do verão ártico, talvez em finais de agosto, uns meros dias antes de um frio súbito que os poderá prender a todos. Crozier tem a sensação de que esta imagem se encontra dois ou três anos no futuro da sua terrível realidade, daquele momento em 1848. Porque razão oito navios enviados para os resgatar acabariam amontoados daquela maneira, num sítio, em vez de se espalharem por milhares de milhas quadradas à procura de sinais da passagem de Franklin? Aquilo não faz qualquer sentido para Crozier. É um delírio da loucura tóxica.

As embarcações variam entre uma pequena escuna e uma outra pequena embarcação demasiado fraca para verdadeiras viagens no gelo até uns navios americanos de 144 e 81 toneladas, desconhecidos de Crozier, e uma lancha de pilotos inglesa de 90 toneladas, rudemente adaptada para a viagem no Ártico. Há vários navios ingleses adequados, a vela e a vapor. Com o olho da sua mente dorida consegue ver os nomes dos navios — *Advance* e *Rescue*, estes com a bandeira americana, e o *Prince Albert* para a lancha de pilotos, bem como o *Lady Franklin* à cabeça da esquadra britânica ancorada. Há também dois navios que Crozier associa com o velho John Ross — a diminuta escuna *Felix* e o totalmente inapropriado pequeno iate *Mary*. Finalmente, os dois verdadeiros navios da Marinha Real, *Assistance* e *Intrepid*.

Como que observados através dos olhos de uma gaivina ártica a planar no alto, Crozier consegue ver que aqueles oito navios estão aglomerados a menos de quarenta milhas uns dos outros — quatro das embarcações mais pequenas na ilha de Griffith, sobre o estreito de Barrow, quatro dos navios ingleses restantes em Assistance Bay, na ponta sul de Cornwallis, e os dois navios americanos mais a norte, mesmo ao virar da curva oriental da ilha de Cornwallis, no lado oposto no canal de Wellington de onde Sir John ancorara para o primeiro inverno na ilha de Beechey. Nenhum deles se encontra a menos de duzentas e cinquenta milhas do ponto mais a sudoeste onde estão encurralados o *Erebus* e o *Terror*.

Um minuto mais tarde, uma névoa ou nuvem desvanece-se, e Crozier vê seis daqueles navios ancorados a um quarto de milha uns dos outros, na curva da linha de costa de uma pequena ilha.

Crozier vê homens a correrem pelo cascalho gelado sob um negro penhasco vertical. Os homens estão excitados. Ele quase consegue ouvir as suas vozes no ar gelado.

É a ilha de Beechey, ele tem a certeza disso. Os homens encontraram as placas tumulares e sepulturas do fogueiro John Torrington, do marinheiro John Hartnell e do fuzileiro William Braine.

Crozier sabe que, quer esta descoberta do seu sonho febril esteja mais ou menos distante no futuro, para ele e para os outros homens no *Erebus* e no *Terror*, ela não servirá de nada. Sir John saiu da ilha de Beechey numa pressa descuidada, partindo a todo o vapor no primeiro dia em que o gelo deu de si o suficiente para permitir que os navios deixassem o seu ancoradouro. Depois de nove meses ali presa, a Expedição de Franklin não deixara sequer uma nota a dizer em que direção seguia.

Crozier compreendia na altura que Sir John não sentira necessário informar o Almirantado de que estava a obedecer às suas ordens e a navegar para sul. Sir John Franklin obedecia sempre às suas ordens. E assumia, portanto, que o Almirantado confiaria que ele o voltara a fazer. Mas, depois de nove meses na ilha — e depois de se ter construído o marco adequado e até de se deixar lá dentro as latas de comida de Goldner cheias de pedrinhas, como uma espécie de brincadeira — permanecia o facto de que o marco de mensagens da ilha de Beechey fora deixado vazio, ao contrário do que diziam as ordens de Franklin.

O Almirantado e o Serviço de Descobertas tinham abastecido a Expedição de Franklin com duzentos cilindros estanques de bronze para o propósito expresso de serem deixadas mensagens do seu paradeiro e destino ao longo de todo o curso da busca pela Passagem de Noroeste, e Sir John usara... um: aquele contentor inútil enviado para a terra do Rei Guilherme, vinte e cinco milhas a sudoeste da sua actual posição, escondido uns dias antes da morte de Sir John, em 1847.

Na ilha de Beechey, nada.

Na ilha de Devon, que eles passaram e exploraram, nada.

Na ilha de Griffith, onde tinham procurado por portos de abrigo, nada.

Na ilha de Cornwallis, que tinham circum-navegado, nada.

Ao longo de toda a extensão da ilha de Somerset, e da ilha do Príncipe de Gales, e da ilha Victoria, por onde tinham passado para sul durante o verão de 1846, nada.

E agora, no seu sonho, os salvadores nos seis navios — agora também correndo o risco de ficarem presos no gelo — olhavam para norte e para

um possível mar aberto pelo canal de Wellington acima na direção do Polo Norte. A ilha de Beechey não revelava quaisquer pistas. E Crozier, do privilegiado ponto de vista da sua gaivina mágica, conseguia ver que o estreito de Peel para sul — por onde o *Erebus* e o *Terror* tinham aberto o caminho ano e meio antes, durante aquele breve degelo de verão — era agora, neste verão futuro, um sólido lençol branco, tão longo quanto a vista dos homens na ilha de Beechey e a navegar o estreito de Barrow conseguia alcançar.

Eles nunca tinham sequer pensado que Franklin poderia ter seguido por ali... que ele poderia ter obedecido às suas ordens. A sua atenção — durante os anos seguintes, uma vez que Crozier vê que eles estão agora presos no estreito de Lancaster — está concentrada em procurar para norte. As ordens secundárias de Sir John eram que, se não conseguisse continuar para sul para abrir a Passagem, deveria virar para norte e atravessar a teórica orla de gelo para o ainda mais teórico Mar Polar Aberto.

Crozier sabe, no seu coração cada vez mais atolado, que os comandantes e marinheiros daqueles oito navios de resgate chegaram todos à conclusão que Franklin fora para norte — precisamente a direção oposta em que tinham, de facto, seguido.

Acorda durante a noite. Foi o seu próprio gemido que o despertou. Há ali luz, mas os olhos não a suportam, por isso tenta compreender o que está a acontecer: o ardor na pele provocado pelo toque e os estrondos que são todos os ruídos. Dois homens — o seu criado, Jopson, e o cirurgião, Goodsir — estão a despir-lhe a camisa de noite imunda e encharcada de suor, a lavá-lo com água miraculosamente morna e a vestir-lhe com cuidado uma camisa limpa e meias. Um deles tenta dar-lhe sopa a comer com uma colher. Crozier vomita o caldo magro, mas o conteúdo do balde de vômito cheio até à borda está congelado, e ele tem uma vaga consciência de os dois homens lhe limparem o pavimento. Fazem-no beber um pouco de água e ele volta a cair nos lençóis frios. Um deles estende-lhe um cobertor quente por cima — um cobertor quente, seco, *não congelado* — e ele quer chorar de gratidão. Também quer falar, mas está a escorregar de novo para o turbilhão das suas visões e não consegue encontrar ou proferir as palavras antes que todas as palavras lhe voltem a escapar.

Vê um rapaz de cabelo preto e pele esverdeada enroscado em posição fetal contra uma parede de tijolo cor de urina. Crozier sabe que o rapaz é um epilético num sanatório, nalguma casa de tolos qualquer. O rapaz não mostra qualquer movimento exceto nos olhos escuros, que constantemente se movem de um lado para o outro como os de um réptil. *Aquela forma sou eu.*

Assim que pensa isto, Crozier sabe que aquele não é o seu medo. É o pesadelo de outro homem qualquer. Ele está brevemente noutra mente.

Sophia Cracroft entra nele. Crozier solta um queixume abafado pela tira de couro.

Ele vê-a nua e a encostar-se a ele na lagoa do ornitorrinco. Vê-a distante e desdenhosa no banco de pedra na Casa do Governo. Vê-a de pé e a acenar — não a ele — com o seu vestido de seda azul, na doca em Greenhithe, no dia de maio em que o *Erebus* e o *Terror* partiram. Agora vê-a como nunca a viu antes — uma Sophia Cracroft futura-presente, orgulhosa, de luto, secretamente feliz pelo seu luto, renovada e renascida como a assistente e companhia e amanuense da sua tia Jane Franklin. Viaja para todo o lado com a senhora Jane — duas mulheres indómitas, chamar-lhes-á a imprensa — Sophia quase tão visivelmente ansiosa, e esperançosa, e estridente, e feminina, e excêntrica, e determinada na tarefa de convencer o mundo inteiro a ir em busca de Sir John Franklin como a sua tia. Ela nunca mencionará Francis Crozier, nem sequer em privado. Aquele, vê ele de imediato, é um papel perfeito para Sophia: brava, autoritária, autorizada, capaz de desempenhar o papel de coquete durante décadas, com a desculpa perfeita para evitar o compromisso ou o verdadeiro amor. Nunca se casará. Viajará pelo mundo inteiro com a senhora Jane, sem nunca desistir publicamente da esperança de encontrar o desaparecido Sir John, mas — muito depois da rendição da verdadeira esperança — ainda gostando da simpatia, do poder e da posição que aquela espécie de viuvez lhe confere.

Crozier tenta vomitar, mas o seu estômago está vazio há horas, ou dias. Apenas pode encolher-se e suportar as cólicas.

Ele está na sala escura de uma casa atulhada de mobílias espalhafatasas. É uma quinta americana, em Hydesdale, Nova Iorque, uns trinta e dois quilómetros a oeste de Rochester. Crozier nunca ouviu falar de Hydesdale nem de Rochester, Nova Iorque. Sabe que é a primavera daquele ano, 1848, talvez apenas a umas poucas semanas de distância no seu futuro. Por entre uma estreita abertura nas espessas cortinas corridas, vê-se um relâmpago. O trovão abala a casa.

— Mãe, venha! — grita uma das duas meninas à mesa. — Prometemos que vai achar isto edificante.

— Vou achá-lo aterrorizante — diz a mãe, uma pesada mulher de meia-idade com uma ruga perpétua a dividir-lhe a testa desde o apertado carrapito cinzento até às pesadas sobrancelhas franzidas. — Eu nem sei porque é que deixei que me convencessem a fazer isto.

Crozier só conseguiu maravilhar-se com a monótona feiura do dialeto rural americano. Quase todos os americanos que ele conhecera eram marinheiros, capitães da marinha americana ou caçadores de baleias.

— Depressa, mãe! — A rapariga que fala com a mãe com um tom tão autoritário é Margaret Fox, de 15 anos. Está vestida de forma modesta e é

atraente daquela maneira afetada e não especialmente inteligente que Crozier viu muitas vezes nas poucas americanas que conheceu. A outra rapariga à mesa é a irmã de Margaret, Catherine, de onze anos. A menina mais nova, cujo rosto pálido mal se vê à luz da vela, é mais parecida com a mãe, desde as sobrancelhas escuras e o carrapito demasiado apertado ao incipiente sobrolho franzido.

Os relâmpagos continuam entre as cortinas poeirentas.

A mãe e as duas raparigas dão as mãos em volta do círculo da mesa de carvalho. Crozier repara que o paninho de renda sobre a mesa amareleceu com a idade. As três mulheres têm os olhos fechados. Um trovão faz oscilar a chama da única vela.

— Está aí alguém? — pergunta Margaret.

Uma sonora pancada seca. Não um trovão, mas como que um *baque*, como se alguém tivesse batido em madeira com um pequeno maço. As mãos de todas estão à vista.

— Oh, Céus! — exclama a mãe, obviamente pronta para levar as mãos à boca, de medo. As suas duas filhas agarram-na com mais força e impedem-na de quebrar o círculo. A mesa abana com o movimento.

— Será o nosso Guia, esta noite? — pergunta Katy.

Um sonoro TAC.

— Veio para nos magoar de alguma maneira? — pergunta Katy.

Dois TACs ainda mais audíveis.

— Está a ver, mãe? — sussurra Maggie. Fechando os olhos novamente, ela diz, num sussurro teatral. — Guia, é o amável senhor Splitfoot, que comunicou connosco ontem à noite?

TAC.

— Obrigada por nos convencer ontem de que era real, senhor Splitfoot — continua Maggie, falando quase como se estivesse em transe. — Obrigado por dizer à mãe os pormenores dos seus filhos, por dizer as nossas idades, e por lembrá-la do seu sexto filho, que morreu. Vai responder às nossas perguntas esta noite?

TAC.

— Onde está a Expedição Franklin? — pergunta a pequena Katy.

TAC TAC TAC tac tac tac tac TAC TAC tac TAC TAC ... a percussão continuou por meio minuto.

— Isto é aquele Telégrafo Espiritual de que falaram? — sussurrou a mãe.

Maggie fez-lhe sinal para se calar. Os estalidos interrompem-se. Crozier vê, como se pudesse passar pela madeira e ver através de lã e algodão, que ambas as raparigas estão a fazer estalar os dedos dos pés. É um som extraordinariamente audível, para uns dedos tão pequenos.

— O senhor Splitfoot diz que Sir John Franklin, de quem anda toda a gente à procura, como os jornais dizem, está bem e junto dos seus homens, que também estão bem mas muito assustados, nos seus navios e no gelo perto de uma ilha a cinco dias de viagem para sul daquele sítio frio onde pararam no primeiro ano — entoa Maggie.

— É muito escuro, onde eles estão — acrescenta Katy.

Ouvem-se mais estalidos.

— Sir John diz à sua esposa, Jane, para não se preocupar — interpreta Maggie. — Ele diz que se encontrarão em breve... no outro mundo, se não for neste.

— Oh, Céus! — diz novamente a senhora Fox. — Temos de chamar Mary Redfield, e o senhor Redfield, e a Leah, claro, e o senhor e a senhora Duesler, o a senhor Hyde, e o senhor e a senhora Jewel.

— Chhhhh! — sibila Katy.

TAC, TAC, TAC, tactactactactac, TAC.

— O guia não quer que fales quando Ele nos está a guiar — sussurra Katy.

Crozier geme e morde a sua tira de couro. As cólicas que tinham começado no intestino torturam-lhe agora todo o corpo. Treme de frio num momento e atira com os cobertores no momento seguinte.

Há um homem vestido como um esquimó — *parka* de pelo de animal, botas de cano alto de pelo, um capuz felpudo como o de Silêncio. Mas este homem está de pé num palco de madeira, na frente de holofotes. Está muito calor. Atrás do homem, um pano de fundo pintado mostra gelo, icebergues, um céu invernosos. Falsa neve branca junca o chão do palco. Há quatro cães do tipo usado pelos esquimós da Gronelândia, deitados no palco, cheios de calor, com as línguas de fora.

O homem de barba vestido com a pesada *parka* está a falar do pódio salpicado de branco.

— Falo-vos hoje por humanidade, não por dinheiro — diz o homenzinho. A sua pronúncia americana arranha tão fortemente o ouvido dorido de Crozier como a das duas raparigas. — E vim a Inglaterra para falar com a própria senhora Franklin. Ela deseja-me boa sorte na nossa próxima expedição... que depende, claro, de conseguirmos angariar dinheiro aqui em Filadélfia, e em Nova Iorque, e em Boston para organizar a expedição. E ela diz que se sentiria muito honrada se os filhos dos Estados Unidos conseguissem levar o seu marido para casa. Por isso, peço hoje a vossa generosidade, mas apenas por uma questão de humanidade. Peço isto em nome da senhora Franklin, em nome do seu marido, e na firme esperança de trazer glória para os Estados Unidos da América...

Crozier vê o homem novamente. O sujeito barbudo, agora sem a sua

parka, está deitado nu numa cama do Union Hotel, em Nova Iorque, com uma mulher nua, muito jovem, ao lado. Está uma noite quente e as roupas da cama foram atiradas para trás. Não há sinais dos cães.

— Por muitos que possam ser os meus pecados — está o homem a dizer, falando suavemente porque a janela e a portada estão abertas para a noite nova-iorquina — ao menos amei-a. Fosse a querida Maggie uma imperatriz, em vez de uma pequena rapariga sem nome, com uma profissão obscura e *ambígua*, e seria a mesma coisa.

Crozier percebe que a jovem mulher nua é Maggie Fox — apenas uns anos mais velha. Ainda é atraente, àquela maneira afetada dos americanos, mesmo estando sem roupa.

— Dr. Kane, sabe bem que eu o amo — diz Maggie numa voz muito mais rouca do que a que tinha a autoritária adolescente que Crozier conhecera anteriormente.

O homem abana a cabeça. Tinha pegado num cachimbo que estava na mesa-de-cabeceira, e agora solta o braço esquerdo de debaixo da rapariga para pressionar o tabaco e acendê-lo.

— Maggie, minha querida, eu ouço as palavras dessa boquinha enganadora, enquanto sinto o seu cabelo no meu peito, e adoraria poder acreditar nelas. Mas não pode subir acima do seu lugar, minha querida. Tem muitas características que a elevam entre os seus, Maggie... é refinada, e amorosa, e, com uma educação diferente, teria sido inocente e natural. Mas não é digna de um interesse permanente da minha parte, menina Fox.

— Não sou digna — repete Maggie. Os seus olhos, talvez o seu traço mais bonito, agora que tem os seios amplos cobertos, parecem estar a transbordar de lágrimas.

— Eu estou entregue a um destino diferente, minha criança — diz o Dr. Kane. — Lembre-se que tenho as minhas próprias tristes vaidades a cumprir, tal como a menina e as suas insignificantes irmãs e mãe querem cumprir as vossas. Eu sou devotado à minha vocação como a Maggie, pobre criança, pode ser à sua, se é que se pode *chamar* vocação a essa tolice, esse teatro do espiritismo. Lembre-se então, como uma espécie de sonho, que o Dr. Kane dos Mares Árticos amou Maggie Fox, das Mensagens dos Espíritos.

Crozier acorda no escuro. Não sabe onde e quando está. O seu cubículo está escuro. O navio parece escuro. As madeiras gemem — ou será o eco dos seus próprios gemidos das últimas horas e dias? Está muito frio. O cobertor quente que ele parece recordar, aquele com que Jopson e Goodsir o cobriram, está agora tão húmido e gelado como o resto das roupas da cama. O gelo range contra o navio. O navio continua os seus gemidos de resposta, com o carvalho comprimido e o ferro tenso do frio.

Crozier quer-se levantar, mas descobre que está demasiado fraco e vazio para se mexer. Mal consegue mexer os braços. A dor e as visões rolam por cima dele como uma onda a rebentar.

Rostos de homens que conheceu, ou que encontrou, ou que viu no Serviço.

Ali está Robert McClure, um dos homens mais pérfidos e ambiciosos que Francis Crozier alguma vez conheceu — outro irlandês a querer sair-se bem no mundo inglês. McClure está no convés de um navio no gelo. Penhascos de gelo e rocha erguem-se à sua volta, a alguns cento e cinquenta metros de altura. Crozier nunca viu nada assim.

Ali está o velho John Ross, à popa de uma pequena embarcação — uma espécie de iate — a navegar para leste. A navegar para casa.

Ali está James Clark Ross, mais velho e mais gordo e menos feliz do que Crozier alguma vez o viu. O Sol nascente brilha por entre os cabos orlados de gelo à medida que o seu navio sai do gelo para o mar aberto. A caminho de casa.

Ali está Francis Leopold M'Clintock — uma pessoa que Crozier sabe, de alguma maneira, que esteve em busca de Franklin sob o comando de James Ross e depois regressa sozinho alguns anos mais tarde. Quantos anos? Daqui a quanto tempo? A que distância no nosso futuro?

Crozier vê as imagens passarem rapidamente, como que por uma lanterna mágica, mas não sabe responder a estas perguntas.

Ali está M'Clintock num trenó puxado por homens, a mover-se agora mais rápida e eficientemente do que o tenente Gore ou qualquer um dos homens de Sir John ou Crozier alguma vez conseguiram.

Ali está M'Clintock parado junto a um marco de pedras e a ler uma mensagem retirada de um cilindro de cobre. Crozier pergunta-se se será a mensagem que Gore deixou na terra do Rei Guilherme há sete meses. O cascalho gelado e céus cinzentos atrás de M'Clintock parecem os mesmos.

De súbito, ali está M'Clintock, sozinho em cima de gelo e cascalho, a sua equipa visível a várias centenas de metros atrás, sob a neve que cai. Ele parou na frente de um horror — um grande barco amarrado em cima de um enorme trenó feito de ferro e carvalho.

O trenó parece qualquer coisa que o carpinteiro de Crozier, o senhor Honey, poderia ter construído. Foi estruturado como se precisasse de durar cem anos. Cada junta demonstra cuidado. A coisa é gigante — tem de pesar pelo menos trezentos quilos. Por cima dele está um barco que pesa mais trezentos e cinquenta.

Crozier reconhece o barco. É um dos 28-pés do Terror — uma das pinças. Ele vê que a embarcação foi amplamente preparada para viagem fluvial. As velas estão ferradas e embrulhadas e cobertas de gelo.

Subindo a uma rocha e olhando para o barco como que por cima do ombro de M'Clintock, Crozier vê dois esqueletos. Os dentes nos dois crânios parecem cintilar para M'Clintock e Crozier. Um dos esqueletos é pouco mais do que um monte de ossos visivelmente mastigados, pesadamente roídos, parcialmente devorados, amontoados numa pilha à proa. A neve caíra sobre os ossos.

O outro esqueleto está intacto, inteiro e ainda vestido com os farrapos do que parece ser o sobretudo de um oficial e camadas de outras roupas quentes. O crânio ainda tem o que resta de um gorro em cima. O corpo está estendido no banco, as mãos esqueléticas abertas sobre as bordas, junto de duas caçadeiras de duplo cano ali caídas. Aos pés do corpo jazem pilhas de cobertores de lã e pano de velas e um saco de serapilheira parcialmente coberto de neve cheio com cartuchos de pólvora. No fundo da pinaça, entre as botas do morto, como o saque de um pirata prestes a ser contado e apreciado, estão cinco relógios de ouro e o que parecem ser uns quinze quilos de chocolate embrulhado em pedaços individuais. Também ali perto estão 26 peças de uma baixela de prata — Crozier consegue ver, e sabe que M'Clintock consegue ver, os brasões pessoais de Sir John Franklin, do comandante Fitzjames, de seis outros oficiais, e o seu próprio nas várias facas, colheres e garfos. Vê também pratos gravados e duas travessas de prata meio enterradas na neve e gelo.

Ao longo dos sete metros e meio de fundo da pinaça que separam os dois esqueletos há uma vertiginosa coleção de bricabraque a sair dos poucos centímetros de neve que se acumulou: dois rolos de folha de metal, uma cobertura de lona inteira, oito pares de botas, duas serras, quatro limas, um monte de pregos e duas facas ao lado do saco de cartuchos perto do esqueleto na popa.

Crozier vê também remos, pano dobrado e rolos de fio de vela perto do esqueleto vestido. Mais perto da pilha de ossos parcialmente devorados na proa há um monte de toalhas, barras de sabão, vários pentes e uma escova de dentes, um par de chinelas a uns centímetros dos brancos ossos dos dedos dos pés, e seis livros — cinco Bíblias e o exemplar de *O Vigário de Wakefield* que está agora numa prateleira na câmara de oficiais do HMS *Terror*.

Crozier quer fechar os olhos, mas não consegue. Quer fugir daquela visão — de todas aquelas visões — mas não tem controlo sobre elas.

De súbito, o rosto vagamente familiar de Francis Leopold M'Clintock parece dissolver-se, abater, depois reconstruir-se na face de um homem mais novo, alguém que Francis Crozier não conhece. Tudo o resto permanece na mesma. O homem mais novo — um certo tenente William Hobson, que Crozier não conhece e não sabe como conhece — está parado no mesmo

sítio onde estivera M'Clintock e olha o barco aberto com a mesma expressão de chocada incredulidade que Crozier vira no rosto de M'Clintock um momento antes.

Sem aviso, o barco aberto e os esqueletos desaparecem e Crozier está deitado numa caverna de gelo ao lado de uma Sophia Cracroft nua.

Não, não é Sophia. Crozier pestaneja, sentindo a Clarividência de Memo Moira a arder no seu cérebro dorido como um acesso de febre, e agora vê que está deitado nu ao lado de uma nua senhora Silêncio. Estão rodeados por peles, deitados numa espécie de prateleira de neve ou gelo. O espaço é iluminado por uma lanterna a óleo. O teto curvo é feito de blocos de gelo. Os seios de Silêncio são castanhos, e o seu cabelo é longo e muito preto. Ela está apoiada num cotovelo no meio das peles e olha para Crozier com alguma ansiedade.

Tu sonhas os meus sonhos? pergunta ela sem mover os lábios ou abrir a boca. Não falou em inglês. *Estou a sonhar os teus?*

Crozier sente-a dentro da sua mente e coração. É como um gole do melhor uísque que já provou.

E depois vem o pior pesadelo de todos.

Aquele desconhecido, aquela fusão de M'Clintock com alguém chamado Hobson, não está a olhar para o barco aberto com dois esqueletos, mas para um jovem Francis Rawdon Moira Crozier que participa na missa católica com a sua bruxa-papista Memo Moira.

Era um dos mais profundos segredos da vida de Crozier que ele tivesse feito aquilo — não só acompanhado Memo Moira ao serviço proibido mas partilhado da heresia da Eucaristia católica, a muito escarnecida e proibida Sagrada Comunhão.

Mas esta forma de M'Clintock-Hobson está a observar como um acólito enquanto um Crozier a tremer — ora uma criança, ora um homem vivido, com os seus cinquenta anos — se aproxima da balaustrada do altar, ajoelha, põe a cabeça para trás, abre a boca e estende a língua para a Hóstia Proibida — o Corpo de Cristo —, puro canibalismo transubstanciado, para todos os outros adultos da aldeia e da família e da vida de Crozier.

Mas há alguma coisa estranha. O padre de cabelo cinzento que se aproxima dele com as suas vestes brancas está a gotejar água para o chão, e para a balaustrada do altar, e para o próprio Crozier. E o padre é demasiado grande até para o ponto de vista de uma criança — enorme, molhado, musculado, a arrastar-se pesadamente enquanto lança uma sombra sobre o comungante ajoelhado. Ele não é humano.

E Crozier está nu quando se ajoelha, põe a cabeça para trás, fecha os olhos e estende a língua para o Sacramento.

O padre que paira sobre ele, e goteja sobre ele, não tem nenhuma hós-

tia na sua mão. Não tem mãos. Em vez disso, a aparição a pingar debruça-se sobre a balastrada do altar, aproxima-se demasiado, e abre a sua própria goela inumana como se Crozier fosse o Pão a ser devorado.

— Meu Jesus Cristo, Deus Todo-Poderoso — sussurra a forma espetadora de M'Clintock-Hobson.

— Meu Jesus Cristo, Deus Todo-Poderoso — sussurra o comandante Francis Crozier.

— Ele voltou — diz o Dr. Goodsir a Jopson.

Crozier geme.

— Senhor — diz o cirurgião a Crozier —, consegue sentar-se? É capaz de abrir os olhos e sentar-se? Muito bem, comandante.

— Que dia é hoje? — diz Crozier numa voz rouca. A luz fraca que entra pela porta aberta e a luz ainda mais fraca da sua lanterna a óleo são como explosões de dolorosa luz do sol contra os olhos sensíveis.

— É terça-feira, dia onze de janeiro, comandante — diz o seu criado. E depois Jopson acrescenta: — Do ano de Nosso Senhor de mil oitocentos e quarenta e oito.

— Esteve muito doente durante uma semana — diz o cirurgião. — Por várias vezes, nos últimos dias, tive certeza de que o tínhamos perdido. — Goodsir dá-lhe um pouco de água a beber.

— Estava a sonhar — consegue Crozier dizer depois de beber a água gelada. Consegue sentir o próprio fedor no ninho das roupas de cama congeladas à sua volta.

— Esteve a gemer muito alto durante as últimas horas — diz Goodsir. — Consegue lembrar-se dos seus sonhos maláricos?

Crozier lembra-se apenas da sensação de voar sem peso nos seus sonhos, e, no entanto, recorda ao mesmo tempo o peso, e o horror, e o humor de visões que já tinham desaparecido como farripas de nevoeiro perante um vento forte.

— Não — diz ele. — Senhor Jopson, por favor, pode ir buscar água quente para a minha higiene? Pode ter de me ajudar a barbear. Doutor Goodsir...

— Sim, comandante?

— Faça-me o favor de ir a vante e dizer ao senhor Diggle que este comandante quer um enorme pequeno-almoço, esta manhã.

— São três da tarde, senhor — diz o cirurgião.

— Mesmo assim, quero um enorme pequeno-almoço. Biscoitos. O que resta das nossas batatas. Café. Uma carne de porco qualquer... presunto fumado, se houver.

— Sim, senhor.

— E, doutor Goodsir — diz Crozier para o cirurgião já de saída. — Po-

deria pedir ao tenente Little para vir fazer-me um relatório da semana que perdi e dizer-lhe que me traga a minha... coisa.

PEGLAR

*Lat. 70-05'N, Long. 98-23'W.
29 de janeiro de 1848*

Harry Peglar planeava as coisas de forma a ser ele a receber a missão de levar uma mensagem ao *Erebus* no dia em que o sol regressou. Queria celebrá-lo — tanto quanto alguma coisa podia ser celebrada naqueles dias — com alguém que amava. E alguém por quem estivera em tempos apaixonado.

O sub-oficial Harry Peglar era gajeiro de proa do *Terror*, escolhido como líder dos gajeiros que trabalhavam no aparelho superior, nas vergas do joanete e da gávea do traquete, ao calor do dia ou escuridão da noite, no alto mar e nas piores condições de tempo que o mundo podia lançar a um navio de madeira. Aquela era uma posição que requeria força, experiência, liderança e, acima de tudo, coragem, e Harry Peglar era respeitado por todas estas características. Agora com quase quarenta e um anos, já provara a sua competência centenas de vezes, não apenas na frente da tripulação do HMS *Terror* mas numa dúzia de outros navios onde servira ao longo da sua carreira.

Fora apenas ligeiramente irónico que Harry Peglar tivesse sido analfabeto até aos vinte e cinco anos. Ler era agora o seu prazer secreto, e já devorara mais de metade dos 1000 volumes na câmara de oficiais do *Terror* naquela viagem. Fora um simples camareiro dos oficiais no navio hidrográfico HMS *Beagle* que transformara Peglar num homem letrado, e fora o mesmo camareiro que fizera Harry Peglar ponderar no significado de ser um homem.

Esse camareiro era John Bridgens, que era agora, de longe, o homem

mais velho na expedição. Por altura da partida de Inglaterra, a piada que se contava no *Erebus* e no *Terror* era que John Bridgens, um mero camareiro dos oficiais subalternos, tinha a mesma idade que o ancião Sir John Franklin mas era vinte vezes mais sábio. Harry Peglar, pelo menos, sabia que isso era verdade.

Abaixo do posto de capitão-de-mar-e-guerra ou almirante, raramente eram permitidos homens mais velhos nas expedições do Serviço de Descobertas, por isso, foi com alguma dose de bom humor que ambas as tripulações souberam que a idade de John Bridgens fora trocada na lista oficial do navio — por acidente ou por algum comissário com sentido de ironia — e alistada como «26». Tinham-se feito muitas piadas ao grisalho Bridgens a respeito da sua juventude e inexperiência e presumíveis façanhas sexuais. O sereno camareiro sorria e não dizia nada.

Harry Peglar conhecera um mais jovem camareiro Bridgens no HMS *Beagle* durante a sua exploração científica de cinco anos sob o comandante FitzRoy, de dezembro de 1831 a outubro de 1836. Peglar seguira um oficial sob quem servira no HMS *Prince Regent*, um tenente chamado John Lort Stokes, do navio de linha de primeira classe com 120 peças para o mais modesto *Beagle*. O *Beagle* era apenas um brigue de 10 peças da classe *Cherokee* adaptado como navio hidrográfico — não propriamente o tipo de navio que um ambicioso gajeiro como o jovem Peglar normalmente escolheria — mas já nessa altura Harry se interessava pelo trabalho de exploração científica, e a viagem do pequeno *Beagle* sob FitzRoy fora para ele uma educação, em vários sentidos.

O camareiro Bridgens era, na altura, oito anos mais velho do que Peglar agora — com quase cinquenta anos — mas já era conhecido como o mais sensato e mais letrado graduado da frota. Era também conhecido como sodomita, um facto que não incomodara muito o Peglar de vinte e cinco anos da altura. Havia dois tipos de sodomitas na Marinha Real: aqueles que procuravam a sua satisfação apenas em terra e nunca levavam as suas atividades para o mar e os que continuavam ali os seus hábitos, muitas vezes seduzindo os rapazinhos quase sempre presentes nos navios da Marinha Real. Bridgens, como toda a gente no *Beagle* e na Marinha sabia, era do primeiro tipo — um homem que gostava de homens em terra mas que nunca se gabava disso nem levava as suas inclinações para o mar. E, ao contrário do ajudante de calafate no atual navio de Peglar, Bridgens não era pederasta. A maior parte dos seus companheiros pensava que qualquer rapazinho no mar ficaria mais seguro com o camareiro dos suboficiais John Bridgens do que com o vigário da sua aldeia natal.

Além disso, Harry Peglar vivia com Rose Murray, quando embarcara em 1831. Embora nunca se tivessem casado formalmente — ela era cató-

lica e não queria casar com Harry a não ser que ele se convertesse, o que o marinheiro não se conseguia obrigar a fazer — eram um casal feliz quando Peglar estava em terra, embora a iliteracia da própria Rose e a sua falta de curiosidade a respeito do mundo refletissem a vida do Peglar mais novo, e não o homem que mais tarde viria a ser. Talvez se tivessem casado se Rose pudesse ter filhos, mas não era o caso — uma condição a que ela se referia como o «castigo de Deus». Rose morrera enquanto Peglar estava no mar, na longa viagem do *Beagle*. Ele amara-a, à sua maneira.

Mas também amara John Bridgens.

Antes de a missão de cinco anos no navio hidrográfico HMS *Beagle* terminar, Bridgens — que ao princípio aceitara com relutância o seu papel de mentor, mas finalmente cedera perante a ansiosa insistência do jovem marinheiro — ensinara Harry a ler e a escrever, não só em inglês mas também em grego e latim e alemão. Ensinara-lhe filosofia e história e história natural. Mais do que isso, Bridgens ensinara aquele jovem inteligente a pensar.

Fora dois anos depois dessa viagem que Peglar procurara o homem mais velho em Londres — Bridgens estava numa licença prolongada em terra, como a maior parte da armada em 1838 — e pedira mais lições. Por essa altura, Peglar era já gajeiro da proa do HMS *Wanderer*.

Durante esses meses de discussão e lições, a íntima amizade entre os dois homens evoluíra para algo mais parecido com as interações de amantes. A revelação de que era capaz de fazer tal coisa abismara Peglar — consternando-o, ao princípio, mas depois fazendo-o reconsiderar todos os aspetos da sua vida, moral, fé e consciência de si mesmo. O que descobriu causou-lhe confusão mas, para seu espanto, não alterou a sua noção básica de quem era Harry Peglar. O que o aturdiu ainda mais foi o facto de ter sido ele a instigar o contacto físico íntimo — não o homem mais velho.

O aspeto íntimo da sua amizade durara apenas uns poucos meses e terminara tanto por decisão mútua como pelas longas ausências de Peglar no mar, ao serviço do *Wanderer*, até 1844. A amizade permanecera intacta. Peglar começou a enviar longas cartas filosóficas ao camareiro, onde escrevia todas as palavras de trás para a frente, com a última letra da última palavra a ser escrita em primeiro e em maiúscula. E principalmente porque a ortografia do ex-analfabeto gajeiro da proa era tão atroz, Bridgens sugeriu numa carta de resposta que a sua «ideia infantil de encriptação por escrita ao contrário à maneira de Leonardo, Harry, é quase indecifrável». Peglar agora escrevia o seu diário no mesmo código tosco.

Nenhum dos homens contara ao outro que se estava a candidatar ao Serviço de Descobertas à expedição de Sir John Franklin para a Passagem de Noroeste. Ambos tinham ficado atónitos, umas semanas antes da data

da largada, ao verem o nome um do outro na lista oficial. Peglar, que não estava em contacto com Bridgens há mais de um ano, fizera a viagem desde as casernas de Woolwich até ao quarto de Bridgens, no norte de Londres, para lhe perguntar se devia desistir da expedição. Bridgens insistira que devia ser ele a remover o seu nome da lista. No fim, tinham concordado que nenhum deles devia perder a oportunidade de uma tal aventura — decerto, a última oportunidade para Bridgens, por causa da sua avançada idade (o comissário do *Erebus*, Charles Hamilton Osmer, era um amigo de longa data de Bridgens e facilitara o seu alistamento junto de Sir John e os outros oficiais, chegando mesmo ao ponto de esconder a verdadeira idade do camareiro escrevendo-a como «26» nas listas oficiais). Nem Peglar nem Bridgens o disseram em voz alta, mas ambos sabiam que o voto antigo do homem mais velho de nunca levar os seus desejos sexuais para o mar seria honrado pelos dois. Sabiam que essa parte da sua história estava encerrada.

Peglar acabara por quase não ver o seu velho amigo durante a viagem, e, em três anos e meio, raramente tinham passado um minuto a sós.

Ainda estava escuro, claro, quando Peglar chegou ao *Erebus*, algures por volta das onze horas daquela manhã de sábado, dois dias antes do final de janeiro, mas havia um certo brilho a sul que prometia ser, pela primeira vez em mais de oitenta dias, um brilho de pré-almorecer. Esse magro brilho não dissipava o agreste das temperaturas de menos cinquenta e três graus, por isso ele diminuiu o ritmo quando as lanternas do navio ficaram à vista.

A visão dos mastros truncados do *Erebus* teria desgostado qualquer gajeiro, mas magoou ainda mais Harry Peglar por ter sido ele, juntamente com o seu homólogo gajeiro de proa no *Erebus*, Robert Sinclair, quem ajudou a supervisionar o acachapar e armazenamento dos mastaréis de ambos os navios para o interminável inverno. Era uma feia visão em qualquer situação, e a bizarra posição do *Erebus* de popa para baixo e popa para cima no gelo invasor não ajudava.

Peglar foi saudado pelo vigia, convidado a subir a bordo, e levou a sua mensagem do comandante Crozier ao comandante Fitzjames, que estava sentado a fumar o cachimbo na messe dos oficiais à popa, uma vez que o antigo camarote de Sir John ainda estava a ser usado como enfermaria *ad hoc*.

Os comandantes tinham começado a usar os contentores de bronze concebidos para deixar relatórios para enviar as suas mensagens escritas de um lado para o outro — os correios odiavam esta mudança, uma vez que o frio metal lhes queimava os dedos, mesmo através das pesadas luvas — e Fitzjames teve de ordenar a Peglar que abrisse o contentor com as suas mitemes, porque o tubo ainda estava demasiado frio para o comandante lhe

tocar. Fitzjames não o mandou embora, por isso Peglar deixou-se ficar à porta da messe enquanto o comandante lia a mensagem de Crozier.

— Não há mensagem de resposta, senhor Peglar — disse Fitzjames.

O gajeiro da proa levou os dedos à testa e voltou a subir para o convés. Cerca de uma dúzia de Erebuses tinham subido para ver o nascer do Sol, e mais alguns estavam em baixo a vestir os agasalhos para fazerem o mesmo. Peglar reparara que a enfermaria na câmara de oficiais tinha cerca de uma dúzia de homens nos beliches — mais ou menos o mesmo número que no *Terror*. O escorbuto começava a crescer em ambos os navios.

Peglar viu a pequena figura familiar de John Bridgens na amurada de bombordo à popa. Aproximou-se por trás e tocou o homem no ombro.

— Ah, um pouco da companhia de Harry, esta noite — disse Bridgens ainda antes de se virar.

— Já não dura muito, a noite — disse Peglar. — E como é que sabias que era eu, John?

Bridgens não tinha o abafado por cima do rosto, e Peglar conseguiu ver o seu sorriso e os olhos azuis húmidos.

— As notícias de visitas viajam depressa num pequeno barco preso no gelo. Tens de voltar já para o *Terror*?

— Não. O comandante Fitzjames não tinha resposta.

— Importas-te de ir dar um passeio?

— De maneira nenhuma — disse Peglar.

Desceram a rampa de gelo a estibordo e caminharam na direção do icebergue e da alta crista de pressão a sudoeste para obterem uma melhor visão do sul a iluminar-se. Pela primeira vez em meses, o HMS *Erebus* estava iluminado por outra coisa que não a aurora ou lanterna ou tocha.

Antes de chegarem à crista de pressão, passaram pela área chamuscada, enferrujada e parcialmente derretida onde se dera o incêndio do Carnaval. Por ordem do comandante Crozier, a área fora limpa na semana após o desastre, mas os buracos dos postes da tenda permaneciam, tal como os restos de cabo ou lona que tinham derretido sobre o gelo e ficado depois congelados no mesmo sítio. O retângulo da sala ébano ainda era visível, mesmo depois dos repetidos esforços para remover a fuligem negra e de vários nevões.

— Eu li aquele escritor americano — disse Bridgens.

— Escritor americano?

— O tipo que fez com que o pequeno Dickie Aylmore levasse cinquenta chibatadas pelas suas inventivas decorações para o nosso carnaval de má memória. Um homenzito estranho, de nome Poe, se não me falha a memória. Muita melancolia, e coisas mórbidas, com um toque de macabro verdadeiramente doentio. Não muito bom, de um modo geral, mas muito

americano, de uma maneira que não sei explicar. Mas não li a fatídica história que lhe trouxe as chibatadas.

Peglar anuiu. O seu pé bateu em qualquer coisa na neve, e ele baixou-se para a puxar do gelo.

Era o crânio do urso que estava pendurado por cima do relógio de ébano de Sir John, que não sobrevivera às chamas — a carne, pele e pelo do crânio tinham desaparecido, restando o osso negro do fogo, órbitas vazias, os dentes ainda cor de marfim.

— Oh, bem, acho que o senhor Poe adoraria essa coisa — disse Bridgens.

Peglar voltou a deixar cair o crânio na neve. Devia ter ficado escondido debaixo de pedaços de gelo caído quando os grupos de limpeza ali tinham trabalhado. Ele e Bridgens caminharam mais uns cinquenta metros até à crista de pressão mais alta na área e subiram-na, Peglar tendo de dar a mão repetidamente ao homem mais velho para o ajudar a subir.

Numa placa de gelo chata no cimo da crista, Bridgens estava a ofegar pesadamente. Até Peglar, normalmente tão em forma como os antigos atletas gregos acerca dos quais lera, deu por si a respirar com mais força do que era habitual. Demasiados meses sem verdadeiro trabalho físico, pensou.

O horizonte a sul emitia um amarelo mortiço e desmaiado, e a maior parte das estrelas naquela metade do céu empaldecera.

— Mal consigo acreditar que está a regressar — disse Peglar.

Bridgens anuiu.

De repente, ele ali estava, o disco vermelho-dourado a erguer-se hesitantemente sobre massas negras que pareciam colinas mas tinham de ser nuvens baixas muito distantes, ao sul. Peglar ouviu os quarenta e tal homens no convés do *Erebus* soltarem três vivas e — porque o ar estava muito frio e muito parado — conseguiu ouvir o aplauso duplicado mas mais baixo da direção do *Terror*, mal visível a quase quilómetro e meio para leste.

— A aurora estende os seus dedos rosados — disse Bridgens em grego.

Peglar sorriu, algo divertido por se recordar da frase. Passavam vários anos desde que lera a *Ilíada* ou qualquer outra coisa em grego. Lembra-se da excitação do seu primeiro encontro com a língua, e com Troia e os seus heróis, quando o *Beagle* estava ancorado ao largo de São Tiago, uma ilha vulcânica no arquipélago de Cabo Verde, quase dezassete anos antes.

Como se lesse a sua mente, Bridgens disse:

— Lembras-te do senhor Darwin?

— O jovem naturalista? — perguntou Peglar. — O interlocutor favorito do comandante FitzRoy? Claro que me lembro. Não nos esquecemos de um homem com quem passámos cinco anos numa pequena embarcação, mesmo que ele fosse um cavalheiro e eu não.

— E qual foi a tua opinião, Harry? — Os pálidos olhos azuis lacrimejavam mais pesadamente, quer fosse pela emoção por voltar a ver o Sol ou apenas em reação à luz, por muito pálida que fosse. O disco vermelho não clareara completamente as nuvens negras antes de começar a descer outra vez.

— A respeito do senhor Darwin? — Peglar também estava a pestanejar... mais para recuperar a memória do magro naturalista do que por causa da maravilhosa iluminação do Sol. — Achei-o agradável, para um cavalheiro. Muito entusiástico. Bem que sabia manter os homens ocupados a transportar e a embalar aqueles malditos animais mortos... a certa altura pensei que só os tentilhões iam chegar para nos encher o porão. Mas não se importava de sujar as próprias mãos. Lembras-te de quando ele ajudou a remar para levar o velho *Beagle* rio acima? E aquela vez em que salvou um barco daquela onda de maré? E, uma vez, quando vinham baleias a acompanhar-nos, ao largo do Chile, acho eu, fiquei espantado quando o vi subir sozinho até aos vaus para ver melhor. Tive de o ajudar a descer, mas só depois de ele ficar a ver as baleias pelo binóculo durante mais de uma hora, com as abas do casaco a baterem ao vento.

Bridgens sorriu.

— Quase fiquei com ciúmes quando ele te emprestou aquele livro. O que era? Lyell?

— *Princípios de Geologia* — disse Peglar. — Que não consegui compreender, na verdade. Ou antes, só compreendi o suficiente para perceber como era perigoso.

— Por causa da discórdia de Lyell a respeito da idade das coisas — disse Bridgens. — A ideia tão pouco cristã de que as coisas mudam lentamente ao longo de uma eternidade de tempos e não muito rapidamente devido a eventos violentos.

— Sim — disse Peglar. — Mas o senhor Darwin estava muito convencido disso. Falava como um homem que tinha experimentado uma conversão religiosa.

— Eu acredito que foi isso mesmo que aconteceu, de certa forma — disse Bridgens. Agora já só era visível o terço superior do Sol. — Menciona o senhor Darwin porque uns amigos mútuos me disseram antes de partirmos que ele estava a escrever um livro.

— Já publicou vários — disse Peglar. — Lembras-te, John, discutimos o seu *Diário de Pesquisas em Geologia e História Natural dos Vários Países Visitados pelo H.M.S. Beagle*, no ano em que fui estudar contigo... 1839. Eu não tinha dinheiro para o comprar, mas tu disseste-me que o tinhas lido. E creio que ele publicou vários livros sobre as plantas e animais que viu.

— *A Zoologia da Viagem do HMS Beagle* — disse Bridgens. — Sim,

também comprei esse. Não, eu queria dizer que ele tem estado a trabalhar num livro muito mais importante, de acordo com o meu querido amigo senhor Babbage.

— Charles Babbage? — disse Peglar. — O tipo que inventa umas coisas esquisitas, como uma espécie de máquina de fazer contas?

— Esse mesmo — disse Bridgens. — O Charles disse-me que, durante todos estes anos, o senhor Darwin tem estado a trabalhar num volume bastante interessante que discute os mecanismos da evolução orgânica. Parece que reúne informação da anatomia comparativa, embriologia e paleontologia... tudo grandes interesses do nosso antigo naturalista de bordo, como se deve lembrar. Mas, por qualquer razão, o senhor Darwin é avesso a publicar e o livro pode nunca vir a ser conhecido, pelo que Charles me disse.

— Evolução orgânica? — repetiu Peglar.

— Sim, Harry, é a ideia de que as espécies, apesar de todo o entendimento cristão civilizado do contrário, não estão fixas desde a criação, mas podem mudar e adaptar-se ao longo do tempo... muito tempo. As quantidades de tempo do senhor Lyell.

— Eu sei o que é a evolução orgânica — disse Peglar, tentando não mostrar a sua irritação pela explicação. O problema com uma relação aluno-professor, pensou ele, não pela primeira vez, era o facto de nunca mudar, enquanto tudo em sua volta mudava. — Eu li esse conceito em Lamark. E em Diderot. E em Buffon, creio eu.

— Sim, é uma velha teoria — disse Bridgens, o seu tom parecendo divertido mas também ligeiramente apoloético. — Montesquieu tinha escrito sobre isso, tal como Maupertuis e os outros que mencionou. Até Erasmus Darwin, o avô do nosso companheiro de viagem, o tinha proposto.

— Então porque é que o livro do senhor Charles Darwin seria importante? — perguntou Peglar. — A evolução orgânica é uma ideia velha. Foi rejeitada pela igreja e outros naturalistas há gerações.

— A acreditar em Charles Babbage e nos outros amigos que o senhor Darwin e eu temos em comum — disse Bridgens —, este livro novo... se alguma vez for publicado... oferece prova de um mecanismo para a evolução orgânica. E deve dar mil... talvez dez mil... exemplos sólidos deste mecanismo em ação.

— E qual é o mecanismo? — perguntou Peglar. O Sol desaparecera. Sombras rosadas fundiam-se no pálido brilho amarelo que precedera o seu nascer. Agora que o Sol desaparecera, Peglar mal acreditava que o vira.

— A seleção natural que resulta da competição *dentro* das incontáveis espécies — disse o idoso camareiro dos oficiais. — Uma seleção que, ao longo do tempo, um tempo lyelliano, vai passando traços vantajosos e elimi-

nando os desvantajosos... ou seja, aqueles que diminuem a probabilidade de sobrevivência e da reprodução.

Peglar pensou nisto por um minuto.

— Porque é que me estás a falar disto, John?

— Por causa do nosso amigo predador aqui no gelo, Harry. Por causa do crânio queimado que deixou ali no mesmo sítio onde a sala ébano ecoava com o bater do relógio de Sir John.

— Não estou a perceber — disse Peglar. Ele costumava dizer isto muito frequentemente, quando fora aluno de John Bridgens, durante os cinco anos de viagens aparentemente intermináveis do *Beagle*. A viagem fora planeada como uma aventura de dois anos e Peglar prometera a Rose que estaria de volta dentro de dois anos ou menos. Ela morrerá de tísica no quarto ano do *Beagle* no mar. — Achas que a coisa no gelo é algum tipo de adaptação evolutiva do mais comum urso branco que temos encontrado tantas vezes aqui em cima?

— Bem pelo contrário — disse Bridgens. — Dou por mim a perguntar-me se podemos ter encontrado um dos últimos membros de alguma antiga espécie... qualquer coisa maior, mais inteligente, mais rápida e infinitamente mais violenta do que o seu descendente, o urso polar mais pequeno que vemos em tal abundância.

Peglar pensou nisto.

— Qualquer coisa de uma era antediluviana — disse por fim.

Bridgens soltou uma pequena risada.

— Num sentido metafórico, pelo menos, Harry. Deves lembrar-te que eu não defendia uma crença literal no Dilúvio.

Peglar sorriu.

— Era perigoso estar perto de ti, John. — Ficou ali parado a pensar ao frio por mais alguns minutos. A luz desvanecia-se. As estrelas enchiam mais uma vez o céu ao sul. — Achas que esta... coisa... este último da sua espécie... andou pela terra quando havia aqueles enormes lagartos? Se era esse o caso, porque é que não encontramos fósseis dele?

Bridgens riu novamente.

— Não, não me parece que o nosso predador no gelo tenha competido com os lagartos gigantes. Talvez os mamíferos como o *Ursus maritimus* não tenham competido de todo com os répteis gigantes. Como Lyell mostrou e o nosso senhor Darwin parece compreender, o Tempo... com um *T* maiúsculo, Harry... pode ser bem mais vasto do que a nossa capacidade para o entender.

Os dois homens ficaram alguns momentos em silêncio. O vento começara a subir um pouco e Peglar percebeu que estava demasiado frio para ficar ali fora muito mais tempo. Via o outro homem a tremer levemente.

— John — disse ele. — Achas que compreender a origem deste animal... ou *coisa*, que às vezes parece demasiado inteligente para animal... vai ajudar-nos a matá-lo?

Bridgens soltou uma gargalhada, desta vez.

— Absolutamente nada, Harry. Só aqui entre nós os dois, querido amigo, eu acho que a criatura já nos ganhou. Acho que os nossos ossos vão ser fósseis antes dos dela... embora, quando se pensa nisso, uma criatura enorme que vive quase completamente no gelo polar, sem se reproduzir nem viver em terra seca como os mais comuns ursos brancos fazem, talvez até sendo predador desse mais comum urso polar como sua principal fonte de alimento, pode bem não deixar ossos, nem vestígios, nem fósseis... pelo menos que os consigamos encontrar debaixo dos mares polares congelados, no nosso estado atual de tecnologia científica.

Começaram a fazer o caminho de volta para o *Erebus*.

— Diz-me uma coisa, Harry, o que é que está a acontecer no *Terror*?

— Ouviste falar da tentativa de motim de há três dias? — perguntou Peglar.

— Foi mesmo assim tão sério?

Peglar encolheu os ombros.

— A coisa foi feia. O pesadelo de qualquer oficial. O ajudante de calafate, Hickey, e dois ou três outros agitadores, manipularam completamente os homens. Era uma mentalidade de turba. Crozier opôs-se-lhe brilhantemente. Não me parece que alguma vez tenha visto um comandante lidar com uma turba com mais elegância e firmeza do que Crozier na quarta-feira.

— E foi tudo por causa da esquimó?

Peglar anuiu, depois apertou mais a sua peruca galesa e abafou contra a cabeça. O vento estava agora muito agreste.

— Hickey e uma grande quantidade dos homens souberam que a rapariga saía por um túnel com abertura no casco antes do Natal. Até ao dia do Carnaval, ela entrava e saía conforme lhe apetecia do seu covil no paiol da amarra. O senhor Honey e os ajudantes do carpinteiro fecharam a abertura no casco e o senhor Irving mandou deitar abaixo o túnel exterior no dia a seguir ao incêndio do Carnaval... e o assunto espalhou-se.

— E Hickey e os outros julgaram que ela tinha alguma coisa a ver com o incêndio?

Peglar encolheu os ombros novamente. Que mais não fosse, o movimento ajudava-o a manter-se quente.

— O que me parece foi que eles pensaram que ela era a coisa no gelo. Ou, pelo menos, sua consorte. A maior parte dos homens está convencida há meses que ela é uma feiticeira pagã.

— A maior parte da tripulação do *Erebus* concorda — disse Bridgens. Tinha os dentes a bater. Os dois homens apressaram o passo na direção do navio inclinado.

— O grupo de Hickey tinha planeado apanhar a rapariga desprevenida quando ela subisse para a sua bolacha e merlúcio da noite — disse Peglar. — E cortar-lhe a garganta. Talvez com alguma espécie de cerimónia formal.

— Porque é que isso não aconteceu, Harry?

— Há sempre alguém que informa — disse Peglar. — Quando o comandante Crozier ouviu qualquer coisa... possivelmente apenas umas horas antes de o assassinio ter lugar... carregou com a rapariga para a primeira cobertura e convocou uma reunião de oficiais e homens. Até mandou vir os vigias, o que é inaudito.

Bridgens voltou a sua pálida face quadrada para Peglar enquanto caminhavam. Estava agora a escurecer muito depressa, e o vento soprava consistentemente de noroeste.

— Era a hora do jantar — continuou Peglar —, mas o comandante mandou tirar as mesas dos homens, e fê-los sentar na cobertura. Sem caixas nem baús, mesmo no chão nu, e os oficiais, armados com baionetas, ficaram de pé atrás deles. Segurou na rapariga esquimó pelo braço, como se fosse uma oferenda que estava prestes a atirar aos homens. Como um pedaço de carne para os chacais. E, em certo sentido, foi o que ele fez.

— O que é que queres dizer com isso?

— Disse à tripulação que, se iam assassinar alguém, tinham de o fazer imediatamente... naquele momento. Com as suas facas de marinheiros. Ali mesmo, na primeira cobertura, onde eles comem e dormem. O comandante Crozier disse que teriam de o fazer tudo juntos, marinheiros e oficiais, porque o assassinio num navio é como uma úlcera e espalha-se, a não ser que toda a gente esteja inoculada por ser cúmplice.

— Muito estranho — disse Bridgens. — Mas estou surpreendido por ter funcionado e detido a sede de sangue dos homens. Uma turba é uma coisa sem cérebro.

Peglar anuiu novamente.

— Depois o senhor Crozier chamou o senhor Diggle para sair do seu fogão e ir ali à frente.

— O cozinheiro? — disse Bridgens.

— O cozinheiro. Crozier perguntou ao senhor Diggle o que era o jantar nessa noite... e todas as noites no mês seguinte. «É merlúcio», disse Diggle. «Mais o que houver em latas que não tenham ficado podres ou venenosas.»

— Interessante — disse Bridgens.

— Crozier perguntou depois ao doutor Goodsir, que por acaso estava no *Terror* nesse dia, quantos homens tinham aparecido doentes nos últi-

mos três dias. «Vinte e um», foi a resposta de Goodsir. «Com catorze a dormir na enfermaria até os ter chamado para esta reunião, senhor.»

Foi a vez de Bridgens se virar para anuir, como se tivesse percebido onde Crozier quisera chegar.

— E depois o comandante disse: «É escorbuto, rapazes.» Foi a primeira vez que qualquer oficial, cirurgião, comandante, até pilotos, disse a palavra em voz alta para a tripulação nestes anos — continuou Peglar. — «Estamos a ficar com escorbuto, Terrores», disse o comandante. «E já sabem quais são os sintomas. Ou, se não sabem... ou se não têm tomates para pensar no assunto... precisam de ouvir.» E depois Crozier chamou o Dr. Goodsir para a frente, para o lado da rapariga, e fê-lo listar os sintomas do escorbuto.

»»Úlceras», disse Goodsir» — continuou Peglar quando se aproximavam do *Erebus*. — «Úlceras e hemorragias em todo o lado no vosso corpo. São charcos de sangue», disse ele, «debaixo da pele. A sair da pele. A sair de qualquer orifício, boca, ouvidos, olhos, rabo. Rito dos membros», disse ele, «o que significa que primeiro vos doem os braços e as pernas, depois começam a ficar rígidos. Não funcionam. Vão ficar tão desajeitados como um touro cego. Depois caem-vos os dentes», disse Goodsir, e fez uma pausa. Estava um silêncio, John, que nem se ouviam os cinquenta homens a respirar, só os guinchos e gemidos do navio no gelo. «E ao mesmo tempo que os dentes caem», continuou o cirurgião, «os lábios ficam pretos e repuxados de quaisquer dentes que ainda vos possam restar. Como os lábios de um morto», disse ele. «E o tecido das vossas gengivas vai inchar. E cheirar mal. É essa a fonte do fedor terrível que o escorbuto traz», disse ele, «as gengivas a apodrecerem e a ulcerarem de dentro para fora.»

»»Mas isto não é tudo», continuava Goodsir — disse Peglar. — «A vossa visão e audição vão ficar enfraquecidas... comprometidas... tal como o vosso discernimento. De repente vão deixar de ver qual é o problema de andar lá fora com quarenta e cinco graus negativos sem luvas e sem chapéu. Vão esquecer onde é o norte e como pregar um prego. E não só os vossos sentidos vos falham como começam a voltar-se contra vós», disse ele. «Se eu tivesse uma laranja fresca para vos dar, quando tiverem escorbuto, o cheiro da laranja podia fazer-vos contorcer em sofrimento ou enlouquecer-vos literalmente. O som do patim de um trenó no gelo podia fazer-vos cair de joelhos com a dor; a detonação de um mosquete poderia ser fatal.»

»«Ei!», gritou um dos da legião de Hickey para o silêncio — continuou Peglar. — «Nós temos o nosso sumo de limão.»

»Goodsir limitou-se a abanar a cabeça tristemente. «Não o vamos ter por muito mais tempo», disse ele, «e o que temos não vale grande coisa. Por alguma razão que ninguém compreende, os antiescorbútico simples, como

o sumo de limão, perdem a sua potência com o passar dos meses. Agora quase desapareceram, passados mais de três anos.

»Houve então outro silêncio terrível, John. Agora *ouvia-se* a respiração dos homens, e era pesada. E havia um cheiro que se erguia da multidão... a medo, e outra coisa pior. A maior parte dos homens ali, incluindo a maioria dos oficiais, tinha procurado o Dr. Goodsir nas últimas duas semanas com os primeiros sintomas de escorbuto. De repente, um dos compatriotas de Hickey gritou: «O que é que isso tem a ver com o querermos livrar-nos desta Jonas, desta bruxa?»

»Crozier deu então um passo em frente, ainda a segurar a rapariga como uma cativa, ainda parecendo estar a oferecê-la à turba. «Cada comandante e cada cirurgião tenta coisas diferentes para evitar ou curar o escorbuto», disse Crozier aos homens. «Exercício violento. Oração. Comida enlatada. Mas nenhuma destas coisas funciona a longo prazo. Qual é a única coisa que funciona, Dr. Goodsir?»

»Todas as cabeças na primeira coberta se viraram para olhar para Goodsir nesse momento, John. Até a da rapariga esquimó.

»«Comida fresca», disse o cirurgião. «Especialmente carne fresca. Seja qual for a deficiência na nossa comida que provoca o escorbuto, apenas a carne fresca o pode curar.»

»Toda a gente olhou novamente para Crozier — disse Peglar. — O capitão quase atirou com a rapariga para cima deles. «Há uma única pessoa nestes dois navios moribundos que tem sido capaz de encontrar carne fresca neste outono e inverno», disse ele. «E ela está mesmo na vossa frente. Esta rapariga esquimó... é apenas uma rapariga... mas uma rapariga que sabe, de alguma maneira, como encontrar e apanhar e matar focas e morsas e raposas quando nenhum de nós lhes encontrou sequer o rasto no gelo. Como vai ser se tivermos de abandonar o navio... quando estivermos lá fora no gelo sem mais nenhuma provisões? Há uma pessoa em cento e nove sobreviventes que sabe como arranjar carne fresca para sobreviver... e vocês querem matá-la.»»

Bridgens mostrou as suas próprias gengivas a sangrar quando sorriu. Estavam na rampa de gelo do *Erebus*.

— O sucessor de Sir John pode ser um plebeu — disse ele suavemente, — com pouca educação formal, mas nunca ninguém acusou o comandante Crozier de ser estúpido, pelo menos que eu o ouvisse. E soube que mudou, desde a sua doença séria de há algumas semanas.

— Uma autêntica transformação — disse Peglar.

— Em que sentido?

Peglar coçou o queixo congelado por cima do cachecol. A mitene raspou com ruído na barba por fazer.

— É difícil de descrever. O que calculo é que o comandante Crozier está agora completamente sóbrio pela primeira vez em trinta anos ou mais. O uísque nunca pareceu comprometer a competência do homem... ele é um ótimo marinheiro e oficial... mas punha um... amortecedor... uma barreira... entre ele e o mundo. Agora está mais presente. Não lhe escapa nada. Não sei de que outra maneira o descrever.

Bridgens anuiu.

— Presumo que não se falou mais de matar a bruxa.

— Claro — concordou Peglar. — Os homens deram-lhe rações de biscoitos, durante algum tempo, mas depois ela foi-se embora... mudou-se para o gelo, algures.

Bridgens começou a subir a rampa e depois voltou atrás. Quando falou, a sua voz era muito baixa, para que nenhum dos homens de vigia o pudesse ouvir.

— O que achas do Cornelius Hickey, Harry?

— Acho que é um cabrãozinho traiçoeiro — disse Peglar, sem se preocupar em ser ouvido.

Bridgens anuiu novamente.

— É mesmo isso. Ouvi falar dele anos antes de me candidatar a esta expedição. Parece que costumava perseguir os rapazinhos durante viagens longas... transformando-os em pouco mais do que escravos para as suas necessidades. Em tempos mais recentes, pelo que ouvi, optou por pôr homens mais velhos ao seu serviço, como o idiota...

— Magnus Manson — disse Peglar.

— Sim, como Manson — disse Bridgens. — Se fosse apenas para o prazer de Hickey, não precisávamos de nos preocupar. Mas o homenzinho é pior do que isso, Harry... pior do que o normal rufia ou instigador de motins. Tem cuidado com ele. Mantém-no debaixo de olho. Receio que nos pudesse causar grande mal a todos. — Bridgens então riu. — Quem me ouvisse falar. «Causar-nos grande mal.» Como se não estivéssemos já todos condenados, de qualquer maneira. Na próxima vez que o vir, podemos estar todos a abandonar os navios e a iniciar a nossa longa e fria caminhada no gelo. Tem cuidado, Harry Peglar.

Peglar não falou. O gajeiro de proa tirou a sua mitene, e depois a luva, e ergueu os dedos gelados até tocarem a face e testa gelados do camareiro John Bridgens. O toque foi muito ligeiro e nenhum dos homens o sentiu através da incipiente queimadura na pele causada pelo frio, mas teria de servir.

Bridgens voltou a subir a rampa. Sem olhar para trás, Peglar enfiou a luva e começou a fria caminhada pela crescente escuridão de volta ao HMS *Terror*.

*Lat. 70-05', Long. 98-23'W.
6 de fevereiro de 1848*

Era domingo, e o tenente Irving servira dois quartos de seguida no convés, ao frio e no escuro, um deles para cobrir o seu amigo George Hodgson, que estava doente com os sintomas de disenteria, perdendo o seu jantar quente na messe dos oficiais e tendo apenas uma pequena dose, dura como gelo, de carne salgada e um biscoito cheio de gorgulho como substituição. Mas agora tinha oito abençoadas horas de folga antes de voltar a estar de quarto. Podia arrastar-se para baixo, enfiar-se debaixo dos cobertores congelados no beliche do camarote, fazê-los descongelar um pouco com o seu calor corporal e dormir oito horas seguidas.

Em vez disso, Irving disse a Robert Thomas, o imediato que estava a tomar o seu lugar como oficial no convés, que ia dar um passeio e estaria de volta em breve.

Depois Irving desceu pela rampa de gelo para a escuridão da banquisa. Ia à procura da senhora Silêncio.

Irving ficara chocado, umas semanas antes, quando o comandante Crozier parecera preparado para atirar a mulher para a turba que se formara, depois de a tripulação dar ouvidos aos amotinados sussurros do ajudante de calafate Hickey e começar a gritar que a mulher era uma Jonas e devia ser morta ou expulsa. Quando Crozier se postara ali, a agarrar a senhora Silêncio pelo braço, a mostrá-la aos homens zangados como teria feito um antigo imperador romano ao atirar os cristãos aos leões, o tenente Irving ficara sem saber o que fazer. Como jovem tenente, só podia ficar a observar o seu comandante, mesmo que isso significasse a morte de Silêncio. Como

um jovem apaixonado, Irving estava pronto para dar um passo em frente e salvá-la, mesmo que isso lhe custasse a própria vida.

Quando Crozier conquistou a maioria dos homens com o seu argumento de que Silêncio poderia ser a única alma a bordo que sabia como caçar e pescar no gelo se precisassem de abandonar o navio, Irving soltara um silencioso suspiro de alívio.

Mas a esquimó saía de vez do navio um dia depois, e voltava apenas de dois em dois dias, pela hora do jantar, para ir buscar biscoitos ou a ocasional dádiva de uma vela, depois desaparecendo de novo no gelo escuro. Onde vivia e o que fazia ali fora era um mistério.

O gelo naquela noite não estava demasiado escuro; a aurora dançava vivamente no céu e a luz da lua era suficientemente forte para lançar sombras pretas como tinta para trás dos *seracs*. O terceiro-tenente John Irving não estava, ao contrário da primeira vez que seguira Silêncio, a levar a cabo aquela busca por sua própria iniciativa. O comandante sugerira mais uma vez que Irving descobrisse o esconderijo secreto da rapariga esquimó no gelo — se o conseguisse fazer sem se colocar demasiado em risco.

— Eu estava a falar a sério quando disse que ela pode ter competências para nos fazer sobreviver no gelo — dissera Crozier em voz baixa, na privacidade do seu camarote, enquanto Irving se inclinava para a frente para ouvir. — Mas não podemos esperar até estarmos todos lá fora no gelo para descobrir onde e como é que ela arranja a carne fresca. O doutor Goodsir diz-me que o escorbuto nos levará a todos, se não descobirmos nenhuma fonte de caça fresca antes do verão.

— Mas a menos que eu a veja, efetivamente, a caçar, senhor — sussurrara Irving, — como posso obter dela o seu segredo? Ela não consegue falar.

— Use a iniciativa, tenente Irving — fora a única coisa que Crozier dissera em resposta.

Aquela era a primeira oportunidade que Irving tivera para usar a iniciativa.

No saco de couro que levava ao ombro, Irving carregava alguns engodos para comunicar com Silêncio, no caso de a encontrar. Havia biscoitos bem mais frescos do que aquele cheio de gorgulho que comera ao jantar. Os biscoitos estavam embrulhados num guardanapo, mas Irving também levava um lindo lenço de seda oriental que a sua abastada namorada de Londres lhe dera de presente, pouco antes da sua... desagradável despedida. E era naquele bonito lenço que estava embrulhada a sua *pièce de résistance*: uma pequena tigela de doce de pêssego.

O cirurgião Goodsir estava a reunir e a distribuir o doce como um antiescorbútico, mas o tenente Irving sabia que a guloseima era uma das poucas coisas por que a rapariga esquimó mostrara algum entusiasmo

quando aceitava as ofertas de comida do senhor Diggle. Irving vira cintilar os seus olhos negros quando ela recebia um pedaço do doce no seu biscoito. E guardara as suas próprias doses de doce uma dúzia de vezes durante o último mês para conseguir a preciosa quantidade que levava agora na pequena tigela de porcelana que fora em tempos da sua mãe.

Irving contornara completamente o lado bombordo do navio e agora avançava desde a planície de gelo para o labirinto de *seracs* e pequenos icebergues que se erguiam como uma versão gelada da floresta de Birnam a marchar contra Dunsinane¹, cerca de duzentos metros a sul do navio. Ele sabia que estava a correr o grande risco de se tornar a vítima seguinte da coisa no gelo, mas, nas últimas cinco semanas não houvera sinais da criatura, nem sequer um avistamento à distância. Nenhum membro da tribulação fora apanhado desde a noite do Carnaval.

Por outro lado, pensou Irving, ninguém mais veio cá para fora sozinho, sem uma única lanterna, e se pôs a andar pela floresta de seracs.

Ele estava consciente de que a única arma que trazia era a pistola enterrada no fundo do bolso do sobretudo.

Quarenta minutos de busca por entre os *seracs* no escuro e o vento a quarenta e dois graus negativos e Irving estava prestes a decidir que exerceria a iniciativa noutro dia, de preferência dali a algumas semanas, quando o Sol se mantivesse acima do horizonte a sul por mais do que alguns minutos cada dia.

E depois viu a luz.

Era uma visão fantasmagórica — numa ravina de gelo entre vários *seracs*, todo um banco de neve parecia emitir um brilho dourado do seu interior, como que de uma mágica luz interna.

Ou a luz de uma bruxa.

Irving aproximou-se, parando a cada sombra de cada *serac* para verificar se não se tratava, na verdade, de uma fenda no gelo. O vento assobiava suavemente entre as torturadas elevações de gelo dos *seracs* e colunas. A luz violeta da aurora dançava por todo o lado.

O banco de gelo fora moldado — ou pelo vento ou pelas mãos de Silêncio — numa cúpula baixa suficientemente fina para a luz amarela passar pelas paredes.

Irving deixou-se cair na pequena ravina de gelo — que, na verdade, era apenas uma depressão entre duas plataformas de gelo pressionadas uma contra a outra e rodeadas de neve — e aproximou-se de um pequeno buraco preto que parecia demasiado baixo para ser associado com a cúpula montada mais alto no banco de gelo, a um dos lados da ravina.

¹ Referência a uma cena da tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare. (N. da T.)

A entrada — se é que aquilo era uma entrada — mal tinha a largura dos ombros pesadamente enroupados de Irving.

Antes de entrar, perguntou-se se deveria pegar na sua pistola e levá-la apontada. *Não é um gesto muito amigável, como cumprimento*, pensou.

Irving espremeu-se para dentro do buraco.

A estreita passagem descia por mais de metade da extensão do seu corpo e depois virava para cima uns dois metros ou mais. Quando a cabeça e ombros de Irving apareceram na outra ponta do túnel e no meio da luz, ele pestanejou, olhou em volta, e o seu queixo caiu.

A primeira coisa em que reparou foi que a senhora Silêncio estava nua debaixo das suas mantas abertas. Ela estava deitada numa plataforma escavada na neve a metro e meio do tenente Irving e quase um metro mais acima. Os seios estavam perfeitamente visíveis e completamente nus — ele conseguia ver o pequeno talismã do urso polar de pedra que ela tirara do seu companheiro morto pendurado numa tira de couro entre os seios — e ela não fez qualquer esforço para os cobrir, enquanto olhava para ele fixamente, sem pestanejar. Não se assustara. Obviamente, ouvira-o chegar antes de ele se enfiar na passagem de entrada da cúpula de neve. Nas mãos tinha aquela faca curta mas muito afiada que ele vira pela primeira vez no paiol da amarra.

— Mil perdões, menina — disse Irving. Não fazia ideia do que devia fazer a seguir. A boa educação exigia que recuasse para fora do *boudoir* daquela senhora, por mais difícil e deselegante que pudesse ser aquele movimento, mas ele recordou-se de que estava ali numa missão.

Não escapou à atenção de Irving que, entalado na abertura da casa de neve como estava, Silêncio podia facilmente inclinar-se para a frente e cortar-lhe a garganta com aquela faca, enquanto ele não podia fazer muito para se defender.

Irving terminou de se libertar daquela passagem, puxou o saco de couro atrás de si, pôs-se de joelhos e depois de pé. Porque o chão da casa de neve fora escavado abaixo da superfície da neve e do gelo lá fora, Irving tinha espaço suficiente para ficar de pé ao centro da cúpula, ainda sobrando vários centímetros. Percebeu que, embora a casa de neve lhe tivesse parecido nada mais do que um banco de neve a brilhar pelo lado de fora, fora, na verdade, construída com blocos ou placas de neve que arqueavam para dentro numa estrutura muito astuciosa.

Irving, formado na melhor escola de artilharia da Marinha Real e sempre bom em Matemática, reparou imediatamente na espiral ascendente dos blocos e na maneira como cada bloco tendia apenas ligeiramente mais para dentro do que o anterior até um último bloco de fecho que fora enfiado no vértice da cúpula e depois ajustado na posição certa. Viu o minúsculo orifí-

cio para o fumo, ou chaminé — com não mais do que cinco centímetros de diâmetro — mesmo a um lado da chave.

O matemático em Irving percebeu de imediato que a cúpula não era um verdadeiro hemisfério — uma cúpula construída sobre o princípio de um círculo não permaneceria de pé — mas era, em vez disso, uma catenária: ou seja, a forma de uma corrente que fosse segura entre duas mãos. O cavalheiro em John Irving percebeu que estava a estudar o teto, os blocos e a estrutura geométrica daquele inteligente edifício para não ficar a olhar para os seios e ombros nus da senhora Silêncio. Assumiu que já lhe dera tempo suficiente para ela puxar as vestes de peles para cima do corpo, e voltou a olhar na sua direção.

Os seios dela ainda estavam nus. O amuleto do urso branco fazia a sua pele morena parecer ainda mais morena. Os olhos negros, intensos e curiosos mas não necessariamente hostis ainda o olhavam sem pestanejar. A faca estava ainda na mão.

Irving soltou um suspiro e sentou-se na plataforma coberta de peles perpendicular ao pequeno espaço central da plataforma onde ela estava deitada.

Pela primeira vez, percebeu que estava calor na casa de neve. Não apenas mais quente do que a noite gelada lá fora, não apenas mais quente do que a gelada primeira coberta do HMS *Terror*, mas verdadeiro *calor*. Ele começara mesmo a transpirar debaixo das muitas camadas rígidas e sujas. Viu o suor no suave peito moreno da mulher a poucos centímetros de distância.

Obrigando-se a desviar o olhar, Irving sabotou os seus agasalhos exteriores e percebeu que a luz e o calor vinham de uma pequena lata de parafina que ela devia ter roubado do navio. Assim que teve este pensamento, arrependeu-se. Era, de facto, uma lata de parafina do *Terror*, mas uma lata vazia, uma entre as centenas que tinham atirado para a enorme área de lixo escavada no gelo a uns trinta metros do navio. A chama não estava a ser alimentada por parafina, mas por alguma espécie de óleo — ele percebeu pelo cheiro que não era óleo de baleia — talvez óleo de foca? Um cordão feito de tripa ou tendão de animal pendia do teto, suspendendo, por cima da lanterna, uma tira de gordura que gotejava lá para dentro. Irving viu de imediato como, quando o nível de gordura diminuía, o pavio, que parecia feito de fios de cânhamo do cabo de âncora entrelaçados, ficava mais longo e a chama se tornava mais alta, derretendo mais gordura e fazendo pingar mais óleo para a lanterna. Era um sistema engenhoso.

O contentor de parafina não era o único artefacto interessante na casa de neve. Por cima e a um dos lados da lanterna estava uma elaborada estrutura feita com o que pareciam ser quatro costelas de focas — *como é que*

a senhora Silêncio apanhara e matara aquelas focas, maravilhou-se Irving — enterradas na vertical na neve da prateleira e ligadas por uma complexa rede de tendão. Pendurada na estrutura de osso estava uma das maiores latas retangulares de comida de Goldner — também, obviamente, recolhida na lixeira do *Terror* — com uns furos abertos nos quatro cantos. Irving viu de imediato que daria uma panela ou chaleira perfeita, pendurada sobre a chama de óleo de foca.

Os peitos da senhora Silêncio estavam ainda descobertos. O amuleto do urso branco subia e descia com a sua respiração. O seu olhar nunca deixou o rosto dele.

O tenente Irving pigarreou.

— Boa noite, menina... eeh... Silêncio. Peço desculpa por aparecer desta maneira... sem ser convidado. — Deteve-se.

Alguma vez aquela mulher pestanejaria?

— O comandante Crozier envia os seus cumprimentos. Pediu-me que a procurasse para ver... eeh, como tem passado.

Irving raramente se sentira mais idiota. Tinha a certeza de que, apesar dos meses no navio, a rapariga não entendia nem uma palavra de inglês. Não pudera deixar de reparar que os mamilos dela se tinham erguido com a breve corrente de ar frio que ele levava para o interior da casa de neve.

O tenente limpou o suor da testa. Depois removeu as mitenes e as luvas, a abanar a cabeça como que estivesse a pedir permissão à senhora da casa para o fazer. Depois limpou novamente a testa. Era incrível como aquele pequeno espaço debaixo de uma cúpula em catenária feita de neve podia ficar quente só com uma única lamparina a queimar gordura animal.

— O capitão gostaria... — começou ele, depois calou-se. — Oh, que se lixe. — Irving pegou na mala de couro e tirou os biscoitos embrulhados num velho guardanapo e a tigela de doce envolta no seu melhor lenço de seda oriental.

Ofereceu-lhe os dois artigos com mãos que tremiam ligeiramente.

A mulher esquimó não fez nenhuma tentativa para aceitar os embrulhos.

— Por favor — disse Irving.

Silêncio pestanejou duas vezes, guardou a faca no interior do vestido e pegou nos pequenos pacotes, colocou-os ao seu lado e reclinou-se na plataforma. Deitada de lado, a ponta do seio direito estava quase a tocar o lenço chinês.

Irving baixou o olhar e percebeu que também estava sentado numa espessa pele de animal naquela plataforma estreita. *Onde é que ela foi buscar esta segunda pele de animal*, perguntou-se antes de se lembrar que, sete meses antes, ela recebera a *parka* exterior do velho esquimó. O velho de

cabelos cinzentos que morrera no navio depois de receber um tiro de um dos homens de Graham Gore.

Ela desatou primeiro o velho guardanapo de cozinha, não mostrando qualquer reação aos cinco biscoitos do navio ali embrulhados. Irving passara bastante tempo à procura dos biscoitos menos infestados por gorgulho. Sentiu-se um pouco melindrado pela falta de reconhecimento da mulher pelos seus labores. Quando ela desembulhou a pequena tigela de porcelana da sua mãe, selada com cera no topo, fez uma pausa para erguer o lenço de seda chinesa — com elaborados desenhos vermelhos, verdes e azuis — e levá-lo ao rosto por um momento. Depois pousou-o de lado.

As mulheres são todas iguais, seja onde for, foi o pensamento de John Irving. Percebeu que, embora tivesse experimentado relações sexuais com mais do que uma jovem, nunca sentira uma tão forte sensação de... intimidade... como experimentou naquele momento, sentado castamente, sob a luz da lamparina a óleo de foca, com aquela nativa seminua.

Quando abriu a cera e viu o doce, o olhar de Silêncio disparou novamente para o rosto de Irving. Parecia estar a estudá-lo.

Ele fez uma pantomima de ela espalhar o doce nos biscoitos e comê-los.

Ela não se moveu. O seu olhar não se desviou.

Finalmente, ela estendeu o braço direito como se lhe fosse tocar sob a chama, e Irving encolheu-se um pouco antes de perceber que metia a mão num nicho — apenas uma pequena concavidade no bloco de gelo — por cima da sua plataforma coberta de peles. Ele fingiu não reparar que as mantas dela tinham deslizado mais para baixo e que ambos os seios oscilavam livremente com o movimento.

Silêncio ofereceu-lhe então uma coisa branca e vermelha que fedia a peixe morto e em putrefação. Ele percebeu que era mais um pedaço de gordura de foca ou outro animal que estava guardado no nicho para se manter frio.

Aceitou a dádiva, fez um sinal afirmativo com a cabeça e segurou-a nas mãos por cima dos joelhos. Não fazia ideia do que devia fazer com ela. Deveria levá-la para casa para servir como parte da sua própria lanterna a gordura de foca?

Os lábios de Silêncio reviraram-se e, por um instante, Irving quase pensou que sorrisa. Ela pegou então na sua pequena faca afiada e começou a gesticular, levando a lâmina repetida e rapidamente para cima e contra o lábio inferior como se fosse cortar aquele lábio cheio e rosado.

Irving ficou a olhar para ela e continuou a segurar a macia massa de gordura e pele.

Suspirando, Silêncio inclinou-se para a frente, tirou-lhe o pedaço de

gordura, levou-o à própria boca e cortou várias fatias com a sua faca, movendo a curta lâmina dentro da boca, entre os seus dentes brancos. Parou para mastigar por um momento e depois devolveu a gordura e pele elástica de foca — ele estava agora quase certo de que se tratava de foca.

Irving teve de enfiar a mão por três camadas de roupas, sobretudo, casaco, camisolas e colete para chegar à faca que tinha enfiada no cinto. Ergueu a lâmina para lha mostrar, sentindo-se como uma criança que aguarda a aprovação depois de uma lição.

Ela fez um aceno quase impercetível.

Irving colocou a gordura nauseabunda e a gotejar junto à sua boca aberta e usou a ponta afiada da faca da maneira como ela tinha feito.

Quase ficou sem nariz. E *teria* cortado o lábio inferior se a faca não tivesse atingido a pele e a carne macia e gordura branca de foca — se era disso que se tratava — e subido ligeiramente. Assim, uma única gota de sangue caiu do corte que fez no septo.

Silêncio ignorou o sangue, abanou ligeiramente a cabeça e entregou-lhe a própria faca.

Ele tentou novamente, sentindo o estranho peso daquela faca na palma da mão, e cortou com confiança na direção do seu lábio ao mesmo tempo que uma gota de sangue caía do seu nariz para a tira de gordura.

A lâmina entrava sem esforço. Aquela pequena faca era — por qualquer razão, incrivelmente — muito mais afiada do que a dele.

A tira de gordura encheu-lhe a boca. Ele mastigou, tentando mimar e sinalizar a sua apreciação para a mulher por detrás do pedaço de gordura e da faca erguida.

O sabor era o de uma carpa morta há três semanas, dragada do fundo do Tamisa abaixo das saídas de esgoto de Woolwich.

Irving sentiu uma enorme vontade de vomitar, começou a cuspir o pedaço de gordura meio mastigada para o chão da casa de neve, depois decidiu que isto não contribuiria positivamente para os objetivos da sua delicada missão diplomática, e engoliu.

Sorrindo em apreciação do acepipe enquanto tentava obrigar-se a ocultar a sua contínua náusea — enquanto, com a mitene, limpava sub-repeticamente o nariz, cujo corte superficial sangrava abundantemente — Irving ficou horrorizado ao ver a esquimó a fazer-lhe claramente sinais para ele cortar e comer mais gordura.

Ainda a sorrir, ele cortou e engoliu outro pedaço. Pensou que devia ser precisamente a mesma sensação de se encher a boca com um rolo gigante do muco nasal de outra criatura qualquer.

Extraordinariamente, o seu estômago vazio produziu um ruído surdo, depois doeu, e exigiu mais. Qualquer coisa na gordura fedorenta parecia

estar a satisfazer alguma necessidade profunda que ele nem sabia sentir. O seu corpo, ainda que não a sua mente, queria mais.

Os minutos seguintes formavam bem uma cena doméstica, pensou o tenente Irving, com ele sentado naquela pequena prateleira de neve, a cortar rápida mas não entusiasticamente pedaços de gordura de foca, enquanto Silêncio partia biscoitos do navio, mergulhava-os na tigela da mãe dele com a rapidez de um marinheiro a limpar o molho com o seu pão e devorava o doce com pequenos grunhidos de satisfação que pareciam vir do fundo da garganta.

E, durante todo este tempo, os seios permaneciam nus e visíveis para o terceiro-tenente John Irving poder analisar constante e apreciativamente, ainda que não sem alguma inquietação, por cima da sua tira cada vez menor de gordura de foca.

O que pensaria a minha mãe se pudesse ver o seu filho e a sua tigela, neste momento, perguntou-se Irving.

Quando terminaram, depois de Silêncio comer todos os biscoitos e esvaziar a tigela de doce e Irving ter feito uma séria investida na gordura, ele tentou limpar o queixo e os lábios com a mitene, mas a esquimó voltou ao nicho e presenteou-o com uma mão cheia de neve solta. Uma vez que a temperatura no interior da pequena casa de neve parecia estar efetivamente acima do ponto de congelamento, Irving, embaraçado, limpou a gordura animal do rosto, secou-o com a manga, e começou a entregar o que restava da tira da pele de foca e gordura à rapariga. Ela apontou para o nicho de armazenamento e ele enfiou o pedaço de banha o mais fundo possível no nicho que conseguiu.

Agora vem a parte difícil, pensou o tenente.

Como se poderá comunicar apenas com o uso das mãos e mostrar que há mais de uma centena de homens com fome e ameaçados pelo escorbuto que precisam dos segredos de caça e pesca de outra pessoa?

Irving esforçou-se ao máximo. Com os olhos profundos e negros fixos nele sem pestanejar, ele mimou homens a andar, a esfregar o estômago para mostrar que tinham fome, os três mastros de cada navio, homens a ficarem doentes — metia a língua de fora, entortava os olhos de uma maneira que costumava aborrecer a sua mãe e fingia cair sobre a pele de urso — e depois apontou para Silêncio e representou energicamente ela a lançar um arpão, a segurar uma cana de pesca, a puxar o peixe. Irving apontou para a tira de gordura que acabara de guardar, de várias maneiras possíveis, e depois apontava vagamente para além da casa de neve, mais uma vez a esfregar a barriga, a entortar os olhos e a cair, depois esfregava a barriga novamente. Apontou para a senhora Silêncio, atabalhoou-se por um momento na linguagem gestual tentando dizer «mostre-nos como o podemos fazer», e

depois repetiu o lançar de dardos e apanhar de peixes, parando de vez em quando para apontar para ela e afagar a barriga para especificar os destinatários dos ensinamentos dela.

Quando terminou, tinha suor a escorrer-lhe da testa.

A senhora Silêncio olhava para ele. Se tinha voltado a pestanejar, não dera por nada, no meio do seu teatro.

— Oh, que inferno! — disse o terceiro-tenente Irving.

No fim, limitou-se a vestir as camadas de agasalhos, enfiou o guardanapo do navio e a tigela da mãe no saco de pele e deu o seu dia por terminado. Talvez tivesse conseguido fazer passar a sua mensagem, afinal de contas. Podia nunca vir a descobrir. Talvez, se regressasse vezes suficientes à casa de neve...

A especulação de Irving desviou-se, naquele ponto, para campos altamente pessoais, e ele teve de se dominar como se fosse um cocheiro com um par de voluntariosos árabes.

Se regressasse muitas vezes, talvez ... pudesse acompanhá-la durante uma das suas expedições noturnas de caça às focas.

Mas... e se for ainda a coisa no gelo que lhe está a dar estas coisas, pensou ele. Depois de ver o que tinha visto tantas semanas antes, ele quase se convencera de que não tinha visto o que tinha visto. Mas o lado mais honesto da memória e da mente de Irving sabia que o *tinha* visto. A criatura do gelo levava-lhe pedaços de foca ou de raposa-do-ártico ou outra caça. A senhora Silêncio saíra daquele lugar entre os *seracs*, naquela noite, com carne fresca.

E depois havia o imediato do *Erebus*, Charles Frederick Des Voeux, com as suas histórias de homens e mulheres em França que se transformavam em lobos. Se isso fosse possível — e muitos dos oficiais e todos os tripulantes pareciam julgar que sim — porque não poderia uma nativa com um talismã de um urso polar em volta do pescoço transformar-se numa coisa parecida com um urso gigante e com a astúcia e maldade de um ser humano?

Não, ele vira os dois juntos no gelo. Não vira?

Irving estremeceu quando terminou de abotoar as roupas. Estava muito calor dentro daquela casa de neve. Ironicamente, isso dava-lhe arrepios. Sentiu a gordura a trabalhar-lhe nos intestinos e decidiu que estava na altura de se ir embora. Teria sorte se conseguisse chegar à retrete do *Terror* a tempo, e não tinha vontade de parar no gelo para resolver tais funções. Já era suficientemente mau quando ficava com o *nariz* queimado pelo frio.

A senhora Silêncio ficara a observá-lo enquanto ele arrumava o velho guardanapo e a tigela da mãe — artigos que ele percebeu muito mais tarde

que ela poderia desejar — mas depois levou o lenço de seda ao rosto uma última vez e tentou devolver-lho.

— Não — disse Irving. — É um presente para si. Um sinal da minha amizade e profunda estima. Tem de aceitar. Vou ficar ofendido se não aceitar.

Depois tentou mostrar-lhe por gestos o que acabara de dizer. Os músculos de cada lado da boca da jovem esquimó quase se ergueram enquanto o olhava.

Ele empurrou a mão dela que segurava o lenço, tendo o cuidado de não lhe tocar o seio nu ao fazê-lo. A pedra branca do amuleto do urso entre os seios parecia cintilar com uma luz própria.

Irving percebeu que estava mesmo demasiado quente. O aposento pareceu oscilar um pouco na sua visão. As suas entranhas contraíram-se, acalmaram, depois contraíram-se outra vez.

— Tuudalu — disse ele. Três sílabas que o atordoariam durante as semanas seguintes, enquanto se encolhia no seu beliche de vergonha, mesmo sabendo que ela não poderia ter compreendido a sua inabilidade, e absurdo, e impropriedade. Mas, mesmo assim...

Irving levou a mão ao chapéu, enrolou o cachecol à volta do rosto e cabeça, enfiou luvas e mitenes, agarrou o saco contra o peito e mergulhou na passagem para sair.

Não assobiou durante a caminhada de regresso ao navio, mas sentiu-se tentado a fazê-lo. Esquecera completamente a possibilidade de haver um enorme comedor de homens à espreita nas sombras dos *seracs*, ali tão longe do navio, mas, se tal coisa o estivesse a ver e ouvir nessa noite, teria ouvido o terceiro-tenente John Irving a falar sozinho e a bater ocasionalmente na própria cabeça com a mitene.

CROZIER

*Lat. 70-05'N, Long. 98-23'W.
15 de fevereiro de 1848*

Cavalheiros, está na altura de ponderarmos as nossas linhas de ação possíveis — disse o comandante Crozier. — Tenho decisões a tomar.

Os oficiais e alguns graduados e outros especialistas, como os dois chefes de máquinas civis, os gajeiros de proa e mestres do gelo, bem como o último cirurgião sobrevivente, tinham sido convocados para aquela reunião na câmara de oficiais do *Terror*. Crozier escolhera o *Terror* não para causar inconveniente ao comandante Fitzjames e aos seus oficiais — que tiveram de fazer a travessia durante a breve hora com luz do sol, esperando estar de volta antes que estivesse escuro — nem para enfatizar a mudança de navio-almirante, mas apenas porque no navio de Crozier havia menos homens confinados à enfermaria de bordo. Fora mais fácil mudar os poucos que estavam na enfermaria temporária à proa para libertar a câmara de oficiais para a reunião; o *Erebus* tinha o dobro de homens de cama com sintomas de escorbuto e o doutor Goodsir indicara que alguns deles estavam demasiado doentes para serem transportados.

Agora, quinze dos líderes da expedição estavam aglomerados em volta da longa mesa, que em janeiro fora cortada em pedaços mais curtos para servirem como mesas operatórias para o cirurgião, mas que fora agora reconstruída pelo senhor Honey, o carpinteiro do *Terror*. Os oficiais e civis tinham deixado os seus impermeáveis, mitenes, perucas galesas e cachecóis na base da escada principal, mas ainda usavam todas as outras camadas. A divisão cheirava a lã molhada e a corpos por lavar.

A longa câmara estava fria e não entrava nenhuma luz pelos iluminadores Preston Patent, uma vez que o convés em cima permanecia debaixo de um metro de neve e da cobertura de lona. Os candeeiros a óleo de baleia nas anteparas cintilavam zelosamente, mas tinham pouco sucesso em dissipar a escuridão.

A reunião à mesa era como uma versão mais sombria do conselho de guerra de verão que Sir John Franklin tinha convocado, quase dezoito meses antes, no *Erebus*, mas, agora, em vez de estar Sir John à cabeceira da mesa no lado estibordo, era Francis Crozier que lá se sentava. O seu imediato, o primeiro-tenente Edward Little, estava logo à sua esquerda. A seguir sentava-se o segundo-tenente George Hodgson, com o terceiro-tenente John Irving à sua esquerda. Depois o maquinista-chefe — que parecia mais magro, mais pálido e mais cadavérico do que nunca — James Thompson. À esquerda de Thompson estava o mestre do gelo Thomas Blanky, que parecia andar muito bem com a sua perna de pau, ultimamente, e o gajeiro da proa Harry Peglar, o único oficial subalterno que Crozier convidara. Também presente estava o sargento Tozer, do *Terror* — que andava apartado das graças dos dois comandantes desde a noite do Carnaval, quando os seus homens tinham disparado sobre os sobreviventes do incêndio, mas que ainda era o mais graduado sobrevivente daquela guarnição cada vez mais magra — para falar pelos fuzileiros navais.

Na outra ponta da longa mesa estava sentado o comandante Fitzjames. Crozier sabia que Fitzjames não se dera ao trabalho de se barbear durante várias semanas, deixando crescer uma barba vermelha surpreendentemente salpicada de cinzento, mas agora fizera esse esforço — ou então mandara o senhor Hoar, o seu camareiro, barbeá-lo. Isso tornara o seu rosto ainda mais magro e mais pálido, e estava coberto com incontáveis pequenos cortes e arranhadelas. Mesmo com as múltiplas camadas vestidas, era óbvio que as roupas de Fitzjames pendiam sobre uma estrutura muito mais magra, ultimamente.

À esquerda do comandante Fitzjames estavam sentados seis *Erebus*-es. Imediatamente à sua esquerda estava o seu outro único oficial naval sobrevivente — Sir John Franklin, o primeiro-tenente Gore e o tenente James Walter Fairholme tinham todos sido mortos pela coisa no gelo — o tenente H. T. D. Le Vesconte, com um dente de ouro a cintilar nas raras vezes que sorria. Ao lado de Le Vesconte estava Charles Frederick Des Voeux, que assumira o papel de imediato de Robert Orme Sergeant, morto pela coisa enquanto supervisionava a reparação dos marcos do caminho em dezembro.

Ao lado de Des Voeux estava o único cirurgião sobrevivente, o Dr. Harry D. S. Goodsir. Embora fosse agora, tecnicamente, o cirurgião da ex-

pedição e de Crozier, ambos os comandantes e o cirurgião tinham julgado apropriado que ele se sentasse com os seus antigos companheiros do *Erebus*.

À esquerda de Goodsir estava o mestre do gelo Reid e, à sua esquerda, o único oficial subalterno presente, o gajeiro de proa Robert Sinclair. E sentado no lado da proa da mesa estava o maquinista-chefe do *Erebus*, John Gregory, parecendo muito mais saudável do que o seu homólogo do *Terror*.

Os senhores Gibson do *Terror* e Bridgens do *Erebus* serviram chá e biscoitos recheados de gorgulho, uma vez que ambos os criados dos comandantes estavam na enfermaria com sinais de escorbuto.

— Vamos discutir as coisas por ordem — disse Crozier. — Primeiro, podemos ficar nos navios até um possível degelo de verão? E parte dessa resposta tem a ver com o seguinte: os navios poderão navegar em junho ou julho ou agosto se houver um degelo? Comandante Fitzjames?

A voz de Fitzjames não tinha nada da sua anterior firmeza confiante. Os homens de ambos os lados da mesa inclinaram-se para a frente para ouvir melhor.

— Não me parece que o *Erebus* dure até ao próximo verão, e tanto eu como os meus carpinteiros, os senhores Weekes e Watson, o meu contra-mestre, o senhor Brown, e o tenente Le Vesconte e o imediato Des Voeux aqui somos da opinião que o navio se afundará quando o gelo derreter.

O ar frio na câmara de oficiais pareceu arrefecer ainda mais e pesar mais densamente sobre toda a gente. Ninguém falou durante meio minuto.

— A pressão do gelo nos dois últimos invernos espremeu a estopa de calafate de entre as pranchas do casco — continuou Fitzjames na sua pequena voz rouca. — O eixo principal da hélice ficou tão retorcido que não tem qualquer hipótese de reparação. Todos sabem que foi concebido para se retrair num poço de ferro até ao bailéu e ficar guardado de forma segura, mas já não se retrai mais do que até ao fundo do casco, e não temos mais eixos de substituição. A própria hélice foi desfeita pelo gelo, bem como o nosso leme. Podemos improvisar outro, mas o gelo rasgou o fundo do casco ao longo de toda a quilha. Falta-nos metade da nossa blindagem de metal ao longo da proa e dos lados.

»Pior ainda — disse Fitzjames —, o gelo esmagou o porão até as traves acrescentadas para reforço e o ferro fundido nas suas juntas rebentarem ou furarem o casco em mais do que uma dúzia de sítios. Se viesse a flutuar, mesmo que remendássemos cada racha e conseguíssemos, de alguma maneira, reparar o problema com o eixo da hélice, o navio não teria reforço interno contra o gelo. Além disso, embora as vigas de madeira acrescentadas dos lados para esta expedição tenham sido largamente bem-sucedidas em impedir que o gelo suba acima dos talabardões, a pressão sobre estas vigas

resultante da sua posição elevada no gelo causou fendas nas pranchas do casco ao longo de cada viga.

Fitzjames pareceu notar pela primeira vez a profunda atenção com que o escutavam. O seu olhar vago desviou-se e ele baixou os olhos, como que embaraçado. Quando voltou a erguê-los, a voz quase parecia conter uma nota de desculpa.

— O pior de tudo — disse ele — é que o efeito de torção causado pela pressão do gelo fez retorcer o cadaste e soltar as pontas do tabuado dos conveses, que estava já demasiado dobrado pela pressão. Os conveses estão a partir-se... a única coisa que os mantém agora no sítio é o peso da neve... e nenhum de nós acredita que as nossas bombas consigam resolver o problema da entrada de água, se o navio voltar a flutuar. Vou deixar que seja o senhor Gregory a falar sobre a condição da caldeira, as reservas de carvão e o sistema de propulsão.

Todos os olhos se voltaram para John Gregory.

O maquinista-chefe pigarreou e lambeu os lábios gretados e a sangrar.

— Já não temos sistema de propulsão a vapor no HMS *Erebus* — disse ele. — Com o eixo principal torcido e obstruído no poço de retração, vamos precisar de uma doca seca em Bristol para o consertar. Nem temos carvão suficiente para um único dia a viajar a vapor. Pelo final de abril, não teremos carvão para aquecer o navio, mesmo se passarmos a apenas quarenta e cinco minutos de água quente por dia e apenas em algumas partes da primeira coberta que estamos agora a tentar manter habitáveis.

Crozier disse:

— Senhor Thompson. Qual é o estado do *Terror* em termos de vapor?

O esqueleto vivo olhou para o seu comandante durante um longo minuto e disse numa voz que era surpreendentemente forte:

— Não teríamos vapor para mais do que uma ou duas horas, senhor, se o *Terror* ficasse a flutuar esta tarde. O nosso eixo foi retraído corretamente há um ano e meio e a hélice funciona... para além de termos uma suplente... Mas estamos quase sem carvão. Se transferíssemos o que resta das provisões de carvão do *Erebus* para aqui e aquecêssemos o navio, poderíamos manter a caldeira a funcionar e a água quente a correr durante duas horas por dia até... eu diria... princípio de maio. Mas isso não deixaria nenhum carvão para a viagem. Se contarmos apenas com as reservas de combustível do *Terror*, teremos de parar o aquecimento por meados ou finais de abril.

— Obrigado, senhor Thompson — disse Crozier. A voz do comandante era suave e não traía qualquer emoção. — Tenente Little e senhor Peglar, poderiam, por favor, apresentar a vossa avaliação das condições de navegabilidade do *Terror*?

Little anuiu e baixou o olhar para a mesa antes de o voltar para o seu comandante.

— Não estamos em tão mau estado como o *Erebus*, mas a pressão do gelo causou estragos no casco, borboletas, blindagem exterior, leme e escoras internas. Alguns de vocês sabem que, antes do Natal, o tenente Irving descobriu que não só tínhamos perdido a maior parte da blindagem de ferro ao longo do lado estibordo desde a proa, mas que os vinte e cinco centímetros de carvalho e olmo na área da proa rebentaram no paiol da amarra, e descobrimos desde essa altura que os trinta e três centímetros de carvalho sólido ao longo do fundo rebentaram ou foram comprometidos em vinte ou trinta pontos. As pranchas da proa foram substituídas e reforçadas, mas não conseguimos chegar ao fundo por causa da lama congelada que lá está.

»Eu acho que o navio pode flutuar e andar a vapor, comandante — concluiu o tenente Little —, mas não posso prometer que as bombas sejam capazes de dar conta das entradas de água. Especialmente depois de o gelo estar ainda mais quatro ou cinco meses a pressioná-lo. O senhor Peglar pode falar sobre isso melhor do que eu.

Harry Peglar pigarreou. Obviamente, não estava acostumado a falar na frente de tantos oficiais.

— Se o navio flutuar, senhores, então a equipa da gávea do traquete terá os mastros e o aparelho, enxárcias e pano a postos quarenta horas depois de ser dada a ordem. Não posso garantir que consigamos passar pelo gelo com a espessura do que vimos a vir de sul, mas, se estivermos com águas abertas debaixo de nós e na nossa frente, seremos novamente um navio em andamento. E, se não se importa que eu faça uma recomendação, senhores... eu sugeriria que mais vale termos os mastros prontos mais cedo do que tarde.

— Não tem medo que o gelo se acumule e vire o navio? — perguntou Crozier. — Ou que o gelo caia em cima de nós quando estamos no convés? Temos ainda meses de tempestades de neve à nossa frente, Harry.

— Sim, senhor — disse Peglar. — E a possibilidade de o barco se virar é sempre uma preocupação, mesmo que a queda não fosse grande aqui no gelo, com o navio todo de esguelha como já está. Mas acho na mesma que é melhor termos os mastaréis montados e o aparelho a postos, para o caso de haver um degelo súbito. Podemos ter de estar prontos a zarpar em menos de dez minutos. E os gajeiros precisam do exercício e do trabalho, senhor. Quando à queda de gelo... bem, será apenas mais uma coisa para nos manter alerta lá fora. Isso é o bicho do gelo.

Vários homens em volta da mesa soltaram uma pequena risada. Os relatórios mais positivos de Little e Peglar tinham ajudado a libertar alguma da tensão. A ideia de mesmo apenas um navio estar apto a flutuar e viajar elevou o moral. Para Crozier, foi como se a temperatura na câmara

de oficiais tivesse subido — e talvez subira mesmo, uma vez que muitos dos homens pareciam ter voltado a respirar.

— Obrigado, senhor Peglar — disse Crozier. — Parece que, se queremos sair daqui a velejar, teremos de fazê-lo no *Terror*... ambas as tripulações.

Nenhum dos oficiais sobreviventes ali presentes mencionou que aquilo tinha sido precisamente o que Crozier sugerira fazer quase dezoito meses antes. Todos os oficiais ali presentes pareciam estar a pensar no mesmo.

— Tiremos um minuto para falar daquela coisa no gelo — disse Crozier. — Parece não ter feito nenhuma aparição, ultimamente.

— Não tenho tido de tratar ferimentos de ninguém desde o início de janeiro — disse o Dr. Goodsir. — E ninguém morreu ou desapareceu desde o Carnaval.

— Mas tem havido avistamentos — disse o tenente Le Vesconte. — Uma coisa grande a passar entre os *seracs*. E os homens de quarto ouvem coisas no escuro.

— Os homens de vigia sempre ouviram coisas no escuro — disse o tenente Little. — Desde o tempo dos Gregos.

— Talvez se tenha ido embora — disse o tenente Irving. — Migrado. Mudado para sul. Ou para norte.

Toda a gente ficou novamente em silêncio perante esta ideia.

— Talvez tenha comido homens suficientes para perceber que não somos muito saborosos — disse o mestre do gelo Blanky.

Alguns dos homens sorriram ao ouvir isto. Mais ninguém poderia tê-lo dito e ser desculpado pelo humor lúgubre, mas Blanky, com a sua perna de pau, ganhara algumas prerrogativas.

— Os meus fuzileiros têm feito buscas, por ordens dos comandantes Crozier e Fitzjames — disse o sargento Tozer. — Já matámos alguns ursos, mas nenhum deles parece ser o grande... a coisa.

— Espero que os seus homens tenham melhor pontaria do que na noite do Carnaval — disse Sinclair, o gajeiro de proa.

Tozer voltou-se para a direita e olhou para ele, de olhos franzidos.

— Basta dessa conversa — disse Crozier. — Por enquanto, teremos de assumir que a coisa no gelo ainda está viva e voltará. Quaisquer atividades que tenhamos de levar a cabo fora dos navios terão de incluir algum plano de defesa contra ela. Não temos fuzileiros suficientes para acompanhar cada grupo de trenó possível, especialmente se estiverem armados e não a carregar. Por isso, talvez a solução seja armar todas as equipas no gelo e ter os homens a mais, os que não carregam, a fazer turnos para servirem como sentinelas e guardas. Mesmo que o gelo não abra novamente este verão, será mais fácil viajar com a luz do sol constante.

— Peço desculpa por dizer isto a seco, comandante — disse o Dr. Goodsir —, mas a verdadeira questão é: podemos esperar até ao verão antes de decidirmos se abandonamos estes navios?

— E podemos, doutor? — perguntou Crozier.

— Eu não acredito nisso — disse o cirurgião. — Há mais comida contaminada ou podre do que julgávamos. Estamos a acabar todas as outras provisões. A dieta dos homens está já abaixo daquilo que eles necessitam para o trabalho que fazem todos os dias no navio e lá fora no gelo. Toda a gente está a perder peso e energia. Acrescentem a isso o súbito aumento de casos de escorbuto e... bem, cavalheiros, eu não acredito, simplesmente, que haja muitos homens no *Erebus* e no *Terror* que tenham a energia e a concentração para fazer qualquer viagem de trenó se esperarmos até junho ou julho para ver se o gelo cede... isto se os próprios navios aguentarem tanto tempo.

A câmara ficou novamente em silêncio.

E, para o silêncio, Goodsir acrescentou:

— Ou antes, alguns homens podem bem ter a energia para carregar trenós e barcos em busca de socorro ou de chegar à civilização, mas terão de deixar a vasta maioria dos outros para trás para morrerem de fome.

— Os mais fortes poderiam ir em busca dos grupos de resgate dos navios — disse o tenente Le Vesconte.

Foi o mestre do gelo Thomas Blanky quem respondeu.

— Quem quer que fosse para sul... por exemplo, puxando os nossos barcos para sul até à boca do rio Great Fish e depois seguindo rio acima os mil e trezentos quilómetros até ao lago Great Slave, onde há um posto avançado, só lá chegaria no final do outono ou no inverno, se tudo corresse bem, e não poderia regressar com um grupo de socorro por terra antes do final do verão de 1849. Toda a gente que ficasse para trás nos navios estaria morta de escorbuto e fome, por essa altura.

— Podíamos carregar os trenós e seguir todos para leste, na direção da baía de Baffin — disse o imediato Des Voeux. — Poderíamos encontrar lá baleeiros. Ou até navios de resgate e grupos de trenós já à nossa procura.

— Sim — disse Blanky. — É uma possibilidade. Mas teríamos de carregar trenós por centenas de milhas de gelo aberto, com todas as suas cristas de pressão e talvez canais abertos. Ou seguir a costa... e isso significaria *milhares* de quilómetros. E depois teríamos de atravessar toda a península de Boothia, com todas as suas montanhas e obstáculos para chegarmos à costa leste, onde poderiam estar os baleeiros. Podíamos carregar os barcos connosco para atravessar canais, mas isso triplicaria o nosso esforço. Uma coisa é certa: se o gelo não está a abrir aqui, não estará aberto se seguirmos para nordeste na direção da baía de Baffin.

— Seria muito menos peso se levássemos apenas trenós com provisões e tendas para nordeste por Boothia — disse o tenente Hodgson, do lado do *Terror* na mesa. — Uma das pinaças deve pesar pelo menos duzentos e setenta quilos.

— Diga antes trezentos e cinquenta — disse o comandante Crozier suavemente. — Sem a carga.

— Acrescentem a isto mais trezentos e cinquenta por um trenó capaz de levar um barco — disse Thomas Blanky —, e estaríamos a carregar entre seiscentos e trinta a seiscentos e oitenta quilos por cada equipa... só com o peso do barco e trenó, não contando com comida, tendas, armas, roupas e outras coisas que teríamos de levar connosco. E muito disto seria pelo meio da banquisa, se seguíssemos pela baía de Baffin.

— Mas um trenó com patins no gelo e possivelmente alguma viagem de barco, especialmente se partirmos em março ou abril, antes que o gelo fique húmido e pegajoso, seria mais fácil do que puxar material por terra ou pelo lamaçal do verão — disse o tenente Le Vesconte.

— Eu digo que deixemos os barcos para trás e viajemos com o menor peso possível para a baía de Baffin. Levamos apenas os trenós e as provisões de sobrevivência — disse Charles Des Voeux. — Se chegarmos à costa leste da ilha de Somerset, a norte, antes de terminar a temporada baleeira, teremos boas hipóteses de ser recolhidos por um navio. E eu apostaria que haverá navios de resgate da Marinha e grupos de trenó à nossa procura por lá.

— Se deixarmos os barcos — disse o mestre do gelo Blanky — uma faixa aberta de água pode deter-nos de vez. Morreremos lá fora no gelo.

— Porque é que os navios de resgate estariam no lado leste da ilha de Somerset e na península de Boothia? — perguntou o tenente Little. — Se andam à nossa procura, não seguirão o nosso caminho pelo estreito de Lancaster para as ilhas de Devon e Beechey e Cornwallis? Eles sabem quais eram as ordens de Sir John. Presumirão que chegámos ao estreito de Lancaster, uma vez que está aberto na maior parte dos verões. Não há nenhuma hipótese de qualquer um de nós chegar *tão* a norte.

— Talvez este ano o gelo esteja tão mau no estreito de Lancaster como aqui em baixo — disse o mestre do gelo Reid. — Isso manteria os grupos de busca mais a sul, no lado leste da ilha de Somerset e de Boothia.

— Talvez encontrem as mensagens que deixámos nos marcos em Beechey, se conseguirem passar — disse o sargento Tozer. — E enviem trenós ou navios para sul pelo caminho por onde viemos.

O silêncio desceu sobre todos como um sudário.

— Não há nenhuma mensagem em Beechey — disse o comandante Fitzjames para aquele silêncio.

No vazio embaraçoso que seguiu aquela declaração, Francis Rawdon

Moira Crozier deu por uma estranha chama, quente e pura, a arder no seu peito. Era como a sensação de beber um primeiro gole de uísque depois de se passar dias sem lhe tocar, mas também nada parecido com isso.

Crozier queria viver. Era tão simples quanto isso. Estava decidido a viver. Ia sobreviver àquele mau momento, apesar de todas as probabilidades, e de todos os deuses ditarem que não sobreviveria, que era impossível. Aquele fogo no peito estivera ali presente mesmo nas horas de tremores e náusea e dor, quando ele emergira do poço da sua proximidade da morte causada pela malária e a abstinência, no início de janeiro. A chama crescia a cada dia.

Talvez mais do que qualquer outro homem em volta da longa mesa da câmara de oficiais naquele dia, Francis Crozier compreendia a quase impossibilidade dos cursos de ação a serem discutidos. Era uma loucura seguir para sul pelo gelo na direção do rio Great Fish. Uma loucura dirigirem-se para a ilha de Somerset e atravessarem quase dois mil quilômetros de gelo, cristas de pressão, canais abertos e uma península desconhecida. Uma loucura pensar que o gelo abriria naquele verão e permitiria que o *Terror* — a abarrotar com duas tripulações e quase vazio de provisões — saísse da irremediável armadilha em que Sir John os enfiara.

Mesmo assim, Francis Crozier estava decidido a viver. A chama ardia nele como um forte uísque irlandês.

— Já desistimos da ideia de sair daqui no navio? — estava Robert Sinclair a dizer.

James Reid, o mestre do gelo do *Erebus*, respondeu:

— Teríamos de viajar quase trezentas milhas para norte pelo estreito sem nome que Sir John descobriu, depois pelo estreito de Barrow e o de Lancaster, depois seguir para sul pela baía de Baffin antes que o gelo se fechasse novamente à nossa volta. Tivemos o vapor e a blindagem para nos ajudar a abrir o gelo para sul. Mesmo que o gelo ceda aos níveis em que estava dois verões antes, teríamos grande dificuldade em transpor essa distância apenas à vela. E com o nosso casco enfraquecido.

— O gelo pode ser consideravelmente mais fraco do que era em 1846 — disse Sinclair.

— Podem sair anjos a voar do meu rabo — disse Thomas Blanky.

Por causa da perna, nenhum dos oficiais à mesa repreendeu o mestre do gelo. Alguns sorriram.

— Pode haver uma outra opção... para o navio, quero eu dizer — disse o tenente Edward Little.

Os olhos voltaram-se todos na sua direção. Alguns homens tinham poupado algumas rações de tabaco — que fora esticado acrescentando-lhe coisas indizíveis — e meia dúzia deles fumavam agora cachimbos em volta

da mesa. O fumo tornava a penumbra ainda mais densa, entre o sombrio cintilar das lanternas a óleo de baleia.

— O tenente Gore, no verão passado, pensou ter visto terra a sul da terra do Rei Guilherme — continuou Little. — Se assim foi, tem de ser a península de Adelaide, que é território conhecido e que tem muitas vezes um canal de águas abertas entre o gelo costeiro e a banquisa. Se se abrirem canais suficientes para o *Terror* poder seguir para sul apenas pouco mais de cem milhas, talvez, em vez das três mil milhas de volta para o estreito de Lancaster, podíamos seguir canais abertos ao longo da costa para oeste até chegarmos ao estreito de Bering. A partir daí será tudo território conhecido.

— A Passagem de Noroeste — disse o terceiro-tenente John Irving. As palavras soaram como um melancólico encantamento.

— Mas teríamos homens capazes em número suficiente para tripular o navio no final do verão? — perguntou o Dr. Goodsir, com a voz muito suave. — Por volta de maio, o escorbuto pode ter-nos apanhado a todos. E o que faríamos para arranjar comida durante as semanas ou meses da nossa passagem para oeste?

— Pode haver boa caça mais para oeste — disse o sargento Tozer. — Bois almiscarados. Aqueles grandes veados. Morsas. Raposas-do-ártico. Talvez estejamos a comer como paxás antes de chegarmos ao Alasca.

Crozier quase esperava que o mestre do gelo Thomas Blanky dissesse: «E podem sair bois almiscarados a voar do meu rabo», mas o mestre do gelo parecia perdido nos seus próprios devaneios.

Foi o tenente Little que respondeu.

— Sargento, o nosso problema é que, mesmo que a caça regressasse milagrosamente depois de uma ausência de dois anos, nenhum de nós a bordo parece capaz de atingir seja o que for com os mosquetes... excluindo os seus homens, claro. Precisaríamos de mais do que os seus poucos fuzileiros sobreviventes para caçar. E parece que nenhum de nós tem experiência de caça de qualquer coisa que seja maior do que uma ave. E as caçadeiras conseguem abater essa caça de que está a falar?

— Se ficarmos suficientemente perto — disse Tozer num tom amuado.

Crozier interrompeu esta linha de discussão.

— O doutor Goodsir frisou há pouco um aspeto muito importante... se esperarmos até ao meio do verão, ou mesmo talvez até junho, para ver se a banquisa se parte, podemos ficar demasiado doentes e famintos para tripular o navio. Estaríamos *de certeza* demasiado carentes de provisões para iniciar uma viagem de trenó. E temos de assumir três ou quatro meses de viagem pelo gelo ou pelo rio Fish acima, por isso, se vamos abandonar os navios e seguir no gelo com esperança de chegar ao lago Great Slave, ou à

costa leste da ilha de Somerset, ou a Boothia, antes que o inverno se instale novamente, a nossa partida, obviamente, tem de ser antes de junho. Mas quando?

Fez-se mais um silêncio tenso.

— Eu sugeriria que não mais tarde do que o início de maio — disse por fim o tenente Little.

— Mais cedo, diria eu — disse o Dr. Goodsir. — A não ser que encontremos fontes de carne fresca brevemente e se a doença continuar a espalhar-se tão rapidamente como agora.

— Muito mais cedo? — perguntou o comandante Fitzjames.

— Não mais tarde do que meados de abril? — disse Goodsir hesitantemente.

Os homens olharam uns para os outros entre o fumo do tabaco e o ar frio. Isso ficava a menos de dois meses de distância.

— Talvez — disse o cirurgião, a sua voz parecendo a Crozier firme e hesitante ao mesmo tempo —, se as condições continuarem a piorar.

— Como é que podem piorar? — perguntou o segundo-tenente Hodgson.

O jovem queria, obviamente, fazer uma piada para diminuir a tensão, mas foi recompensado com olhares sinistros e zangados.

Crozier não queria que o conselho terminasse com aquele tom. Os oficiais, graduados, oficiais subalternos e civis à mesa tinham olhado para as suas opções e percebido que eram tão sombrias como Crozier sabia serem, mas ele não queria que o moral dos líderes dos navios ficasse ainda pior do que já estava.

— A propósito — disse Crozier num tom casual —, o comandante Fitzjames decidiu conduzir o serviço religioso no próximo domingo no *Erebus*. Vai fazer um sermão especial, que estou muito interessado em ouvir, embora já saiba de fonte segura que não será uma leitura do *Livro de Leviaã*. E pensei que, uma vez que as duas tripulações estarão reunidas, deveríamos ter ração completa de grogue e comida nesse dia.

Os homens sorriram e descontraíram. Nenhum deles esperara levar boas notícias aos seus homens daquela reunião.

Fitzjames ergueu muito ligeiramente uma sobrancelha. O seu «sermão especial» e o serviço religioso dali a cinco dias eram para ele uma novidade, como Crozier sabia, mas este pensara que provavelmente faria bem àquele comandante cada vez mais magro ter alguma coisa com que se preocupar e ser o centro das atenções, para variar. Fitzjames fez um brevíssimo aceno com a cabeça.

— Então, muito bem, cavalheiros — disse Crozier de um modo um pouco mais formal. — Esta troca de ideias e informações foi muito útil. O

comandante Fitzjames e eu vamos pensar, provavelmente falaremos com vários de vós novamente, um a um, antes de tomarmos uma decisão a respeito do nosso curso de ação. Agora vamos deixar que os do *Erebus* regressem ao navio antes que o Sol se ponha. Boa viagem, cavalheiros. Vemo-nos todos no domingo.

Os homens saíram. Fitzjames aproximou-se e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Posso querer pedir-lhe emprestado aquele *Livro de Leviatã*, Francis — e seguiu os seus homens para a proa, onde eles se estavam a enfiar nos agasalhos congelados.

Os oficiais do *Terror* regressaram para os seus deveres. O comandante Crozier deixou-se ficar sentado por uns minutos na cadeira à cabeceira da mesa, a pensar no que fora discutido. O ardor pela sobrevivência era mais quente do que nunca, no peito dorido.

— Senhor comandante?

Crozier ergueu o olhar. Era o velho camareiro do *Erebus*, Bridgens, que fora chamado ao serviço devido às doenças dos criados de ambos os comandantes. O homem estivera a ajudar Gibson a tirar os pratos e chávenas da mesa.

— Oh, pode ir, Bridgens — disse Crozier. — Vá com os outros. O Gibson trata disto. Não queremos que faça a caminhada para o *Erebus* sozinho.

— Sim, senhor — disse o velho camareiro dos oficiais subalternos. — Mas gostaria de saber se lhe posso dar uma palavrinha, comandante.

Crozier fez um aceno de concordância. Não convidou o camareiro a sentar-se. Nunca se sentira à vontade junto daquele homem idoso — demasiado idoso para o Serviço de Descobertas. Se dependesse da decisão de Crozier, três anos antes, Bridgens nunca teria sido incluído na lista de tripulantes — muito menos depois de ter sido alistado com a idade de «26» para enganar a Marinha — mas Sir John ficara divertido por ter um camareiro a bordo ainda mais velho do que ele, e não houvera nada a fazer.

— Não pude deixar de ouvir a discussão, comandante Crozier, as três opções de ficar com os navios e esperar por um degelo, rumar a sul até ao rio Fish ou atravessar o gelo para Boothia. Se o capitão não se importar, eu gostaria de sugerir uma quarta opção.

O capitão importava-se. Mesmo um irlandês defensor do igualitarismo como Francis Crozier ressentia-se um pouco ao ter um camareiro dos oficiais subalternos a dar conselhos em questões de comando de vida ou morte. Mas respondeu:

— Pode dizer.

O camareiro dirigiu-se para a prateleira de livros embutida na antepara de popa e puxou dois grossos volumes, trazendo-os para a mesa e pousando-os com um baque.

— Eu sei que está ciente, comandante, de que, em 1829, Sir John Ross e o seu sobrinho James trouxeram o navio *Victory* pela costa leste de Boothia Felix, a península que descobriram e a que chamamos agora península de Boothia.

— Estou bem ciente disso, senhor Bridgens — disse Crozier friamente. — Eu conheço Sir John e o seu sobrinho Sir James muito bem. — Depois de passar cinco anos no gelo da Antártida com James Clark Ross, Crozier pensou que estava a subestimar o conhecimento.

— Sim, senhor — disse Bridgens, anuindo mas sem parecer atrapalhado. — Então tenho a certeza de que conhece os pormenores da sua expedição, comandante Crozier. Eles passaram *quatro invernos* no gelo. Naquele primeiro inverno, Sir John ancorou o *Victory* naquilo a que ele chamou porto Felix, na costa leste de Boothia... quase precisamente a leste da nossa posição aqui.

— O senhor estava nessa expedição, Bridgens? — perguntou Crozier, querendo que o velho fosse direto ao assunto.

— Não tive essa honra, senhor comandante. Mas li estes dois grandes volumes onde Sir John descreveu a sua expedição. Não sei se teve tempo para fazer o mesmo, senhor.

Crozier sentiu a sua fúria irlandesa a crescer. O descaramento do velho camareiro estava a raiar a impertinência.

— Dei uma vista de olhos nos livros, claro — disse ele friamente. — Não tive tempo para os ler cuidadosamente. Isto tem algum objetivo, senhor Bridgens?

Qualquer outro oficial, graduado, suboficial, marinheiro ou fuzileiro sob o comando de Crozier teria percebido a mensagem e começado a recuar para fora da câmara de oficiais e a fazer muitas vénias ao mesmo tempo, mas Bridgens parecia alheio à irritação do comandante da expedição.

— Sim, senhor comandante — disse o velho. — O ponto é que John Ross...

— *Sir John* — interrompeu Crozier.

— Claro. Sir John Ross teve o mesmo problema que nós temos agora, comandante.

— Que disparate. Ele e James ficaram com o *Victory* preso no gelo no lado leste de Boothia, Bridgens, precisamente para onde queremos ir com os trenós, se tivermos tempo e meios. A centenas de quilómetros daqui.

— Sim, senhor, mas na mesma latitude, embora o *Victory* não tivesse de enfrentar esta maldita banquisa que cai sobre nós de noroeste o tempo todo, graças a Boothia. Mas ele passou três invernos naquele gelo, comandante. James Ross fez de trenó mais de novecentos quilómetros para oeste

em Boothia e no gelo até à terra do Rei Guilherme... o mesmo ponto e marco para onde foi o pobre tenente Gore no verão passado, antes do seu infeliz acidente.

— Acha que não sei que Sir James descobriu a terra do Rei Guilherme e deu o nome ao promontório *Victory*? — disse Crozier. A sua voz estava tensa de irritação. — Também descobriu o maldito polo norte durante aquela expedição, Bridgens. Sir James é... era... o mais extraordinário viajante de trenó de longa distância da nossa era.

— Sim, senhor — disse Bridgens. O seu pequeno sorriso de camareiro fez Crozier ter vontade de lhe bater. O comandante sabia, já desde antes da partida, que aquele velho era reconhecidamente um sodomita, pelo menos em terra. Depois do quase-motim do ajudante de calafate, o comandante Crozier estava farto de sodomitas. — O que eu quero dizer, comandante Crozier, é que, depois de três invernos no gelo, com os homens tão doentes com escorbuto como estarão os nossos por altura do verão, Sir John decidiu que nunca sairiam do gelo e afundou o *Victory* em dez braças de água, ali ao largo da costa leste de Boothia, mesmo a leste da nossa posição, e partiram para norte até Fury, onde o comandante Parry tinha deixado provisões e barcos.

Crozier percebeu que podia enforcar aquele homem, mas não o podia calar. Franziu o sobrolho e escutou.

— Lembra-se, senhor comandante, que as provisões de comida e barcos de Parry estavam ali na praia de Fury. Ross ficou com os barcos e zarpou para norte ao longo da costa até ao cabo Clarence, onde, subindo aos penhascos, conseguiram olhar para além dos estreitos de Barrow e Lancaster até onde esperavam encontrar baleeiros... mas o estreito era gelo sólido, senhor. Aquele verão foi tão mau como os nossos dois últimos verões aqui e como o seguinte também poderá ser.

Crozier esperou. Pela primeira vez desde a doença em janeiro, desejou ter um copo de uísque.

— Eles voltaram para a praia de Fury e passaram ali um quarto inverno, comandante. Os homens quase a morrer de escorbuto. No junho seguinte... em 1833, quatro anos depois de terem entrado no gelo... partiram para norte nos pequenos barcos e depois para leste pelo estreito de Lancaster, quando, na manhã de vinte e cinco de agosto, James Ross... agora Sir James... viu uma vela. Eles acenaram, chamaram e dispararam foguetes. A vela desapareceu a leste sobre o horizonte.

— Lembro-me de Sir James mencionar qualquer coisa sobre o assunto — disse Crozier secamente.

— Sim, comandante, imagino que sim — disse Bridgens com o seu sorrisinho pedante. — Mas o vento acalmou, e os homens remaram como

loucos, senhor, e apanharam o baleeiro. Era o *Isabella*, comandante, o mesmo navio que Sir John tinha comandado em 1818.

»Sir John e Sir James e a tripulação do *Victory* passaram quatro anos no gelo na nossa latitude — continuou Bridgens. — E morreu apenas um homem... o carpinteiro, um senhor Thomas, que tinha uma disposição dispéptica e desagradável.

— E o seu objetivo? — perguntou Crozier novamente. A sua voz era monocórdica. Ele estava mais do que consciente de que tinham morrido mais de uma dúzia de homens sob o seu comando naquela expedição.

— *Ainda há barcos e provisões na praia de Fury* — disse Bridgens. — E eu calculo que qualquer expedição de resgate enviada à nossa procura... quer nos anos passados quer no próximo verão... deixará mais barcos e provisões nesse sítio. É o primeiro sítio em que o Almirantado pensará em deixar material escondido para nós e para futuros grupos de busca. A sobrevivência de Sir John assegurou isso mesmo.

Crozier suspirou.

— Tem o hábito de pensar como o Almirantado, camareiro dos oficiais subalternos Bridgens?

— Às vezes, sim — disse o homem idoso. — É um hábito de décadas, comandante Crozier. Passado algum tempo, a proximidade dos tolos força-nos a pensar como um tolo.

— Pode ir, camareiro Bridgens — cortou Crozier.

— Sim, senhor. Mas leia os dois volumes, comandante. Sir John explica tudo... como sobreviver no gelo. Como combater o escorbuto. Como descobrir e usar nativos esquimós para ajudar na caça. Como construir casinhas com blocos de neve...

— *Pode ir*, camareiro!

— Sim, senhor. — Bridgens levou os dedos à testa e voltou-se para o corredor, mas não antes de empurrar os dois grossos volumes para mais perto de Crozier.

O comandante ficou sentado sozinho na gelada câmara de oficiais durante mais dez minutos. Ouvia os homens do *Erebus* subirem a escada principal e atravessarem o convés, a bater com os pés. Ouviu os oficiais do *Terror* no convés a despedirem-se dos seus camaradas e a desejarem boa travessia do gelo. O navio sossegou, tirando os ruídos dos homens a instalarem-se depois da sua ceia e grogue na proa. Crozier ouviu as mesas a serem puxadas para cima na zona de dormir dos tripulantes. Ouviu os seus oficiais descerem pesadamente a escada, pendurarem os seus agasalhos e voltarem para a popa para a própria ceia. Soavam mais animados do que ao pequeno-almoço.

Crozier levantou-se, finalmente — rígido do frio e das dores no corpo — ergueu os dois pesados volumes e arrumou-os cuidadosamente nos seus lugares na prateleira embutida na antepara de popa.

GOODSIR

*Lat. 70-05'N, Long. 98-23'W.
6 de março de 1848*

O cirurgião acordou ao som de gritos e clamores. Por um minuto, não percebeu onde estava, mas depois lembrou-se — estava na câmara de Sir John, que servia agora como enfermaria do *Erebus*. A noite ia a meio. Todas as lanternas alimentadas a óleo de baleia já se tinham extinguido e a única luz entrava pela porta aberta para o corredor. Goodsir adormecera num beliche vazio — nos outros dormiam sete marinheiros gravemente doentes com escorbuto e um com pedras nos rins. Este último fora adormecido com ópio.

Goodsir sonhara que os homens gritavam como se estivessem a morrer. Morriam, no seu sonho, porque ele não sabia como os salvar. Com a sua formação como anatomista, Goodsir estava menos preparado do que os outros três cirurgiões da expedição para a principal responsabilidade de um cirurgião naval — dispensar comprimidos, poções, eméticos, ervas e pílulas. O doutor Peddie explicara certa vez a Goodsir que a vasta maioria dos medicamentos era inútil para os males específicos dos marinheiros — serviam meramente para limpar os intestinos e a barriga de uma maneira explosiva — mas, quanto mais poderoso fosse o purgativo, mais eficaz os homens do mar julgavam ser o tratamento. Era a própria *ideia* da ajuda medicinal que ajudava os marinheiros a recuperar, de acordo com o falecido Peddie. Na maior parte dos casos que não envolviam verdadeira cirurgia, ou o corpo se curava a si mesmo ou o paciente morria.

Goodsir sonhara que estavam todos a morrer — e a gritar enquanto morriam.

Mas aqueles gritos eram reais. Pareciam elevar-se do pavimento.

Henry Lloyd, o assistente de Goodsir, entrou a correr na enfermaria com as pontas da camisa de fora das camisolas. Lloyd trazia uma lanterna e Goodsir viu que ele estava descalço. Devia ter vindo a correr da sua rede.

— O que se passa? — sussurrou Goodsir. Os homens doentes não tinham sido acordados pela gritaria que vinha de baixo.

— O comandante quer que vá ter com ele à proa, junto da escada principal — disse Lloyd. Não fez qualquer tentativa para baixar o tom de voz. O jovem parecia esganiçado e aterrado.

— Chhh — fez Goodsir. — O que se passa, Henry?

— A coisa está cá dentro, doutor — exclamou Lloyd por entre os dentes a bater. — Está lá em baixo. Está a matar os homens lá em baixo.

— Fique de olho nestes homens aqui — ordenou Goodsir. — Vá chamar-me se algum deles acordar ou piorar. E corra a pôr as suas botas e mais roupas.

Goodsir dirigiu-se para vante por entre um amontoado de graduados e oficiais subalternos que saíam dos camarotes e se enfiavam nas roupas. O comandante Fitzjames estava com Le Vesconte junto à escotilha aberta para as cobertas inferiores. O comandante tinha uma pistola na mão.

— Cirurgião, há homens feridos lá em baixo. Tem de vir connosco quando os formos buscar. Vai precisar dos seus agasalhos.

Goodsir anuiu, emudecido.

O imediato Des Voeux desceu a escada do convés. O ar frio lá de cima acompanhava-o, tirando o fôlego a Goodsir. Durante a última semana, o *Erebus* fora assaltado por uma tempestade de neve e temperaturas vertiginosamente baixas, tendo-se chegado, por vezes, aos -73 graus centígrados. O cirurgião não conseguira passar o seu tempo designado no *Terror*. Não houvera comunicação entre os navios durante aquela tempestade.

Des Voeux sacudiu a neve das suas roupas.

— Os três homens de vigia não viram nada lá fora, senhor comandante. Eu disse-lhes para se manterem atentos.

Fitzjames anuiu.

— Precisamos de armas, Charles.

— As três caçadeiras no convés são as únicas que distribuimos esta noite — disse Des Voeux.

Subiu mais um grito desde a escuridão em baixo. Goodsir não conseguiu perceber se vinha do bailéu ou do mais longínquo porão. Ambas as escotilhas pareciam estar abertas.

— Tenente Le Vesconte — bradou Fitzjames. — Leve três homens lá abaixo, pela escotilha da messe de oficiais para o paiol do vinho, e passe

para cima todos os mosquetes e caçadeiras que conseguir. E também cartuchos e pólvora. Quero todos os homens na primeira coberta armados.

— Sim, senhor. — Le Vesconte apontou para três marinheiros e os quatro dirigiram-se à ré por entre a escuridão.

— Charles — disse Fitzjames ao imediato Des Voeux. — Acenda lanternas. Vamos descer. Collins, também vem. Senhor Dunn, senhor Brown... estão connosco.

— Sim, senhor comandante — disseram o calafate e o seu ajudante em coro.

Henry Collins disse:

— Sem armas, comandante? Quer que desçamos ali sem armas?

— Traga a sua faca — disse Fitzjames. — Eu tenho isto. — E ergueu a pistola. — Mantenha-se atrás de mim. O tenente Le Vesconte vai seguir-nos com um grupo armado e trará armas adicionais. Doutor, fique também junto de mim.

Goodsir anuiu, como que atordoado. Estivera a enfiar os agasalhos — ou os de outra pessoa qualquer — e parecia ter a dificuldade de uma criança em enfiar o braço esquerdo pela manga.

Fitzjames, com as mãos nuas e vestindo apenas um casaco esfarrapado por cima da camisa, tirou uma lanterna a Des Voeux e começou a descer as escadas. De algures em baixo ergueu-se o som de uma série de terríveis estrondos, como se alguma coisa estivesse a partir vigas ou anteparas. Não se ouviram mais gritos.

Goodsir lembrou-se da ordem do comandante, «fique junto de mim», e desceu atabalhoadamente as escadas atrás dos dois homens, esquecendo-se de levar uma lanterna. Não tinha consigo a maleta de instrumentos médicos e ligaduras. Brown e Dunn desceram atrás dele, com um vociferante Collins a formar a retaguarda.

O bailéu ficava apenas dois metros abaixo da primeira coberta, mas parecia todo um outro mundo. Goodsir quase nunca ali descera. Fitzjames e o imediato estavam parados ao lado da escada, a mover as lanternas de um lado para o outro. O cirurgião apercebeu-se de que a temperatura ali em baixo devia ser uns vinte graus mais baixa do que na primeira coberta, onde eles comiam e dormiam — e a temperatura média na primeira coberta, ultimamente, andava abaixo dos zero graus.

Os estrondos tinham parado. Fitzjames ordenou a Collins que parasse de praguejar e os seis homens detiveram-se num círculo silencioso em volta da escotilha para o porão, em baixo. Toda a gente, exceto Goodsir, tinha uma lanterna e agora estendia-a para a frente, embora as pequenas esferas de luz parecessem penetrar apenas umas poucas dezenas de centímetros no ar gelado e húmido. O hálito dos homens brilhava na sua frente como orna-

mentos dourados. Os passos apressados mesmo por cima das suas cabeças, na primeira coberta, pareciam a Goodsir estar a quilómetros de distância.

— Quem estava aqui de quarto, esta noite? — sussurrou Fitzjames.

— O Sr. Gregory e um fogueiro — respondeu Des Voeux. — O Cowie, acho eu. Ou talvez fosse o Plater.

— E o carpinteiro Weekes e o seu ajudante Watson — sibilou Collins num sussurro urgente. — Eles estavam a trabalhar durante a noite para escorar aquela parte no casco a estibordo, onde está armazenado o carvão.

Qualquer coisa rugiu em baixo. O som era cem vezes mais forte e mais bestial do que qualquer som de animal que Goodsir alguma vez ouvira — pior ainda do que o rugido na sala ébano à meia-noite, durante o Carnaval. A sua força ecoou em cada madeira, reforço de ferro e antepara do bailéu. Goodsir teve a certeza de que os homens de vigia no convés, no meio daquela noite de tempestade, o tinham ouvido como se a coisa estivesse lá em cima com eles. Sentiu os seus testículos encolherem-se.

O rugido viera do porão.

— Brown, Dunn, Collins — disse Fitzjames. — Vão para vante, passem o paiol do pão e tranquem a escotilha de proa. Des Voeux, Goodsir, venham comigo.

Fitzjames enfiou a pistola no cinto, ergueu a lanterna com a mão direita e desceu as escadas para a escuridão.

Goodsir teve de usar toda a sua força de vontade para evitar urinar-se nas calças. Des Voeux desceu as escadas a seguir, e apenas uma avassaladora vergonha de não seguir os outros homens combinada com o medo de ser deixado sozinho no escuro puseram o assustado cirurgião a descer atrás do imediato. Os seus braços, mãos e pernas pareciam tão insensíveis como se fossem feitos de madeira, mas ele sabia que era o medo, não o frio, que provocava este efeito.

Ao fundo das escadas — no meio de um frio mais negro, espesso e terrível do que o hostil exterior ártico alguma vez parecera a Harry Goodsir — o comandante e o imediato estendiam as lanternas o mais longe que o seu braços alcançavam. Fitzjames tinha a pistola em riste. Des Voeux erguia uma faca de bordo. A mão do imediato tremia. Ninguém se mexia, ninguém respirava.

Silêncio. Os estrondos, baques e gritos tinham cessado.

Goodsir queria gritar. Sentia a presença de alguma coisa ali, no fundo daquele porão, com eles. Alguma coisa enorme e não humana. Podia estar a três metros e meio de distância, mesmo para além dos débeis círculos de luz das lanternas.

Juntamente com a tensão da certeza de que não estavam sozinhos veio um forte odor acobreado. Goodsir já o sentira muitas vezes. Sangue fresco.

— Por aqui — murmurou o comandante, e começou a andar na direção da popa ao longo do estreito corredor de estibordo.

Na direção da sala da caldeira.

A lanterna a óleo que era sempre ali deixada acesa extinguiu-se. A única luz que passava pela porta aberta era um desmaiado cintilar vermelho-e-laranja emitido pelos poucos pedaços de carvão a arder no forno da caldeira.

— Senhor Gregory? — chamou o comandante. A voz de Fitzjames foi suficientemente alta e súbita para Goodsir se sentir novamente perto de se molhar. — Senhor Gregory? — chamou o comandante uma segunda vez.

Não houve resposta. Da sua posição no corredor, o cirurgião apenas via uns poucos centímetros quadrados do chão da sala da caldeira e algum carvão derramado. Havia no ar um cheiro... como se alguém estivesse a grelhar um bife. Goodsir deu por si a salivar, apesar da sensação de horror que crescia no seu interior.

— Fiquem aqui — disse Fitzjames para Des Voeux e Goodsir. O imediato estava a olhar primeiro para a frente e depois à popa, a mover a lanterna num círculo, mantendo a faca em riste, obviamente a tentar ver o corredor às escuras para além do estreito círculo de luz. Goodsir não podia fazer mais nada senão ficar ali parado e cerrar as mãos em punhos. A sua boca estava cheia de saliva perante o quase olvidado aroma da carne a grelhar, e a barriga rugiu apesar do medo.

Fitzjames passou pela ombreira da porta e entrou na sala da caldeira, ficando fora de vista.

Por uma eternidade de cinco ou dez segundos não houve nenhum som. Depois a voz suave do comandante ecoou literalmente do compartimento com paredes de metal.

— Senhor Goodsir. Venha cá, por favor.

Havia dois corpos humanos na sala. Um era reconhecível como o maquinista-chefe, John Gregory. Fora estripado. O seu corpo jazia ao canto, contra a antepara, mas os fios e cordões dos intestinos tinham sido atirados em redor da sala da caldeira como serpentinas. Goodsir tinha de prestar atenção a onde punha os pés. O outro corpo, um homem atarracado, de camisola azul-escura, jazia de barriga para baixo, com os braços de lado, palmas para cima, a cabeça e os ombros enfiados no forno da caldeira.

— Ajude-me a puxá-lo para fora — disse Fitzjames.

O cirurgião agarrou na perna esquerda do homem e na sua camisola a fumar, o capitão pegou na perna e no braço direitos, e juntos puxaram o infeliz para fora das chamas. A boca aberta do homem ficou presa contra o rebordo inferior da fornalha por um segundo, mas depois soltou-se com um ruído seco de dentes a partir.

Goodsir virou o corpo enquanto Fitzjames despia o seu casaco e batia nas chamas que se erguiam da face e cabelos do morto.

Harry Goodsir sentiu-se como se estivesse a assistir a tudo isto de uma grande distância. A parte profissional da sua mente reparou com frio distanciamento que o forno, tão pobremente abastecido e com chamas tão baixas, derretera os olhos do homem, queimara-lhe o nariz e as orelhas e dera-lhe ao rosto a textura de um borbulhante pudim de framboesas demasiado cozido.

— Reconhece-o, senhor Goodsir? — perguntou Fitzjames.

— Não.

— É o Tommy Plater — arfou Des Voeux da porta. — Reconheço-o pela camisola e pela argola que está aí derretida, no sítio onde devia estar a orelha dele.

— Que raio — bradou Fitzjames. — Mantenha-se de guarda no corredor.

— Sim, senhor — disse Des Voeux, e saiu. Goodsir ouviu-o vomitar no corredor.

— Vou precisar que o senhor tome nota... — começou o comandante, falando para Goodsir.

Ouviu-se um estrondo, qualquer coisa a rasgar, e depois um forte baque da direção da proa, um barulho tão forte que Goodsir teve a certeza de que o navio se partira em dois.

Fitzjames só demorou um segundo a agarrar na lanterna e sair pela porta, deixando o seu casaco a fumejar para trás, na sala da caldeira. Goodsir e Des Voeux seguiram-no e correram para vante, passando pelos baús espalhados, e as caixas esmagadas, e depois entre os negros tanques de ferro que continham o que restava da reserva de água fresca do *Erebus* e entre as poucas sacas de carvão remanescentes.

Passaram por um contentor de carvão, e Goodsir olhou à direita e viu um braço humano, despido, que saía da borda de ferro da moldura da porta. Ele parou e baixou-se para ver quem ali estava, mas a luz afastara-se à medida que comandante e imediato continuavam a correr para a proa com as lanternas. Goodsir foi deixado na absoluta escuridão com o que era quase certamente mais um cadáver. Levantou-se e correu para apanhar os outros.

Mais estrondos. Gritos que vinham agora do bailéu, em cima. Um tiro de mosquete ou pistola. Outro tiro. Gritos. Vários homens a gritar.

Goodsir, fora do limite dos círculos de luz das lanternas, saiu do estreito corredor para uma área aberta e escura e correu contra um grosso pilar de carvalho. Caiu de costas no meio de vinte centímetros de gelo e água suja. Não conseguia focar a vista — as lanternas por cima dele eram apenas uns

borrões cor de laranja, à medida que se esforçava por manter a consciência — e tudo, naquele momento, fedia e sabia a esgoto, e pó de carvão, e sangue.

— A escada desapareceu! — gritou Des Voeux.

Sentado com o rabo enterrado em abjeta lama, Goodsir conseguiu ver melhor quando as lanternas ficaram paradas. A escada de proa, feita de carvalho espesso e facilmente capaz de suportar vários homens grandes a carregarem sacas de carvão de cinquenta quilos para cima e para baixo, fora completamente destruída. Alguns fragmentos pendiam ainda da estrutura da escotilha em cima.

Os gritos vinham de cima, do bailéu.

— Empurrem-me para cima — exclamou Fitzjames, que enfiara a pistola no bolso e pousara a lanterna e estava agora a esticar-se, tentando agarrar a estrutura estilhaçada da escotilha. Começou a içar-se para a abertura. Des Voeux baixou-se para lhe pegar.

De súbito, chamas explodiram em cima e pela abertura quadrada.

Fitzjames soltou uma praga e caiu de costas na água gelada, a uns poucos metros de Goodsir. Parecia que a escotilha de proa e tudo por cima deles no bailéu estava a arder.

Fogo, pensou Goodsir. O fumo acre encheu-lhe as narinas.

Não temos para onde fugir. Estavam setenta e três graus abaixo de zero no exterior, e uma tempestade em todo o furor. Se o navio ardesse naquele momento, iam todos morrer.

— A escada principal — disse Fitzjames, e levantou-se, encontrou a lanterna e começou a correr para a popa. Des Voeux seguiu-o.

Goodsir pôs-se de gatas no meio do gelo e água, levantou-se, caiu outra vez, rastejou, e depois correu atrás das lanternas que se afastavam.

Alguma coisa rugiu no bailéu. Ouvia-se o metralhar de mosquetes e depois os distintos tiros de caçadeiras.

Goodsir queria parar no contentor do carvão para ver se o homem a quem pertencia aquele braço estava morto ou vivo — ou se estava, sequer, preso ao braço — mas não havia ali nenhuma luz, quando chegou. Correu pelo meio do escuro, fazendo ricochete nas anteparas dos contentores de carvão e água.

As lanternas estavam já a desaparecer pela escada para o bailéu acima. Jorrava fumo da abertura.

Goodsir subiu com esforço, foi pontapeado na cara por uma bota que pertencia ao comandante ou ao imediato, e depois deu por si no bailéu.

Não conseguia respirar. Não via nada. As lanternas agitavam-se à sua volta, mas o ar era tão denso de fumo que não havia iluminação.

O impulso de Goodsir foi procurar a escada para a primeira coberta e continuar a subir, depois voltar a subir até encontrar o ar livre, mas havia

homens aos gritos à sua direita — na direção da proa — por isso ele deixou-se cair de gatas. O ar ali era respirável. Ou um pouco mais respirável. Na direção da proa, via-se um brilho de um vivo cor de laranja, demasiado vivo para ser emitido pelas lanternas.

Goodsir avançou de gatas, encontrou o corredor para a esquerda do paiol do pão, avançou mais um pouco. Na sua frente, algures no meio do fumo, uns homens batiam no fogo com cobertores. Os cobertores estavam a incendiar-se.

— Arranjem uma equipa com baldes — gritou Fitzjames de algum ponto na sua frente, no meio do fumo. — Quero água cá em baixo!

— Não há água, comandante — gritou uma voz tão agitada que Goodsir não a reconheceu.

— Usem os baldes do mijo. — A voz do comandante cortou o fumo e os gritos como uma lâmina afiada.

— Estão congelados! — gritou uma voz que Goodsir reconheceu. John Sullivan, gajeiro do grande.

— Usem-nos na mesma — bradou Fitzjames. — E neve. Sullivan, Sinclair, Reddington, Seeley, Pocock, Greater... mandem os homens formar uma fila desde o convés até aqui ao bailéu. Apanhem a maior quantidade de neve que conseguirem. Atirem-na às chamas. — Fitzjames teve de se calar para tossir violentamente.

Goodsir levantou-se. O fumo rodopiava à sua volta como se alguém tivesse aberto uma porta ou janela. Num momento conseguia ver quatro ou cinco metros na sua frente, até aos paióis do carpinteiro e do mestre de equipagem, ver claramente as chamas que lambiam as paredes e postes, e no segundo seguinte não via a meio metro de distância. Toda a gente estava a tossir, incluindo Goodsir.

Os homens empurravam-no, na pressa de subir a escada, e Goodsir encostou-se à antepara, perguntando-se se devia subir para a primeira coberta. Não tinha qualquer utilidade ali.

Lembrou-se do braço nu pendurado no contentor de carvão, no porão em baixo. A ideia de descer ali outra vez deu-lhe vontade de vomitar.

Mas a coisa está nesta coberta.

Como que para confirmar esse pensamento, quatro ou cinco mosquetes dispararam ao mesmo tempo a menos de três metros na frente do cirurgião. As explosões eram ensurdecedoras. Goodsir levou as palmas das mãos aos ouvidos e caiu de joelhos, lembrando-se de como dissera à tripulação do *Terror* que as vítimas de escorbuto podiam morrer com o simples som de um tiro de mosquete. Ele sabia que tinha os primeiros sintomas de escorbuto.

— Cessar fogo! — gritou Fitzjames. — Esperem! Há homens aqui!

— Mas, comandante... — veio a voz do cabo Alexander Pearson, o mais graduado dos quatro fuzileiros navais no *Erebus*.

— Basta, já vos disse!

Goodsir conseguia ver agora as silhuetas do tenente Le Vesconte e dos fuzileiros navais contra as chamas, Le Vesconte de pé e os fuzileiros sobre um joelho, a carregarem os mosquetes como se estivessem no meio de uma batalha. O cirurgião pensou que as paredes, vigas e arcas e caixas soltas na proa estavam todas a arder. Os marinheiros combatiam as chamas com cobertores e rolos de pano. Havia fagulhas a voar por todo o lado.

A silhueta de um homem a arder saiu a cambalear do meio das chamas e veio na direção dos fuzileiros e marinheiros amontoados.

— Cessar fogo! — gritou Fitzjames.

— Cessar fogo! — repetiu Le Vesconte.

O homem a arder caiu nos braços de Fitzjames.

— Senhor Goodsir! — chamou o comandante. John Downing, o oficial encarregado da distribuição das provisões, parou de bater com a sua manta contra o fogo no corredor e apagou as chamas que emanavam das roupas a fumar do homem.

Goodsir precipitou-se para ele e retirou-o de cima de Fitzjames. O lado direito do seu rosto quase desaparecera — não queimado, mas rasgado por garras, e a pele e o olho pendiam livremente — e marcas paralelas desciam pelo lado do peito, as marcas das garras a cortar profundamente por oito camadas de tecido e carne. O casaco estava encharcado de sangue. O braço direito desaparecera.

Goodsir percebeu que estava a segurar Henry Foster Collins, a quem Fitzjames ordenara um pouco antes que fosse para a proa com Brown e Dunn, o calafate e o seu ajudante, para trancarem a escotilha de proa.

— Preciso de ajuda para o levar para a enfermaria — arfou Goodsir. Collins era um homem pesado, mesmo sem o braço, e as suas pernas tinham finalmente cedido. O cirurgião conseguia segurá-lo apenas porque estava encostado à antepara do paiol do pão.

— Downing! — chamou Fitzjames para a silhueta do alto oficial de provisões que regressara para as chamas com o cobertor a arder.

Downing atirou com o cobertor e voltou a correr por entre o fumo. Sem fazer uma pergunta, o homem enganchou o braço remanescente de Collins sobre o seu próprio ombro e disse:

— Depois de si, senhor Goodsir.

Goodsir precipitou-se para a escada, mas uma dúzia de homens com baldes estavam a tentar descer por entre o fumo.

— Abram caminho! — bradou Goodsir. — Homem ferido a subir!

As botas e joelhos recuaram.

Enquanto Downing carregava Collins, já inconsciente, pela escada quase vertical, Goodsir chegou à primeira coberta, onde todos viviam. Os marinheiros reunidos ficaram a olhar para ele. O cirurgião percebeu que também ele devia parecer uma baixa — tinha as mãos e as roupas e o rosto cheios de sangue, de quando chocara contra o poste, e sabia que estava também todo preto da fuligem.

— Para a enfermaria — ordenou Goodsir quando Downing ergueu o homem queimado e ferido nos braços. O homem teve de se virar de lado para transportar Collins ao longo do corredor estreito. Atrás de Goodsir, duas dúzias de homens estavam a passar baldes desde a coberta até à escada, enquanto outros despejavam neve sobre o tabuado do pavimento na zona de dormir dos marinheiros, em volta do fogão e da escotilha da proa. Se aquela coberta se incendiasse, o navio estava perdido, conforme Goodsir sabia.

Henry Lloyd saiu da enfermaria, com o rosto pálido e os olhos muito abertos.

— Os meus instrumentos estão prontos? — perguntou Goodsir apressadamente.

— Sim, senhor.

— Serra?

— Sim.

— Ótimo.

Downing pousou o inconsciente Collins na mesa cirúrgica a meio da enfermaria de bordo.

— Obrigado, senhor Downing — disse Goodsir. — Pode fazer o favor de pedir a um ou dois marinheiros que o ajudem a levar estes outros homens doentes para uma cama num camarote qualquer? Qualquer beliche vazio serve.

— Sim, doutor.

— Lloyd, vá buscar o senhor Wall e diga ao cozinheiro e aos seus ajudantes que precisamos de toda a água quente que nos puderem dar. Mas, primeiro, avive-me essas lanternas. Depois volte para aqui. Vou precisar das suas mãos e de uma lanterna.

Durante a hora seguinte, o Dr. Harry D. S. Goodsir esteve tão ocupado que a enfermaria poderia ter começado a arder que ele não repararia senão para se congratular pela luz adicional.

Despiu a parte superior do corpo de Collins, onde as feridas abertas fumegavam ao ar gelado. Depois atirou a primeira panela de água quente por cima delas para as limpar o melhor que conseguia — não pela higiene, mas para limpar brevemente o sangue para ver a sua profundidade. Depois decidiu que os rasgões causados pelas garras não constituíam em si um perigo de vida imediato e começou a trabalhar no ombro, nariz e rosto do homem.

O braço saíra de forma limpa. Era como se uma enorme guilhotina tivesse cortado o braço de Collins de um só golpe. Acostumado a acidentes industriais e navais, que maltratavam e retorciam e desfaziam a carne em pedaços, Goodsir estudou o ferimento com algo semelhante a admiração, se não mesmo reverência.

Collins estava a sangrar abundantemente, mas as chamas por que fora apanhado tinham cauterizado o seu ombro. Isso salvara-lhe a vida. Por enquanto.

Goodsir conseguia ver a omoplata — uma protuberância de um branco vibrante — mas não restava nenhum osso do braço para ele cortar. Enquanto Lloyd tremia ao segurar a lanterna e ao pôr, por vezes, o dedo onde Goodsir mandava — muitas vezes numa artéria a esguichar — o cirurgião atou com destreza as veias e artérias cortadas. Sempre fora bom nesse tipo de coisas — os seus dedos trabalhavam quase sozinhos.

Extraordinariamente, parecia não haver quase nenhum tecido ou material estranho no ferimento. Isto diminuía o risco de sépsis fatal, embora essa fosse ainda uma probabilidade. Goodsir limpou o que conseguia ver com a segunda e última panela de água quente trazida para a popa por Downing. Depois cortou quaisquer pontas soltas de carne e suturou onde conseguiu. Por sorte, havia umas pontas de pele suficientemente longas para o cirurgião as conseguir dobrar sobre a ferida e cosê-las com pontos largos.

Collins gemeu e moveu-se.

Goodsir trabalhou então o mais depressa que conseguiu, querendo terminar o pior da tarefa antes que o homem acordasse completamente.

O lado direito do rosto de Collins pendia sobre o seu ombro como uma máscara de carnaval caída. Fez lembrar a Goodsir as muitas autópsias que executara, cortando a face e baixando-a sobre o topo do crânio como um tecido apertado e molhado.

Mandou Lloyd puxar a longa aba de pele facial o mais para cima e apertadamente que conseguisse — o seu assistente voltou-se para vomitar para o pavimento, mas depois regressou de imediato, a limpar os dedos pegajosos ao seu colete de lã — e Goodsir suturou rapidamente a parte solta do rosto de Collins a uma grossa zona de pele e carne mesmo abaixo da linha de cabelo do homem.

Não conseguiu salvar-lhe o olho. Tentou enfiá-lo no sítio, mas a região suborbital fora despedaçada. Havia estilhaços de osso pelo meio. Goodsir arrancou os estilhaços, mas o globo ocular em si estava demasiado danificado.

Retirou então a tesoura das mãos a tremer de Lloyd e cortou o nervo ótico, atirando com o olho para o balde já cheio de farrapos ensanguentados e fragmentos da carne de Collins.

— Segure-me essa lanterna aqui mais perto — ordenou Goodsir. — Pare de tremer.

Espantosamente, restava um pedaço da pálpebra. Goodsir puxou-a o mais para baixo que conseguiu e coseu-a habilmente a um pedaço de pele solta abaixo do olho. Fez estes pontos mais apertados, uma vez que teriam de aguentar durante anos.

Se Collins sobrevivesse.

Tendo feito o melhor que podia pela face do homem, Goodsir voltou a sua atenção para as queimaduras e cortes das garras. As queimaduras eram superficiais. Os ferimentos causados pelas garras eram suficientemente profundos para Goodsir conseguir ver a sempre chocante brancura de costelas expostas aqui e ali.

Mandando Lloyd aplicar unguento nas queimaduras com a mão esquerda enquanto segurava a lanterna com a direita, Goodsir limpou e fechou os músculos rasgados e coseu a carne e pele nos sítios onde conseguiu. Continuava a escorrer sangue do ferimento no ombro e pescoço de Collins, mas a um ritmo mais reduzido. Se as chamas tivessem cauterizado a carne e as veias o suficiente, o infeliz poderia ter sangue dentro de si para conseguir sobreviver.

Outros homens foram levados para a enfermaria, mas sofriam apenas de queimaduras — algumas sérias, mas não representando risco de vida — e, agora que a parte mais urgente do seu trabalho com Collins estava terminada, Goodsir pendurou a lanterna no gancho de latão por cima da mesa e ordenou a Lloyd que ajudasse os outros com unguentos, água e curativos.

Estava justamente a terminar com Collins — administrando-lhe ópio para que o homem, que recuperava a consciência e começava a gritar, pudesse dormir — quando se voltou para encontrar o comandante Fitzjames ao seu lado.

O comandante estava tão sujo de sangue e fuligem como o cirurgião.

— Vai sobreviver? — perguntou Fitzjames.

Goodsir pousou um bisturi e depois abriu e fechou as mãos ensanguentadas, como que para dizer *só Deus sabe*.

Fitzjames acenou com a cabeça.

— O incêndio está contido — disse o comandante. — Julguei que gostasse de saber.

Goodsir anuiu. Nem pensara no incêndio, durante a última hora.

— Lloyd, senhor Downing — disse ele. — Importavam-se de levar o senhor Collins para aquela cama mais perto da anteparas de proa? Ali está mais calor.

— Perdemos todas as reservas de carpintaria no bailéu — continuou Fitzjames —, bem como muitas das provisões restantes que estavam em

caixas na proa e uma boa parte das reservas do paiol do pão. Eu diria que perdemos um terço do que restava da nossa comida em latas e barris. E temos a certeza de que houve estragos no porão, mas ainda não voltámos lá a baixo.

— Como é que começou o incêndio? — perguntou o cirurgião.

— Collins, ou um dos seus homens, atirou uma lanterna à coisa, quando ela lhe apareceu pela escotilha — disse o comandante.

— E o que é que aconteceu à... coisa? — perguntou Goodsir. De súbito, sentiu-se tão exausto que teve de se apoiar na borda da mesa cirúrgica ensanguentada para não cair.

— Deve ter desaparecido pelo mesmo caminho por onde entrou — disse Fitzjames. — Descendo pela escotilha da proa e saindo algures pelo porão. A não ser que ainda esteja lá em baixo. Eu tenho homens armados em cada uma das escotilhas. Está tanto frio e tanto fumo no bailéu que temos de mudar a guarda a cada meia hora.

»Collins foi quem viu melhor a coisa. Foi por isso que cá vim... para ver se podia falar com ele. Os outros só viram a forma contra as chamas... olhos, dentes, garras, uma massa branca, ou uma silhueta negra. O tenente Le Vesconte mandou os fuzileiros atirarem nela, mas ninguém viu se foi atingida. Há sangue por todo o lado desde o paiol do carpinteiro, mas não sabemos se é algum da criatura. Posso falar com Collins?

Goodsir abanou a cabeça.

— Acabei de o adormecer com um opiáceo. Vai dormir durante horas. Não faço ideia se alguma vez acordará. É muito provável que não.

Fitzjames anuiu novamente. O comandante parecia tão exausto como o cirurgião se sentia.

— E o que aconteceu ao Dunn e ao Brown? — perguntou Goodsir. — Foram para a proa com Collins. Encontrou-os?

— Sim — disse Fitzjames monocordicamente. — Estão vivos. Fugiram para estibordo do paiol do pão quando o fogo começou e a coisa foi atrás do pobre Collins. — O comandante inspirou profundamente. — O fumo lá em baixo está a dissipar-se, por isso tenho de levar alguns homens ao porão para irmos buscar os corpos do maquinista-chefe Gregory e do fogueiro Tommy Plater.

— Oh, meu Deus — disse Goodsir. Contou a Fitzjames acerca do braço nu que tinha visto pendurado do contentor de carvão.

— Eu não o vi — disse o comandante. — Estava tão ansioso por chegar à escotilha de proa que não olhei para baixo, só em frente.

— Eu também devia ter olhado para a frente — disse o cirurgião lugubremente. — Bati contra um pilar, ou um poste.

Fitzjames sorriu.

— Estou a ver. Médico, cura-te a ti mesmo. O senhor tem uma laceração profunda desde a linha do cabelo até às sobranceiras, e um inchaço do tamanho do punho de Magnus Manson.

— A sério? — disse Goodsir. Tocou a testa com um ar embaraçado. Os seus dedos sujos de sangue saíram ainda com mais sangue, embora ele sentisse a espessa crosta de sangue seco na enorme contusão ali. — Eu faço a sutura com um espelho, ou peço a Lloyd que ma faça mais tarde — disse ele com um ar cansado. — Estou pronto para ir, senhor comandante.

— Ir aonde, senhor Goodsir?

— Ao porão — disse o cirurgião, sentindo as entranhas contraírem-se de náusea perante a ideia. — Ver quem está no contentor de carvão. Ele pode estar vivo.

Fitzjames olhou-o nos olhos.

— O nosso carpinteiro, o senhor Weekes, e Watson, o seu ajudante, estão desaparecidos, doutor Goodsir. Estavam a trabalhar no contentor de carvão de estibordo, a consertar uma brecha no porão. Mas devem estar mortos.

Goodsir ouvira o «doutor». Franklin e Fitzjames quase nunca tratavam dessa maneira os cirurgiões, nem sequer Stanley e Peddie, os cirurgiões principais. Eles — e Goodsir — tinham sempre recebido o inferior «senhor», tanto de Sir John como do aristocrático Fitzjames.

Mas não desta vez.

— Temos de descer para ir verificar — disse Goodsir. — *Eu* tenho de descer para verificar. Alguém pode estar ainda vivo.

— Também a coisa do gelo pode estar viva e à espera lá em baixo — disse Fitzjames suavemente. — Ninguém a viu ou ouviu sair.

Goodsir anuiu, cansado, e ergueu a sua maleta médica.

— Posso pedir ao senhor Downing que me acompanhe? — perguntou. — Posso precisar de alguém para segurar a lanterna.

— Eu acompanho-o, doutor Goodsir — disse o comandante Fitzjames. Pegou na lanterna adicional que Downing tinha levado para a enfermaria. — Depois de si, doutor.

CROZIER

Lat. 70-05' N., Long. 98-23' O
22 de abril de 1848

Tenente Little — disse o capitão Crozier —, por favor, passe a ordem para abandonar o navio.

— Sim, senhor comandante. — Little voltou-se e gritou a ordem para o convés apinhado. Os outros oficiais e segundo-piloto sobreviventes estavam ausentes, por isso, John Lane, o mestre de equipagem, gritou a ordem na direção da proa. Thomas Johnson, o contramestre e aquele que administrara as chicotadas a Hickey e aos outros dois homens em janeiro, gritou a ordem pela escotilha aberta antes de finalmente a fechar e entaipar.

Não ficara ninguém em baixo, claro. Crozier e o tenente Little tinham percorrido o navio da proa à popa em cada uma das cobertas, olhando para dentro de cada compartimento — desde a fria sala da caldeira com os seus fornos até aos contentores de carvão vazios do porão e ao pequeno mas vazio paiol da amarra na proa e depois refazendo o caminho na direção contrária. No bailéu tinham verificado que o paiol do vinho e a escotaria estavam despojados de todos os seus mosquetes, caçadeiras, pólvora e cartuchos — apenas restavam as fileiras de alfanges e baionetas nos seus suportes, a brilhar friamente à luz da lanterna. Dois oficiais tinham verificado que toda a roupa necessária fora removida do paiol da roupa durante o mês anterior e depois passado para o paiol do comandante e o paiol do pão, igualmente vazios. Na cobertura de proa, Little e Crozier tinham espreitado para dentro de cada camarote, reparando em como os oficiais tinham deixado os beliches e prateleiras e objetos pessoais arrumados, depois vendo

as redes dos marinheiros a ser elevadas pela última vez, os baús esvaziados mas ainda nos seus sítios, como se aguardassem o chamamento para o jantar, e indo depois para a popa para reparar nos livros que faltavam na câmara de oficiais, onde os homens tinham feito as suas escolhas entre os volumes e levado montes deles para o gelo. Finalmente, parando junto ao enorme fogão que estava absolutamente frio pela primeira vez em quase três anos, o tenente Little e o comandante Crozier chamaram novamente pela escotilha de proa, para garantir que ninguém ficava para trás. Fariam uma contagem dos homens lá em cima, mas aquela era uma parte do protocolo do abandono de um navio.

Depois tinham subido ao convés e deixado a escotilha aberta atrás deles.

Os homens parados no convés não ficaram surpreendidos ao ouvir a ordem para abandonar navio. Tinham sido convocados e reunidos para isso mesmo. Estavam apenas vinte e cinco Terrores presentes nessa manhã; o resto estava no Acampamento do Terror, três quilómetros a sul do promontório Victory, ou a transportar materiais para lá, ou a caçar, ou a fazer reconhecimento perto do acampamento. Um igual número de Erebus esperava lá em baixo, no gelo, ao lado de trenós e pilhas de equipamento, no mesmo local onde tinham sido montadas as tendas de equipamento e provisões do *Erebus*, no princípio de abril, quando aquele navio fora abandonado.

Crozier viu os seus homens desceram a rampa de gelo, deixando o navio para sempre. Finalmente, apenas restavam ele e Little no convés inclinado. Os cinquenta e poucos homens à espera no gelo olhavam-nos com olhos quase tornados invisíveis debaixo das perucas galesas bem enterradas na cabeça e por cima dos cachecóis de lã, todos a pestanejar fortemente à fria luz da manhã.

— Pronto, Edward — disse Crozier suavemente. — Desço consigo.

O tenente saudou, ergueu o pesado saco de artigos pessoais e desceu a escada e depois a rampa de gelo para se juntar aos homens em baixo.

Crozier olhou em volta. A magra luz do sol de abril iluminava um mundo de gelo torturado, cristas de pressão, incontáveis *seracs* e a neve empurrada pelo vento. Enterrando mais a aba do chapéu na cabeça e olhando para leste, tentou gravar os seus sentimentos naquele momento.

O abandono de um navio era o ponto mais baixo na vida de qualquer comandante. Era uma admissão do fracasso total. Era, na maior parte dos casos, o fim de uma longa carreira naval. Para a maior parte dos comandantes, muitos dos quais Francis Crozier conhecera pessoalmente, era um golpe do qual nunca recuperavam.

Crozier não sentia nenhum desse desespero. Por enquanto. Mais importante para ele, naquele momento, era a chama azul da determinação que ainda ardia, pequena mas quente, no seu peito — *Eu vou sobreviver*.

Ele queria que os seus homens sobrevivessem — ou, pelo menos, o maior número deles possível. Se houvesse a mais ligeira esperança de qualquer homem do HMS *Erebus* ou do HMS *Terror* sobreviver e voltar para casa em Inglaterra, Francis Rawdon Moira Crozier seguiria essa esperança sem olhar para trás.

Tinha de tirar os homens do navio. E, depois, de tirá-los do gelo.

Percebendo que tinha quase cinquenta pares de olhos em cima dele, Crozier deu uma última palmadinha na borda do navio, desceu pela escada que tinham colocado no lado estibordo, uma vez que, nas últimas semanas, a embarcação tinha começado a inclinar-se ainda mais para bombordo, e depois desceu pela gasta rampa até aos homens que o aguardavam.

Carregando o próprio saco e colocando-se atrás da fila de homens que puxariam o último trenó, ergueu o olhar para o navio uma última vez e disse:

— Está bonito, não está, Harry?

— Está, sim, senhor comandante — disse o gajeiro de proa Harry Peglar. Crozier e o gajeiro tinham conseguido repor todos os mastaréis e vergas e o cordoame nas últimas duas semanas, apesar das tempestades de neve e de relâmpagos, das temperaturas baixas, da instabilidade das cristas de pressão e dos ventos fortes. O gelo cintilava por todo o lado nos mastaréis, vergas e cordoame. Para Crozier, era como se o navio estivesse enfeitado de joias.

Depois do afundamento do HMS *Erebus*, no último dia de março, Crozier e Fitzjames tinham decidido que, embora o *Terror* tivesse de ser abandonado pouco depois, se queriam ter alguma hipótese de chegar, a pé ou nos barcos, a um sítio seguro antes do inverno, o navio devia ser deixado em condições de navegabilidade. Se ficassem presos no Acampamento do Terror, na terra do Rei Guilherme, até ao verão e o gelo se abrisse milagrosamente, poderiam, teoricamente, levar os barcos de volta para o *Terror* e tentar navegar para a liberdade.

Teoricamente.

— Senhor Thomas — gritou ele para Robert Thomas, o segundo-piloto e primeiro na fila de puxadores do primeiro dos cinco trenós —, quando estiver pronto.

— Sim, senhor — respondeu Thomas, e começou a puxar o arnês. Mesmo com sete homens a puxar, o trenó não se mexeu. Os patins tinham colado ao gelo.

— Força com isso, Bob! — disse, a rir, Edwin Lawrence, um dos ma-

rinheiros ao arnês com ele. O trenó gemeu, os homens gemeram, o couro chiou, o gelo estalou e o trenó altamente carregado começou a avançar.

O tenente Little deu a ordem para o segundo trenó, encabeçado por Magnus Manson, começar a andar. Com o gigante a liderar os homens, o segundo trenó — embora mais carregado do que o de Thomas — começou a andar de imediato, apenas com o mais breve raspar de gelo sob os patins de madeira.

E assim foi para os quarenta e seis homens, com trinta e cinco deles a puxar para a primeira etapa, cinco a caminhar ao lado com caçadeiras e mosquetes, à espera da sua vez de puxar, quatro dos pilotos de ambos os navios e os dois oficiais — o tenente Little e o comandante Crozier — a caminharem ao lado, e a empurrarem ocasionalmente, e, com menos frequência, a juntarem-se à equipa no arnês.

O comandante recordou-se que, vários dias antes, quando o segundo-tenente Hodgson e o terceiro-tenente Irving se preparavam para partir para mais uma viagem para o Acampamento do Terror — os dois oficiais que tinham recebido a ordem para levarem os homens numa expedição de caça e reconhecimento durante os dias seguintes — Irving surpreendera o comandante pedindo que um de dois homens designados para a sua equipa fosse deixado no *Terror*. Ao início, Crozier ficara surpreso, porque sempre julgara o jovem John Irving capaz de lidar com os marinheiros e de levar a cabo e fazer cumprir as ordens que lhe eram dadas, mas depois Crozier ouvira os nomes dos envolvidos e compreendera. O tenente Little pusera os nomes de Magnus Manson e Cornelius Hickey no trenó e equipa de reconhecimento de Irving, e este estava a solicitar respeitosamente, sem dar quaisquer razões, que um ou outro dos homens fosse designado para outra equipa. Crozier acedera ao pedido de imediato, recolocando Manson nos trenós do último dia e permitindo que o pequeno ajudante de calafate seguisse com a equipa de trenó do tenente Irving. Crozier também não confiava em Hickey, especialmente depois do quase-motim de duas semanas antes, e ele sabia que o homenzinho era muito mais traiçoeiro com o gigante idiota do Manson ao seu lado.

Agora, enquanto se afastavam do navio, vendo Manson a puxar a quinze metros na sua frente, Crozier manteve deliberadamente a cabeça virada para a frente. Decidira que não olharia para trás, para o *Terror*, durante, pelo menos, as duas primeiras horas de viagem.

Ao olhar os homens que se esforçavam a puxar na sua frente, o comandante tinha bem consciência daqueles que estavam ausentes.

Fitzjames estava, nesse dia, a servir como comandante do Acampamento do Terror na ilha do Rei Guilherme, mas a verdadeira razão para a sua ausência era de cariz diplomático. Nenhum comandante queria aban-

donar o seu navio à vista de outro, se isso fosse possível, e todos os comandantes eram sensíveis a isto. Crozier, que visitara o *Erebus* quase todos os dias desde o início do seu desmembramento com a pressão do gelo, dois dias depois do incêndio e invasão da criatura no princípio de março, fizera questão de não estar presente no dia 31 de março, quando Fitzjames tivera de abandonar navio. Fitzjames devolvia o favor nessa semana, oferecendo-se para os deveres de comando longe do *Terror*.

A maior parte das outras ausências eram bem mais trágicas e deprimidas. Crozier recordou os rostos enquanto marchava ao lado do último trenó.

O *Terror* tivera muito mais sorte do que o *Erebus* no que dizia respeito à perda de oficiais e líderes. Dos seus principais oficiais, Crozier perdera o seu imediato, Fred Hornby, para a coisa do gelo durante o desastre do Carnaval, Giles MacBean para a coisa durante uma viagem de trenó em setembro e ambos os cirurgiões, Peddie e McDonald, também durante o Carnaval da Passagem de Ano. Mas os seus primeiro, segundo e terceiro-tenentes estavam vivos e em razoável estado de saúde, bem como o seu segundo-piloto, Thomas, Blanky, o seu mestre do gelo, e o indispensável Helpman, o seu secretário.

Fitzjames perdera o seu superior — Sir John — e o seu primeiro-tenente, Graham Gore, bem como o tenente James Walter Fairholme e o imediato Robert Orme Sergeant, todos mortos pela criatura. Também perdera o seu cirurgião principal, o senhor Stanley, e Henry Foster Collins, segundo mestre. Restava-lhe apenas o tenente H. T. D. Le Vesconte, o segundo-piloto Charles Des Voeux, o mestre do gelo Reid, o cirurgião Goodsir e o seu comissário, Charles Hamilton Osmer, como oficiais. Em vez da apinhada messe de oficiais dos primeiros dois anos — Sir John, Fitzjames, Gore, Le Vesconte, Fairholme, Stanley, Goodsir e Osmer, todos a jantar juntos — as últimas semanas tinham visto apenas o comandante e o seu tenente sobrevivente, o cirurgião e o comissário a jantarem na fria divisão. E Crozier sabia que mesmo isso, nos últimos dias, constituía uma visão absurda, uma vez que o gelo inclinara o *Erebus* quase trinta graus para estibordo. Os quatro homens tinham sido forçados a sentar-se no pavimento, com os pratos nos joelhos e os pés firmados com força contra uma travessa de madeira.

Hoar, o camareiro de Fitzjames, ainda estava doente com escorbuto, por isso, o pobre velho Bridgens fora o camareiro que tivera de se arrastar como um caranguejo para servir os oficiais agarrados ao pavimento loucamente inclinado.

O *Terror* tivera também mais sorte com os graduados. O maquinista-chefe, o mestre de equipagem e o carpinteiro estavam ainda vivos e em condições. O *Erebus* vira o seu maquinista-chefe, John Gregory, e o carpin-

teiro, John Weekes, eviscerados em março, quando a coisa do gelo entrara a bordo durante a noite. O outro graduado do navio, o mestre de equipagem Thomas Terry, fora decapitado pela criatura em novembro. Fitzjames não tinha nenhum graduado vivo.

Dos vinte e um suboficiais do *Terror* — ajudantes, oficiais de provisões, gajeiros de proa e do grande mastro, encarregados do porão e do castelo de proa, camareiros, calafates e fogueiros — Crozier perdera um único homem: o fogueiro John Torrington, o primeiro homem a morrer na expedição, há tanto tempo, no dia 1 de janeiro de 1846, na ilha de Beechey. E, mesmo esse, lembrou-se Crozier, fora de uma tísica que o jovem Torrington levava consigo de Inglaterra.

Fitzjames perdera mais um dos seus suboficiais, o fogueiro Tommy Plater, no dia de março em que a coisa levava a cabo a sua carnificina no porão e bailéu. Apenas Thomas Watson, o ajudante do carpinteiro, sobrevivera ao ataque da coisa no porão nessa noite, e perdera a mão direita.

Uma vez que Thomas Burt, o armeiro, fora mandado de volta para Inglaterra desde a Gronelândia mesmo antes de chegarem ao verdadeiro gelo, isso deixava o *Erebus* com vinte suboficiais sobreviventes. Alguns destes homens, como o velho mestre veleiro, John Murray, e o próprio camareiro de Fitzjames, Edmund Hoar, estavam demasiado doentes com escorbuto para serem úteis. Outros, como Thomas Watson, estavam demasiado maltratados para trabalharem, enquanto ainda outros, como o chicoteado camareiro da messe de oficiais Richard Aylmore, estavam demasiado amuados para terem grande utilidade.

Crozier mandou um dos homens que estavam obviamente esgotados ficar a descansar e andar ao lado com a guarda armada enquanto ele, o comandante, fazia uma etapa com o arnês. Mesmo com os outros seis homens a puxar, a força terrível de se arrastar mais de duzentos e vinte quilos de alimentos enlatados, armas e tendas era um choque para o seu organismo enfraquecido. Mesmo depois de Crozier entrar no ritmo — já tinha feito expedições de trenó desde março, quando começara a despachar os barcos e equipamento para a terra do Rei Guilherme — a dor das correias contra o peito a arder, o peso da massa a ser puxada e o desconforto do suor que congelava, descongelava e voltava a congelar nas roupas eram chocantes.

Crozier lamentava que não tivessem mais marinheiros de primeira e fuzileiros.

O *Terror* perdera dois dos seus marinheiros qualificados — Billy Strong, rasgado ao meio pela criatura, e James Walker, o bom amigo do idiota Magnus Manson antes de o gigante cair completamente sob o domínio do pequeno ajudante de calafate com cara de rato. Fora o medo do fan-

tasma de Jimmy Walker no porão, recordou Crozier, que levava o pesadão Manson ao seu primeiro ponto de motim, tantos meses antes.

Naquele aspeto, o HMS *Erebus* tivera mais sorte do que o seu navio irmão. O único marinheiro qualificado que Fitzjames perdera durante aquela expedição fora John Hartnell, também por tísica e também enterrado no inverno de 1846 na ilha de Beechey.

Crozier fazia força contra as correias e pensava nos rostos e nos nomes — tantos oficiais mortos, tão poucos marinheiros comuns — e grunhiu enquanto puxava, pensando que a coisa no gelo parecia vir deliberadamente atrás dos líderes daquela expedição.

Não penses assim, ordenou-se Crozier a si mesmo. *Estás a dotar a besta de poderes de pensamento que ela não tem.*

Não tem?, perguntou uma outra e mais temerosa parte da mente de Crozier.

Um dos fuzileiros navais aproximou-se, trazendo um mosquete em vez de caçadeira no braço. O rosto do homem estava completamente escondido por barretes e abafos, mas, pela postura torta, com os ombros caídos, Crozier sabia que era Robert Hopcraft. O soldado fora ferido com gravidade pela criatura no ano anterior, no dia de junho em que Sir John morrera, mas, embora os outros ferimentos de Hopcraft tivessem sarado, a sua clavícula partida deixara-o permanentemente com uma postura descaída para a esquerda, como se tivesse dificuldade em manter-se direito. O outro fuzileiro que caminhava ao seu lado era William Pilkington, o fuzileiro que fora atingido no ombro no esconderijo naquele mesmo dia. Crozier reparou que Pilkington não parecia preferir aquele ombro ou braço, nesse dia.

O sargento David Bryant, o fuzileiro de patente mais elevada no *Erebus*, fora decapitado uns meros segundos antes de Sir John ter sido levado para debaixo do gelo pela criatura. Com o soldado William Braine morto na ilha de Beechey em 1846 e o soldado William Reed desaparecido no gelo a 9 de novembro do último outono, quando fora enviado para entregar uma mensagem no *Terror* — Crozier recordava-se bem da data porque ele próprio fizera a travessia do *Erebus* para o *Terror* na escuridão, nesse primeiro dia de completa escuridão de inverno — a besta reduzira a guarda de fuzileiros navais de Fitzjames a apenas quatro: o cabo Alexander Pearson no comando, o soldado Hopcraft com o seu ombro estragado, o soldado Pilkington com o seu ferimento de uma bala e o soldado Joseph Healey.

A guarnição de Crozier perdera apenas o soldado William Heather para a coisa no gelo, na noite de novembro passado em que a criatura subira a bordo e abriu o crânio do fuzileiro de vigia. Mas, estranhamente, chocantemente, Heather recusara-se a morrer. Depois de jazer em coma na enfermaria durante meses, a pairar obscenamente entre vida e morte, o

soldado Heather fora carregado pelos seus companheiros para a sua rede na proa, na zona de dormir da tripulação, onde o tinham alimentado, e limpo, e carregado para a retrete, e vestido todos os dias desde então. Era como se o homem, que apenas olhava e se babava, fosse o animal de estimação. Ele fora evacuado para o Acampamento do Terror na semana anterior, bem agasalhado pelos outros fuzileiros e instalado cuidadosa e quase regiamente num tobogã especial que Alex «Gordo» Wilson, o ajudante do carpinteiro, fizera para ele. Os marinheiros não tinham feito objeções à carga adicional, oferecendo-se, pelo contrário, para puxarem o pequeno trenó do cadáver vivo pelo gelo e pelas cristas de pressão até ao Acampamento do Terror.

Isso deixava a Crozier cinco fuzileiros navais — Daly, Hammond, Wilkes, Hedges e o sargento Soloman Tozer, de trinta e sete anos, um idiota analfabeto mas agora o oficial mais graduado entre o total de nove fuzileiros sobreviventes funcionais na expedição de Sir John Franklin.

Depois da primeira hora ao arnês, o trenó pareceu deslizar mais facilmente, e Crozier tinha entrado no ritmo de respiração enquanto puxava aquele peso morto por gelo tão pouco escorregadio.

Aquelas eram todas as categorias de homens de que Crozier se lembrava. Exceto, claro, os grumetes, aqueles jovens voluntários que se tinham candidatado para a expedição à última da hora e tinham sido alistados como «Grumetes», apesar de três ou quatro deles terem já feito os dezoito anos. Robert Golding tinha dezanove por altura da largada.

Três dos quatro «grumetes» tinham sobrevivido, embora o próprio Crozier tivesse sido forçado a carregar o inconsciente George Chambers dos compartimentos em chamas do Carnaval na noite do incêndio. A única fatalidade entre os grumetes fora Tom Evans, o mais jovem em comportamento como na idade; a coisa no gelo tinha arrancado o rapaz literalmente da frente do nariz do comandante Crozier quando estavam lá fora no gelo às escuras à procura do desaparecido William Strong.

George Chambers, embora tivesse recuperado a consciência dois dias depois do Carnaval, nunca mais fora o mesmo. Um rapaz alegre antes do seu violento encontro com a coisa, a concussão que sofrera reduzira-o a um nível de inteligência menor ainda do que o de Magnus Manson. George não era um cadáver vivo como o soldado Heather — conseguia obedecer a ordens simples, de acordo com o contramestre do *Erebus* — mas quase nunca mais falara depois daquela terrível Passagem de Ano.

Davey Leys, um dos homens mais experientes na expedição, era outro homem que sobrevivera fisicamente a dois encontros com a coisa branca no gelo mas que se tornara tão inútil como o literalmente desmiolado fuzileiro Heather, ultimamente. Depois da noite em que a coisa branca se confrontara com Leys e John Handford de vigia e depois perseguira o mestre do gelo

Thomas Blanky para a escuridão, Leys regressara ao seu anterior estado de olhar passivo e nunca mais recuperara. Fora transportado para o Acampamento do Terror — juntamente com os feridos com gravidade ou demasiado doentes para conseguirem andar, como o camareiro de Fitzjames, Hoar — embrulhado em casacos e aninhado num dos barcos que eram puxados em cima dos trenós. Havia agora demasiados homens com escorbuto, ferimentos ou o moral em baixo e que eram de pouca utilidade para Crozier ou Fitzjames. Mais bocas para alimentar e corpos para carregar quando os homens estavam com fome e doentes e mal capazes de andar.

Extenuado, percebendo que não dormira nas duas últimas noites, Crozier tentou contar os mortos.

Seis oficiais do *Erebus*. Quatro mortos no *Terror*.

Todos os três graduados do *Erebus*. Zero do *Terror*.

Um suboficial do *Erebus*. Um do *Terror*.

Apenas um marinheiro do *Erebus*. Quatro do *Terror*.

Isto perfazia vinte mortos, sem contar com os três fuzileiros e o grumete Evans. Vinte e quatro homens perdidos na expedição, até àquele momento. Uma perda tremenda — maior do que Crozier conseguia recordar de qualquer outra expedição ártica na história naval.

Mas havia um número mais importante, e era nesse que Francis Rawdon Moira Crozier se tentava concentrar: havia ainda 105 almas vivas ao seu cuidado.

Cento e cinco homens vivos, com ele incluído, naquele dia em que se via obrigado a abandonar o HMS *Terror* e fazer a travessia do gelo.

Crozier baixou a cabeça e inclinou-se mais sobre o arnês. O vento começara a subir e soprava a neve à volta deles, obscurecendo o trenó na sua frente e escondendo de vista os fuzileiros.

Não se enganara na contagem? Vinte mortos sem contar com os três fuzileiros e um grumete? Não, tinha a certeza de que ele e o tenente Little tinham verificado a lista oficial nessa manhã e confirmado 105 homens divididos entre os grupos de trenós, Acampamento do Terror e HMS *Terror* nessa manhã... mas estava *mesmo* certo? Esquecera-se de alguém? A sua adição e subtração estavam corretas? Crozier estava muito, muito cansado.

Francis Crozier podia ficar baralhado com a contagem por um momento — não dormia nada há duas, não, há três noites — mas não se esquecera do rosto ou do nome de um único homem. Nunca esqueceria.

— Senhor comandante!

Crozier saiu do transe em que caíra enquanto estava a puxar o trenó. Não saberia dizer a ninguém naquele momento se estivera ao arnês duran-

te uma hora ou seis. O mundo era o brilho do sol frio no céu a sudeste, os cristais de gelo, a névoa da sua respiração, a dor do corpo, o peso partilhado atrás de si, a resistência do mar de gelo e da neve molhada e, acima de tudo, o céu bizarramente azul com farrapos de nuvens brancas em cornucópias por todos os lados, como se estivessem todos a caminhar numa taça orlada de azul e branco.

— Comandante! — Era o tenente Little que chamava.

Crozier percebeu que os companheiros puxadores tinham parado. Todos os trenós estavam imóveis no gelo.

Na sua frente, a sudeste, talvez a quilómetro e meio para além da crista de pressão seguinte, um navio de três mastros movia-se de norte para sul. As suas velas estavam ferradas e cobertas, mas movia-se na mesma, como que sob uma forte corrente, deslizando lenta e majestosamente no que devia ser uma larga avenida de águas abertas logo depois da crista seguinte.

O socorro. A salvação.

A firme chama azul da esperança ardeu com mais força no peito dorido de Crozier, durante uns poucos segundos de emoção.

O mestre de gelo Thomas Blanky, com a perna de pau enfiada numa espécie de bota de madeira que o carpinteiro Honey concebera, aproximou-se de Crozier e disse:

— Uma miragem.

— Claro — disse o comandante.

Ele reconheceu os distintivos mastros e aparelho do HMS *Terror* quase de imediato, mesmo por entre o ar cintilante e ondulante, e, por alguns segundos de confusão que bordejava a vertigem, Crozier perguntara-se se, por qualquer razão, se tinham perdido, dado meio volta, estando agora a regressar a noroeste e ao navio que tinham abandonado horas antes.

Não. Ali estavam as velhas marcas dos trenós, em alguns pontos atenuadas pela neve mas profundamente marcadas no gelo pela repetida passagem para um lado e para o outro, durante mais de um mês, dirigindo-se diretamente para a alta crista de pressão com os seus estreitos desfiladeiros abertos a picaretas e pás. E o Sol ainda estava na frente deles e à sua direita, bem fundo ao sul. Para além da crista de pressão, os três mastros cintilavam, dissolviam-se num instante, e depois regressavam mais solidamente do que nunca, apenas ao contrário, com o casco do *Terror* inclinado a fundir-se num céu branco-cirro.

Crozier, Blanky e muitos dos outros já tinham visto este fenómeno várias vezes — coisas falsas no céu. Anos antes, numa bela manhã de inverno, quando estava na costa da massa de terra a que chamavam agora Antártida, Crozier vira um vulcão a fumar — o mesmo que recebera o nome deste navio — a erguer-se, às avessas, do mar solidificado a norte. Outra vez,

nessa mesma expedição, na primavera de 1847, Crozier chegara ao convés para descobrir esferas negras a flutuar no céu a sul. As esferas transformaram-se em sólidos oitos, depois dividiram-se outra vez no que parecia uma progressão simétrica de balões cor de ébano e depois, em cerca de quinze minutos, evaporaram-se completamente.

Dois marinheiros no terceiro trenó tinham-se deixado cair literalmente no chão e ficaram de joelhos na neve cheia de sulcos. Um homem chorava audivelmente e o outro soltava uma corrente dos mais imaginativos palavrões de marinheiro que Crozier alguma vez ouvira — e o comandante já ouvira a sua dose ao longo das décadas.

— Raios! — gritou Crozier. — Não é a primeira vez que vêm miragens no ártico. Parem com a choradeira e com os palavrões ou vão puxar esse maldito trenó sozinhos, e eu fico sentado em cima dele com um pé em cada um dos vossos rabos. Levantem-se, por Deus! Vocês são homens ou umas velhinhas? Então portem-se como tal!

Os dois marinheiros puseram-se de pé e sacudiram desajeitadamente os cristais de gelo e neve com que tinham ficado na roupa. Crozier não conseguiu identificá-los de imediato pelas roupas e perucas galesas, mas também não o quis fazer.

A fila de trenós voltou a avançar, com muitos grunhidos de cansaço mas sem palavrões. Toda a gente sabia que a alta crista de pressão na frente deles, mesmo esculpida como estava por incontáveis passagens anteriores nas últimas semanas, ia ser um tremendo esforço. Teriam de erguer e dominar os pesados trenós pelos quatro metros e meio, pelo menos, daquela subida íngreme entre os perigosos penhascos de gelo de cada um dos lados. A ameaça de queda de gelo seria muito real.

— É como se houvesse algum Deus negro a querer atormentar-nos — disse Thomas Blanky quase alegremente. O mestre do gelo não tinha turnos nos trenós e coxeava ainda ao lado de Crozier.

O comandante não respondeu a isto e, passado um minuto, Blanky deixou-se ficar para trás para caminhar ao lado de um dos fuzileiros.

Crozier chamou um dos homens de descanso para tomar o seu lugar ao arnês — algo que tinham ensaiado fazer sem parar o movimento dos trenós — e, quando o homem ficou pronto, ele desviou-se dos sulcos e olhou para o relógio. Estavam a puxar há cinco horas. Ao olhar para trás, Crozier viu que o verdadeiro *Terror* estava há bastante tempo fora do campo de visão, a, pelo menos, cinco milhas e várias cristas de pressão atrás deles. A miragem fora uma última oferenda de algum maligno deus ártico que parecia decidido a atormentá-los a todos.

Ainda o líder daquela malfadada expedição, Francis Rawdon Moira Crozier apercebeu-se pela primeira vez de que já não era comandante de

um navio do Serviço de Descobertas da Marinha Real. Aquela parte da sua vida — e ser marinheiro e oficial naval fora a sua vida desde rapaz — terminara para sempre. Depois de ser responsável pela perda de tantos homens e ambos os navios, ele sabia que o almirantado nunca lhe daria outro comando. Crozier sabia que, em termos da sua longa carreira naval, ele era um homem a caminho da execução.

Ainda estavam a dois duros dias de viagem do Acampamento do Terror. Crozier fixou o seu olhar na alta crista de pressão na sua frente e começou a andar.

GOODSIR

*Lat. 69° 37' 42" N, Long. 98° 41' 0".
22 de abril de 1848*

Do diário particular do Dr. Harry D. S. Goodsir:

22 de abril de 1848

Estou há quatro Dias neste lugar a que chamamos Acampamento do Terror. Acredito que faz jus ao seu nome.

O comandante Fitzjames está aqui ao comando de sessenta homens, comigo incluído.

Confesso que, quando aqui cheguei, na semana passada, a primeira Imagem que veio à minha mente foi qualquer coisa saída da Ilíada de Homero. O acampamento foi montado ao longo da margem de uma larga Enseada, cerca de três quilómetros a sul de um marco erguido há quase duas décadas no promontório Victory por James Clark Ross. Está um pouco mais Abrigado do Vento e da Neve que são soprados da banquisa.

Talvez as cenas da Ilíada fossem evocadas pelos 18 barcos em fila na margem do mar de gelo — 4 barcos deitados de lado na gravilha, os outros 14 presos na vertical aos Trenós.

Atrás dos Barcos estão 20 tendas, que variam em tamanho desde as pequenas tendas Holland do Género que usámos há quase um Ano quando acompanhei a equipa do falecido tenente Gore ao promontório Victory — em cada tenda Holland podem dormir seis homens, três por cada saco-cama de pele de lobo — até às tendas maiores, feitas pelo mestre-veleiro, Murray, incluindo tendas feitas para os comandantes Fitzjames e Crozier e os seus camareiros pessoais, e as duas tendas maiores, cada uma aproximadamente

do tamanho das câmaras de oficiais do Erebus e do Terror, uma para servir de enfermaria, a outra de Messe dos marinheiros. Há outras tendas para messes dos graduados, suboficiais e os seus Correspondentes Cívicos, como o maquinista-chefe Thompson e Eu.

Ou talvez a *Iliada* fosse evocada porque, quando nos aproximamos do Acampamento do Terror à Noite — e todas as Equipas de *Trenós* que chegam do HMS Terror ao acampamento chegaram depois do anoitecer do Terceiro Dia — somos confrontados pelo número de fogueiras. Não há madeira para arder, claro, exceto algum carvalho trazido do Erebus esmagado precisamente para esse propósito, mas muitas das Últimas sacas de Carvão restantes tinham sido trazidas dos Navios durante o último mês, e muitas dessas Fogueiras a carvão estavam acesas quando vi o Acampamento do Terror pela primeira vez. Algumas eram feitas em Círculos de pedras; outras em quatro dos altos Braseiros recuperados do Incêndio do Carnaval.

O efeito era todo chamas e luz, aumentado pela ocasional tocha e lanterna.

Depois de passar vários dias no Acampamento do Terror, decidi que o lugar mais se parece com um Campo de Piratas do que qualquer acampamento de Aquiles, Ulisses, Agamémnon e os outros Heróis Homéricos. As roupas dos Homens estavam rasgadas, esfiapadas e muitas vezes remendadas. A maior parte deles está Doente ou a Coxear ou ambas as coisas. Os seus rostos estão Pálidos debaixo das Espessas barbas. Os olhos fitam apaticamente das Órbitas Cavadas.

Vagueiam ou cambaleiam por ali, com as suas Facas penduradas dos cintos grosseiros enrolados em volta dos Agasalhos exteriores em Bainhas feitas com as das Baionetas. Foi ideia do comandante Crozier, bem como a dos Óculos de malha de Rede improvisados que os homens usam nos dias soalheiros para prevenir a Cegueira causada pelo Sol. O efeito geral é o de um grupo de Rufias.

E agora quase todos mostram sinais de Escorbuto.

Tenho estado bastante ocupado na Tenda da Enfermaria. As equipas de *trenós* têm gasto a Energia Extra para arrastar uma Dúzia de Beliches com eles pelo gelo e por cima das Terríveis Cristas de Pressão (mais dois outros para as tendas dos Comandantes), mas, de momento, tenho 20 homens na Enfermaria, por isso estão 8 em Enxergas feitas com Cobertores no chão frio. Três lanternas a óleo dão-nos Iluminação durante as longas noites.

A maior parte dos homens que dormem na Enfermaria sucumbiram ao Escorbuto, mas nem todos. O sargento Heather está novamente ao meu cuidado, juntamente com o soberano de ouro que o Dr. Peddie lhe aparafusou ao crânio para substituir o osso arrancado com uma parte do seu cérebro pela

Coisa do Gelo. Os Fuzileiros andam a cuidar de Heather há meses e planeavam continuar a fazê-lo aqui no Acampamento do Terror — o Sargento chegou aqui transportado no seu Próprio Pequeno Trenó concebido pelo senhor Honey — mas um possível Resfriado durante os três dias e noites da Travessia provocou-lhe uma Pneumonia. Desta vez, não tenho esperanças que o Sargento da Marinha, que foi um perturbador Milagre de Sobrevivência, consiga Sobreviver muito mais tempo.

Também aqui está David Leys, a quem os camaradas chamam Davey. A sua condição catatónica não se altera há Meses, mas, depois da Travessia desta semana — ele veio com o meu grupo —, não tem sido capaz de aguentar no estômago nem a mais Ligeira Papa ou água. Hoje é sábado. Não me parece que Leys esteja vivo pela quarta-feira a esta hora.

Devido ao Grande Esforço de puxar os barcos e tanto Material do Navio para a Ilha — passando por cima das cristas que tive Dificuldade em subir mesmo sem estar a puxar o arnês — houve o costumeiro complemento de feridas e Ossos Partidos para tratar. Estes incluíram uma mais grave fratura exposta no braço do marinheiro Bill Shanks. Mantive aqui o homem depois de o tratar, com receio de infeção. (A carne e pele tinham sido perfuradas por osso afiado em dois lugares.)

Mas o Escorbuto mantém-se como o Principal Assassino a pairar sobre esta tenda.

Hoar, o Camareiro Pessoal do comandante Fitzjames, pode bem vir a ser o primeiro a Morrer dele Aqui. Já não está Consciente, durante a maior parte do dia. Tal como Leys e Heather, teve de ser transportado ao longo das 25 Milhas que separam o nosso Navio condenado deste Acampamento do Terror.

Edmund Hoar é um precoce mas Típico exemplo da evolução desta doença. O Camareiro do comandante é um Jovem — fará 27 em menos de duas semanas, a 9 de maio. Se sobreviver tanto tempo.

Hoar é um homem grande, para Camareiro — um metro e oitenta e dois — e, aparentemente, para o Cirurgião Chefe Stanley e para mim, estava de boa saúde quando a Expedição largou de Inglaterra. Era rápido, esperto, atento, enérgico nos seus Deveres e invulgarmente atlético para um camareiro. Durante os Jogos de corrida e outros tão frequentemente jogados no gelo na ilha de Beechey, durante o inverno de 1845-46, Hoar era muitas vezes o vencedor e líder das suas várias equipas.

Tem tido ligeiros sintomas de Escorbuto desde o último outono — fadiga, lassitude, a Confusão cada vez mais frequente — mas a doença tornou-se mais Pronunciada depois do Desastre do Carnaval de Veneza. Continuou a servir o comandante Fitzjames dezasseis horas por dia ou mais até fevereiro, mas, finalmente, a sua saúde cedeu.

O primeiro Sintoma a dar-se a conhecer ao senhor Hoar foi aquilo a que os homens no castelo de proa chamam a Coroa de Espinhos.

Começou a escorrer sangue do cabelo de Edmund Hoar. E não apenas do cabelo na sua cabeça. Primeiro foram os seus Barretes, e depois as Camisolas interiores, e depois as Roupas interiores que começaram a ficar manchadas de Sangue a cada dia.

Tenho observado isto cuidadosamente, e o sangue no Escalpe vem dos próprios folículos. Alguns dos Marinheiros tentaram evitar este Primeiro Sintoma rapando o cabelo, mas claro que isto não serve de nada. Como a maioria dos homens andava com as perucas galesas, barretes, lenços e almofadas ensogados de sangue, marinheiros e oficiais começaram a usar Toalhas de baixo dos agasalhos da cabeça e sobre as almofadas à noite.

Claro que isto não Mitiga o Embaraço e Desconforto de sangrar de todos os Pontos que têm pelo corporal.

As hemorragias começaram a aparecer debaixo da pele do Camareiro Hoar em janeiro. Embora os Jogos ao Ar Livre fossem então uma Memória distante e os deveres de Hoar raramente o levassem para longe do Navio ou implicassem Grande Esforço Físico, a mais pequena Pancada ou Ferida tornava-se, no seu corpo, um maciço borrão vermelho-e-azul.

Pelo final de janeiro, as pernas do senhor Hoar tinham inchado para o Dobro do seu Tamanho Normal. Teve de pedir emprestadas as Calças imundas de membros de tripulação maiores só para ficar vestido enquanto servia o seu comandante. Não conseguia dormir por causa da Dor crescente nas Articulações. Pelo início de março, qualquer movimento era a Agonia para Edmund Hoar.

Durante todo o mês de março, Hoar insistiu que não podia ficar na Enfermaria do Erebus — que tinha de regressar ao seu camarote e servir e cuidar do comandante Fitzjames. O cabelo louro estava constantemente ensogado com sangue coagulado. Os braços, pernas e rosto inchados começaram a parecer uma Massa pastosa. Sempre que eu testava a sua pele, ela Perdera mais Elasticidade; na semana antes de o Erebus ficar destruído, se pressionasse com força na carne de Edmund Hoar, a cova ficava ali permanentemente, a nova Equimose espalhando-se e fundindo-se numa manta de retalhos de anteriores hemorragias.

Por meados de abril, todo o corpo de Hoar se tornara uma massa Inchada e Disforme. O rosto e mãos estavam Amarelos de icterícia. Os olhos eram de um Amarelo Brillhante, tornado ainda mais chocante devido ao sangramento das sobrancelhas.

Apesar dos esforços que eu e o meu assistente fazíamos para virar e mover o paciente várias vezes ao Dia, quando o retirámos do moribundo Erebus, Hoar estava coberto de escaras que se tinham tornado úlceras castanhas que

nunca paravam de Supurar. O seu rosto, especialmente de cada lado do Nariz e da Boca, estava também ulcerado, e constantemente a exsudar Pus e Sangue.

O Pus de uma vítima de Escorbuto tem um fedor extraordinariamente revoltante.

No dia em que transportámos o senhor Hoar para o Acampamento do Terror, ele tinha perdido todos os seus dentes exceto dois. E aquele era um homem que — no Dia de Natal — se gabara de ter o sorriso mais saudável de todos os jovens na Expedição.

As gengivas de Hoar enegreceram e encolheram. Está consciente apenas algumas horas por dia e com Dores Terríveis durante cada segundo daquele tempo. Quando lhe abrimos a boca para o alimentar, o Cheiro é quase insuportável. Uma vez que não podemos lavar Toalhas, forrámos-lhe o Leito com pano de velas que está agora Preto de Sangue. As suas roupas geladas e infetas estão também Duras com o Sangue e Pus Incrustados.

Por mais terríveis que sejam a sua Aparência e o seu Sofrimento, o Facto mais Terrível é que Edmund Hoar poderá arrastar-se nestas condições — e Piorando a cada Dia — durante mais Semanas ou até Meses. O Escorbuto é um assassino Insidioso. Tortura durante muito tempo antes de oferecer à sua vítima o descanso final. Muitas vezes, quando uma pessoa morre de Escorbuto, nem o Familiar mais próximo o consegue reconhecer nem a mente do Sofredor consegue já reconhecer o parente.

Mas isto não é aqui um problema. Com Exceção de irmãos a servir juntos nesta Expedição — e Thomas Hartnell perdeu o irmão mais velho na ilha de Beechey — não há aqui parentes que alguma vez atravessem o gelo para chegar a esta Terrível Ilha de vento, neve, gelo, trovoadas e nevoeiro. Não há ninguém para nos identificar quando cairmos, quanto mais para nos Enterrar.

Doze dos homens na Enfermaria estão a morrer de Escorbuto, e mais de dois terços dos 105 sobreviventes, comigo incluído, têm um ou mais sintomas da doença.

Ficaremos sem sumo de limão — o nosso mais eficaz antiescorbútico, embora a sua eficácia esteja a Declinar consistentemente desde o ano anterior — em menos de uma semana. A única Defesa que terei depois é o Vinagre. Há uma semana — na Tenda de Armazenamento junto ao HMS Terror — presidi pessoalmente à decantação dos nossos últimos volumes de Vinagre nos barris para ser dividido em 18 Barricas mais Pequenas — uma para cada barco que foi levado de trenó para o Acampamento do Terror.

Os homens odeiam Vinagre. Ao contrário do sumo de limão, cuja acidez pode ser algo disfarçada com porções de Água com Açúcar, ou mesmo Rum, o Vinagre sabe a veneno a homens cujos palatos foram já danificados pelo Escorbuto que se desenvolve nos seus organismos.

Os oficiais, que se alimentaram mais dos Alimentos Enlatados de Goldner do que os marinheiros — que comeram a sua amada (ainda que rançosa) Carne de Porco Salgada até esses barris se esvaziarem — parecem mais atacados pelos sintomas avançados de Escorbuto do que os marinheiros comuns.

Isto confirma a teoria do Dr. McDonald de que falta algum Elemento vital — ou há algum Veneno presente — nas carnes e vegetais e sopas enlatados em comparação com vitualhas estragadas mas que eram frescas. Se houvesse alguma maneira milagrosa de poder descobrir esse Elemento — ou veneno — não só teria uma boa Hipótese de salvar estes homens, possivelmente até o senhor Hoar, mas seria uma excelente Oportunidade para ser armado Cavaleiro quando formos resgatados ou atingirmos um porto seguro pelos nossos meios.

Mas não há maneira de o fazer, dadas as nossas atuais Condições e a minha falta de qualquer Equipamento Científico. O melhor que posso fazer é insistir que os homens comam toda a carne fresca que os nossos caçadores conseguirem trazer. Até a Gordura e os doces — é a minha intuição, contra toda a lógica — podem proteger-nos contra o Escorbuto.

Mas os nossos caçadores não encontraram nenhum ser vivo para caçar. E o gelo é demasiado espesso para o poderem cortar para pescar.

Na noite passada, o comandante Fitzjames passou por aqui, como costuma fazer no princípio e no fim de cada um destes longos, longos Dias, e, depois de ele fazer a sua habitual Ronda dos homens adormecidos, perguntando-me por Mudanças no Estado de cada um, fui suficientemente Direto para lhe fazer a pergunta em que andava a pensar há tantas semanas.

Comandante, disse eu, compreendo se estiver demasiado ocupado para me responder ou se preferir não o fazer, uma vez que é uma pergunta de marinheiro de água doce, mas tenho andado a pensar: porquê 18 Barcos?

Creio que trouxemos Todos os Barcos do Erebus e do Terror, e no entanto só temos 105 homens.

O comandante Fitzjames disse: Venha comigo lá fora, por favor, Dr. Goodsir.

Eu disse a Henry Lloyd, o meu Cansado Assistente, que vigiasse os homens, e segui o comandante Fitzjames para fora da tenda. Tinha reparado na Enfermaria que a Barba dele, que eu julgara ser Ruiva, era, na verdade, Grisalha, apenas orlada de Sangue seco.

O comandante trouxera uma Lanterna da Enfermaria e foi à frente com ela até à Praia de cascalho.

Nenhum Mar Escuro lambia os Seixos desta Praia, claro. Em vez disso, o monte de Altos Icebergues costeiros que formava uma Barreira entre nós e a Banquisa ainda contornava a Costa.

O comandante Fitzjames ergueu a sua lanterna ao longo da fila de barcos. O que vê, Doutor, perguntou ele.

Barcos, arrisquei, sentindo cada centímetro do Marinheiro de água Doce de que me acusara previamente.

Consegue ver a diferença entre eles, Dr. Goodsir?

Eu olhei com mais atenção à luz da lanterna.

Aqueles quatro primeiros não estão em cima de Trenós, disse eu. Reparara rapidamente nisso, logo na primeira noite que ali passara. Não fazia ideia da razão, quando o senhor Honey se dera a tantos trabalhos para fazer Trenós especiais para todos os Outros. Isso parecia-me um Rude Descuido.

Sim, está correto, disse o comandante Fitzjames. Aquelas Quatro são as nossas Baleeiras do *Erebus* e do *Terror*. Trinta pés. Mais leves do que os Outros. Muito fortes. Seis remos cada. Popa e Proa finos... está a ver?

Agora estava. Nunca tinha reparado que as baleeiras pareciam ter duas proas, como as canoas.

Se tivéssemos seis baleeiras, continuou o comandante, tudo teria sido perfeito.

Porquê?, perguntei.

São fortes, doutor. Muito fortes. E ligeiras, como lhe disse. E podíamos empilhar Provisões em cima delas e arrastá-las pelo gelo sem ter necessidade de construir Trenós como fizemos para os Outros. Se encontrássemos Águas Abertas, podíamos lançá-las diretamente do gelo.

Eu abanei a cabeça. Sabendo que o comandante Fitzjames me julgaria um Perfeito Idiota assim que fizesse a pergunta — fi-la na mesma. Mas porque é que as baleeiras podem ser arrastadas pelo gelo e os outros não, comandante?

A voz do comandante Fitzjames não mostrava qualquer sinal de impaciência quando ele disse: Está a ver o leme, doutor?

Eu olhei para cada ponta, mas não vi. Confessei-o ao comandante.

Exatamente, disse ele. As baleeiras têm uma Quilha Superficial e não têm Leme fixo. É um remador à proa que a dirige.

Isso é assim tão bom?, perguntei.

É, se quiser um barco ligeiro e resistente com uma Quilha superficial e sem um frágil Leme para se partir quando se está a arrastá-lo, disse o comandante Fitzjames. Perfeito para ser puxado pelo gelo, embora tenha três pés de comprimento e consiga levar até Doze Homens, com espaço para Provisões.

Anuí, como se compreendesse. Quase tinha compreendido — mas estava muito cansado.

Está a ver o mastro, doutor?

Olhei mais uma vez. Mais uma vez não consegui encontrar o que me fora pedido que encontrasse. Admiti que falhara.

Isso é porque as baleeiras têm um único mastro desmontável, *disse o comandante*. Está ali guardado debaixo da Lona que os homens prenderam aos talabardões.

Eu já tinha reparado que havia pano e madeira a cobrir todos os barcos, *disse eu, para mostrar que não era totalmente destituído de poder de observação*. É para os proteger da neve?

Fitzjames estava a acender o seu cachimbo. Tinha ficado sem Tabaco há muito tempo. Eu não queria Saber o que ele estava agora a queimar. As Coberturas nos Barcos foram postas para proteger as Tripulações de todos os 18 barcos, embora possamos levar apenas 10 connosco, *disse ele suavemente*. A maior parte dos homens no acampamento dormia. Os guardas andavam, friorentos, mesmo no limite da luz da lanterna.

Estaremos debaixo daquela lona quando atravessarmos Águas Abertas até à boca do rio Great Fish?, *perguntei*. Nunca nos tinha imaginado agachados debaixo de Lona e madeira. Sempre nos tinha imaginado a remar alegremente à Luz do Sol.

Podemos não usar os Barcos no Rio, *disse ele, a soprar aromáticas nuvens daquilo que cheirava a excremento humano seco*. Se as Águas ao longo da Costa se abrirem este verão, o comandante Crozier preferia levar-nos nos barcos até um lugar seguro.

Até ao Alasca e a St. Petersburg?, *perguntei*.

Até ao Alasca, pelo menos, *disse o comandante*. Ou talvez para a baía de Baffin, se os Canais Costeiros se abrirem para norte. *Deu alguns passos e estendeu a lanterna na direção dos Barcos nos Trenós*. Conhece estes Barcos, Doutor?

São diferentes, senhor comandante? *Pensei que uma tão terrível Fadiga era uma grande Desculpa para uma Honestidade sem Embarços*.

Sim, *disse Fitzjames*. Aqueles dois amarrados aos Trenós especiais do senhor Honey são os nossos cúteres. Decerto terá reparado neles quando estavam Amarrados no Convés ou no gelo ao lado dos Navios nestes Três Invernos?

Sim, claro, *respondi*. Mas está a dizer que estes são diferentes dos primeiros, as baleeiras?

Bastante diferentes, *disse o comandante Fitzjames, parando para reacender o seu cachimbo*. Reparou em alguns mastros nestes barcos, doutor?

Mesmo à fraca luz da lanterna, conseguia ver os dois mastros que se erguiam de cada uma destas embarcações. O Pano fora Habilmente cortado e Cosido à volta deles. Disse ao Comandante o que observava.

Sim, muito bem, *disse ele*. Não parecia Condescendente.

Aqueles mastros não estão desmontados por alguma razão?, *perguntei, mais para mostrar que estivera a prestar atenção do que por qualquer outra razão.*

Não são desmontáveis, Dr. Goodsir. Aqueles mastros são fixos. E está a ver os lemes fixos? E as quilhas mais profundas?

Eu estava. Conseguia ver. Os Lemes e Quilhas são a razão porque não podem ser Arrastados como as baleeiras?, *aventurei.*

Exatamente. Diagnosticou o Problema, doutor.

E os Lemes não podiam ser removidos, comandante?

Possivelmente, Dr. Goodsir, mas as Quilhas profundas... ficariam Presas ou seriam Arrancadas pela primeira Crista de Pressão, não é verdade?

Anuí novamente e pousei a minha mão enluvada sobre a borda da embarcação. É imaginação minha ou estes quatro barcos são ligeiramente mais pequenos do que as baleeiras?

Tem muito bom Olho, Doutor. 28 pés, ao contrário dos 30 pés das baleeiras. E mais pesados... os Cúteres são mais Pesados. E têm a popa quadrada.

Reparei pela primeira vez que estes 2 Barcos, ao contrário das baleeiras, tinham, definitivamente, a popa quadrada. Não se tratava ali de Canoas. Quantos homens levam os Cúteres?, *perguntei.*

Dez. E oito Remos. Têm espaço para algumas Provisões e ainda para nos Abrigarmos da Tempestade, mesmo em Mar Aberto, e, com os dois mastros, os Cúteres oferecem o dobro do Pano das baleeiras, mas os Cúteres não serão tão bons como elas se tivermos de subir o rio.

Porquê?, *perguntei, sentindo que já o devia saber, que ele já me dissera.*

O calado mais profundo, senhor. Vamos ver os dois a seguir... os botes catraios.

Não me pareceu que aqueles dois barcos tivessem nada de catraio. Parecem mais compridos do que os Cúteres, *comentei.*

São mesmo, Doutor. 30 pés de comprimento... o mesmo que as nossas baleeiras. Mas mais Pesados, doutor, mais Pesados até do que os Cúteres. Imponentes, com os seus mais de quatrocentos quilos. Trenós para os transportar no Gelo... mesmo esta distância... garanto-lhe. O comandante Crozier pode preferir deixá-los aqui.

Eu perguntei: Então não os devíamos ter deixado nos navios?

Ele abanou a cabeça. Não. Precisamos de escolher os barcos que melhor nos servirão para permitir que 100 homens sobrevivam várias semanas ou meses no mar, ou mesmo no rio. Sabia que os Barcos... todos estes Barcos... têm de ser aparelhados de maneira diferente consoante viajemos no mar ou rio acima, doutor?

Era a minha vez de abanar a cabeça.

Não importa, *disse o comandante Fitzjames*. Falaremos das diferenças de viajar no rio e no mar noutra altura, de preferência num dia de sol e Quente bem a Sul daqui. Estes últimos 8 barcos... Temos primeiro Duas pinaças, os Quatro seguintes são Chalupas e os últimos Dois são Botes.

Os Botes parecem muito mais pequenos, *disse eu*.

O comandante Fitzjames *soprou o fumo do seu cachimbo literalmente execrável e anuiu como se eu tivesse revelado Alguma Pérola de Sabedoria das Sagradas Escrituras*. Sim, disse ele tristemente. Os Botes têm apenas 12 pés de comprimento, enquanto as Pinaças têm 28 e as Chalupas 22. Mas, em qualquer uma delas, os homens passariam Tempos Difíceis, se fôssemos para Mar Aberto. Eu não ficaria surpreendido se o comandante Crozier optasse por Deixá-las para Trás.

Mar Aberto?, *pensei*. *A ideia de viajar a sério com qualquer uma daquelas embarcações em qualquer coisa mais extensa do que o rio Great Fish, que eu imaginava mais ou menos como o Tamisa, nunca me ocorrera antes daquela noite, embora tivesse estado presente em diversos conselhos de guerra a discutir tal possibilidade. Parecia-me, ao olhar aqueles pequenos e quase delicados Botes e Chalupas presos aos seus Trenós, que os homens que tivessem de ir com eles para o mar estariam condenados a ficar a ver as Pinaças com os seus Dois Mastros e as Baleeiras com o seu único Mastro a desaparecerem, simplesmente, no horizonte.*

Os homens naqueles Barcos mais Pequenos estariam Condenados. Como seriam escolhidas as tripulações? Já teriam sido escolhidas, em segredo, pelos dois Comandantes?

E que barco — e que destino — me fora atribuído?

Se levarmos os Barcos mais Pequenos, faremos um sorteio para eles, *disse o comandante*. Os lugares nas pinaças, botes catraios e baleeiras serão atribuídos de acordo com as equipas de trenós.

Eu devo ter feito um olhar alarmado.

O comandante Fitzjames *riu-se — um riso que se transformou numa tosse violenta — e despejou as cinzas do cachimbo contra a Bota*. O vento começava a aumentar, e estava muito frio. Eu não fazia ideia das horas — *algures depois da Meia-Noite. Estava escuro há pelo menos sete horas.*

Não se preocupe, Doutor, *disse ele suavemente*. Eu não estava a ler a sua mente. Apenas a sua expressão. Como estava a dizer, tiraremos à sorte para os barcos mais pequenos, mas podemos nem levá-los. Seja como for, não deixaremos ninguém para trás. Vamos atar os barcos uns aos outros em Águas Abertas.

Sorri ao ouvir isto, esperando que, à luz da lanterna, o comandante conseguisse ver o meu sorriso mas não as minhas Gengivas a Sangrar. Não sabia que isso se podia fazer, *disse eu, mostrando novamente a minha ignorância*.

Na maior parte das vezes, não pode, *disse o comandante Fitzjames. Tocou-me ligeiramente nas costas — um toque que mal senti através das minhas roupas.* Agora que aprendeu os Segredos Náuticos de todos os 18 Barcos da nossa pequena Frota, Doutor, vamos regressar? Está muito frio, e tenho de Dormir um pouco antes de me levantar às duas da manhã para supervisionar os Quartos.

Mordi o lábio, senti o gosto do sangue. Eu tenho uma última pergunta, senhor comandante, se não se importar.

De todo.

Quando é que o comandante Crozier escolherá o barco que tomaremos e quando porá os barcos na água? *A minha voz estava muito rouca.*

O comandante moveu-se ligeiramente e vi a sua silhueta contra a luz da fogueira perto da Tenda de Messe dos Marinheiros. Não conseguia ver-lhe o rosto.

Não sei, Dr. Goodsir, *disse ele por fim.* Duvido que o comandante Crozier lho pudesse dizer. A Dona Sorte pode estar connosco e o Gelo pode ceder dentro de umas poucas Semanas... se isso acontecer, eu próprio o levo para a ilha de Baffin. Ou podemos estar a lançar algumas destas embarcações na corrente na Boca do rio Great Fish dentro de três meses... é concebível que tenhamos tempo de chegar ao lago Great Slave e ao posto avançado que lá há antes que o inverno se instale de vez, mesmo que demoremos até julho para chegar ao rio.

Deu uma palmadinha no lado curvo da Pinaça que estava mais perto dele. Senti um estranho e silencioso orgulho por ter podido identificá-la como uma Pinaça.

Ou talvez fosse um dos 2 Botes Catraios.

Tentei não pensar no estado de Edmundo Hoar e no que ele predizia para todos os outros homens se não começássemos a nossa Subida do rio de Back... o rio a que também chamavam Great Fish... dali a Três Meses. Quem estaria ainda Vivo se um barco chegasse ao Lago Great Slave meses depois disso?

Ou então, *disse ele suavemente,* se a Dona Sorte não estiver connosco, aqueles cascos e quilhas podem nunca voltar a sentir a água debaixo deles.

Não havia nada que pudesse responder a isto. Era a nossa Sentença de Morte. Voltei as costas à luz para começar a fazer o caminho de regresso à Tenda da Enfermaria. Respeitava o comandante James Fitzjames e não queria que ele visse o meu rosto naquele Momento.

A mão do comandante Fitzjames caiu no meu ombro, detendo-me.

Se for esse o caso, *disse ele, com uma voz intensa,* teremos simplesmente de ir para casa a pé, não concorda?